

**UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE**

**ROBERTO SILVA FONSÊCA**

**RELIGIÃO E INTERIORIDADE:  
O BEM E O MAL NA VIDA DE MARTINHO LUTERO  
COM O ENFOQUE PSICANALÍTICO DE ERIK H. ERIKSON**

**SÃO PAULO  
2007**

**UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE**

**ROBERTO SILVA FONSÊCA**

**RELIGIÃO E INTERIORIDADE:  
O BEM E O MAL NA VIDA DE MARTINHO LUTERO  
COM O ENFOQUE PSICANALÍTICO DE ERIK H. ERIKSON**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto-Sensu em Ciências da Religião, da Universidade Presbiteriana Mackenzie, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião.

**Orientador:** Dr. Ronaldo de Paula Cavalcante

**SÃO PAULO  
2007**

**UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE**

**ROBERTO SILVA FONSÊCA**

**RELIGIÃO E INTERIORIDADE:  
O BEM E O MAL NA VIDA DE MARTINHO LUTERO  
COM O ENFOQUE PSICANALÍTICO DE ERIK H. ERIKSON**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto-Sensu em Ciências da Religião, da Universidade Presbiteriana Mackenzie, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Ronaldo de Paula Cavalcante  
Universidade Presbiteriana Mackenzie

---

Prof. Dr. Antonio Máspoli de Araújo Gomes  
Universidade Presbiteriana Mackenzie

---

Prof. Dr. Lauri Emílio Wirth  
Universidade Metodista de São Paulo

Dedico este trabalho a todos aqueles que se interessam por História da Igreja, Psicanálise e que se colocam nas mãos de Deus para fazer a sua obra; a todos aqueles envolvidos com saúde mental; a todos aqueles que acreditam em uma igreja como verdadeira comunidade terapêutica, produtora não de insanidades, mas de uma ótima saúde mental.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, que me deu disposição, motivação, para concluir mais este projeto de minha vida. Somente por intermédio Dele, posso mover e existir, e a Ele seja dada toda glória;

Ao professor Dr. Ronaldo de Paula Cavalcante, que durante todo este período me acompanhou, demonstrando ser muito mais que um professor, orientador, mas um amigo, uma pessoa de carne e osso como eu;

Agradeço à minha fiel e dedicada esposa Alexandra, meus filhos Mateus e Lucas, que me suportaram em todos os momentos de estresse, decorrente do tão grande compromisso que envolveu este mestrado;

Agradeço aos meus pais Geraldo e Maria, que me ajudaram a dar os primeiros passos na minha formação acadêmica;

Ao meu amigo e companheiro de caminhada ministerial, Luiz Manoel Gregolim Junior, que me ajudou tanto dividindo comigo a carga ministerial da Igreja, neste período tão apertado de tempo;

Agradeço a todos aqueles que me ajudaram na revisão deste trabalho: Marta, Letícia, Gilberto Loibel e Mirian;

À Igreja Presbiteriana de São Carlos, instituição que tenho o prazer de servir, e pelo apoio demonstrado neste período acadêmico.

“Se não sou reprovado pelo depoimento das Sagradas Escrituras ou por motivos plausíveis – pois eu não posso acreditar nem no Papa e no Concílio, já que está confirmado que se têm enganado e sido contraditórios repetidamente – considerar-me-ei vencido pelas Escrituras, as quais me têm dado suporte, porque a minha consciência está aprisionada à Palavra de Deus. Portanto, não quero nem posso retratar-me de nada, pois laborar contra a própria consciência não é nem seguro nem digno. Que Deus me ajude. Amém!”

***Martinho Lutero***

## RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar a vida de Martinho Lutero do ponto de vista psicanalítico, através do estudo do livro de Erik Erikson, *Young Man Luther, A Study in Psychoanalysis and History*. É uma pesquisa bibliográfica muito difícil, devido a quantidade de material produzido até aqui sobre a vida de Lutero. Uma psicobiografia que aspire desenvolver um estudo profundo e compreensível de uma pessoa cuja magnitude de referências é tão vasta, não é uma tarefa fácil.

O primeiro capítulo tem como meta fazer uma Aproximação Histórico-Científica dos Dois Protagonistas. Primeiramente será apresentada uma exposição detalhada da vida pessoal de Martinho Lutero, começando pelos seus pais, chegando na individualidade dele, e seu relacionamento com sua esposa e filhos. Depois disto, haverá também uma parte dedicada à vida e pensamento de Erik Erikson, que é o referencial teórico deste trabalho.

O segundo capítulo consiste em um Diálogo Crítico Com A Teoria De Erikson Sobre Lutero, elaborando uma análise crítica do livro de Erikson *Young Man Luther*. Esta apreciação será feita com base em pensamentos próprios do autor desta dissertação, no que o próprio Lutero disse, e no que outros biógrafos falaram e escreveram exaustivamente a respeito de sua vida.

Finalmente, uma apreciação crítica, e conclusões pessoais a respeito dos protagonistas.

**Palavras-chave:** 1) Martinho Lutero; 2) Erik Erikson; 3) Psicanálise; 4) Self; 5) O Consciente; 6) O Inconsciente; 7) Pai; 8) Mãe; 9) Moratória; 10) Desenvolvimento Psico-Social; 11) Identidade; 12) Identidade Negativa.

## **ABSTRACT**

The aim of his paper is to analyze Martin Luther's life, from the psychoanalytic view-point, by studying Erik Erikson's book "Young Man Luther", A Study in Psychoanalysis and History." It is a very challenging bibliographic research, due to the amount of material produced up to now on Luther's life. A psycho-biography that aspires developing a profound and comprehensive study of a person whose magnitude of references is so vast is not an easy task.

The first chapter's goal is to set up historical-scientific approach of the two protagonists. An exposition of Martin Luther's personal life is detailed firstly, beginning with his parents, reaching his individuality and his relationships with his wife and children. After that, a section will also be dedicated to Erik Erikson's life and thoughts, since he is taken as the point of theoretical reference to this piece of work.

The second chapter consists in A Critical Dialogue With Erikson's Theory About Luther, elaborating a critical analysis of Erikson's book, Young Man Luther. This appreciation will be made on basis of the author of this paper's own thoughts, of ideas expressed by Luther himself, and of what other biographers have exhaustively spoken and written about his life.

Finally, a critical appreciation and particular conclusions about the main characters will be expressed.

**Key-words:** 1) Martin Luther; 2) Erik Erikson; 3) Psychoanalysis; 4) Self; 5) The Conscious; 6) The Unconscious; 7) Father; 8) Mother; 9) Moratorium; 10) Psycho-social Development; 10) Identity; 11) Negative Identity.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>10</b>
<b>I CAPÍTULO: APROXIMAÇÃO HISTÓRICO-CIENTÍFICA AOS PROTAGONISTAS</b>	<b>16</b>
<b>II CAPÍTULO: DIÁLOGO CRÍTICO COM A TEORIA DE ERIKSON SOBRE LUTERO</b>	<b>51</b>
<b>CONCLUSÃO</b>	<b>128</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>134</b>

## INTRODUÇÃO

É um princípio geralmente reconhecido de estudo histórico que, nós só podemos entender e avaliar algum trabalho no contexto da vida inteira da pessoa. Isto é especialmente verdade em se tratando de uma vida como a de Martinho Lutero. Suas visões teológicas, sempre eram de significação existencial de sua própria vida pessoal. Ou seja, sua teologia foi feita a partir de respostas que ele recebeu aos problemas existenciais. A sua vasta produção literária não foi fruto de um planejamento pré-concebido, mas, foi desenvolvida como respostas diante das múltiplas controvérsias em que ele esteve envolvido.

Sabe-se mais sobre a personalidade de Lutero, e detalhes sobre sua vida diária do que qualquer outra pessoa do século XVI, ou de qualquer outro século. Sobre o embasamento de grandes números de trabalhos publicados e os manuscritos de suas conferências, como também as cópias de seus sermões, suas cartas, podemos localizar sua biografia em termos de diário e eventos de hora em hora. Diante da grande quantidade de material sobre Lutero, fica extraordinariamente difícil escrever uma biografia. Bernhard Lohse disse:

Biografias úteis do jovem Lutero (até o tempo da controvérsia em cima de indulgências em 1517-1518 e até mesmo pela Guerra dos Camponeses e finais dos 1520s) estão disponíveis. Porém, foi há muito tempo desde que qualquer um tentou escrever uma biografia inclusiva do Luther mais velho. O trabalho de Heinrich Bornkamm (1979) restos de um fragmento inacabado. Por muito tempo, os estudiosos da vida de Lutero reconheceram a necessidade de uma biografia extensa de que confiantemente descreve os detalhes da sua vida e presente uma avaliação equilibrada do seu trabalho no contexto da primeira metade do século XVI. A produção de tal biografia, porém, ainda permanece como uma das grandes tarefas da pesquisa não realizada de Lutero.<sup>1</sup>

Qualquer que esteja tentando escrever uma biografia de Lutero tem que fazer com muito cuidado a exposição dos detalhes de sua vida no seu contexto histórico-político-cultural. Tem que começar determinando qual o significado de vários fatores históricos como: decadência da Igreja no fim da

---

<sup>1</sup> LOHSE, Bernhard. Martin Luther, An Introduction to His Life and Work. Page 19.

Idade Média, os novos movimentos da Renascença e Humanismo, a convivência intranquã dos territórios e império, a reordenação econômica do império, e as mudanças sociais, que atingiram o seu clímax com a Guerra dos Camponeses. É necessário que o biógrafo também responda se os problemas religiosos que Lutero lutou podem ser considerados como uma expressão contemporânea, perguntados por pessoas de todos os períodos.

Lutero é como um instrumento musical onde dele pode ser tirado os acordes mais delicados e mais graves. Só um ouvido treinado poderá aproveitar todos os acordes, todas as modulações de som que se pode extrair de sua vida. E só quem tem discernimento da causa que estava em jogo para Lutero, não o colocará em um pedestal, nem uma auréola de santo em sua cabeça, e que de vez em quando ele se lançava com uma aspereza e falta de equilíbrio que não seriam suficientemente compreendidas como manifestação de seu temperamento, de sua personalidade, ou mesmo até uma manifestação do contexto em que ele estava inserido. É fundamental ponderar sobre o peso de suas lutas internas e externas, e o excesso de responsabilidade histórica que ele chamou para si (EBELING, 1988).

Achar debilidades em Lutero previne da ameaça de não poder mais distinguir entre pessoa e causa diante do fato de sua íntima conexão. Lessing (1753, apud, EBELING, 1988)<sup>2</sup> formulou isto uma vez:

Tenho tanta veneração por Lutero que, pensando bem, gostei de ter descoberto alguns pequenos defeitos nele, porque na realidade eu estava correndo o perigo de endeusá-lo. Os traços de humanidade que encontro nele me são tão preciosos quanto suas maiores perfeições. Até me são mais instrutivos do que todas aquelas juntas e mostrá-los (...) será um mérito meu.

Os fatos básicos sobre sua família, seu nascimento em Eisleben no dia 10 de novembro de 1483, seus primeiros anos em Mansfeld onde seu pai trabalhou nas minas de cobre, e como prosperou através de trabalho duro, é conhecido muito bem por todos. Se chegar a conclusão que seus pais lhe deram uma educação rígida, como esta influenciou no desenvolvimento pessoal dele, principalmente, seu desenvolvimento psicológico? Será que a

---

<sup>2</sup> EBELING, citando G. E. LESSING, Briefe na den Herrn P. betr. Fall Lemnius, 1753.

visão que ele tinha de seu pai, interferiu no seu relacionamento com Deus, mais tarde?

Quanto ao seu desenvolvimento pessoal, a pergunta foi levantada por representantes de várias disciplinas. Até onde o treinamento paterno que ele recebeu em casa – e ele lembrou-se de surras severas – interferiu no seu desenvolvimento? Os métodos de se criar filhos naquela época não eram exclusivos à família de Lutero. Todas as crianças passavam por esta rigidez, comparados com métodos modernos. As experiências de Lutero não eram incomuns. Totalmente, aparte deste fato, Lutero falava de seus pais sempre com um afeto profundo. Ele lamentou profundamente não poder estar presente, nos sepultamentos de seus pais, por não estar presente na mesma cidade em que eles morreram.

A experiência religiosa também naqueles tempos, não era incomum. Seus pais, eram pessoas piedosas, mas também possuíam as superstições difundidas naquela época: o medo de bruxas, de demônios. A morte era muito próxima do ser humano através de guerras, conflitos, pragas e pestes.

As experiências de Lutero em Magdeburg e Eisenach foram muito importantes para o seu desenvolvimento. Em Magdeburg ele teve contato com os Irmãos da Vida Comum, representantes típicos da *Devotio Moderna* e promotores de uma reforma cristã em sentido tradicional, uma associação mista de sacerdotes e leigos que viviam em comunidade. Assim, durante sua adolescência, Lutero familiarizou com o tipo mais profundo de espiritualidade secular do final da Idade Média.

Lutero completou sua instrução básica em Eisenach de 1498 a 1501. Nesta cidade ele se hospedou em duas casas diferentes: na de Enrique Schalbe e na de Conrado Cotta, cuja esposa tinha parentesco com os Schalbe. O encontro com estas famílias foi um imenso presente para Martinho nos anos mais críticos de sua adolescência, em que a vida afetiva começava a desabrochar, as paixões incendeiam e os perigos aparecem. Ele foi recebido como um filho naquelas famílias cristãs. Ali ele encontrou uma mulher que lhe protegeu e que foi uma verdadeira mãe para ele: Ursula Cotta. (GARCIA-VILLOSLADA, 1976).

A música era cultivada nestas famílias, e Ursula lhe mostrou sua aptidão para a música. Lutero fez muitos amigos em Eisenach, e alguns

permaneceram seus amigos para o resto de sua vida. No dia solene de sua primeira missa ele teve uma recordação de gratidão para os patronos e diretores do colégio Schalbe. Também dirigiu palavras cordiais e amigas a Juan Braun, um dos vigários da igreja de Santa Maria, a quem chamou de pai caríssimo, senhor e irmão, e a seu mestre Wiegand Guldennapf. Com estes dois manteve alguns anos de correspondência. Ele teve muitas experiências positivas tanto em Magdeburg quanto em Eisenach.

Entre 1501 e 1505, em Erfurt Lutero terminou os seus estudos básicos nas artes liberais. Fazendo parte desta instrução ele terminou os seus estudos básicos<sup>3</sup>. Os estudos posteriores de Lutero em teologia começaram a partir de 1507, primeiramente ele expôs no princípio a versão modificada da Teologia Occamista de Biel. Embora Lutero tenha lido muito pouco de Tomás de Aquino, ele começou a ler Santo Agostinho e muitos dos místicos cedo nos seus estudos.

Lutero pretendeu cumprir os desejos de seu pai, e estudar Direito, depois de receber o grau de mestre de artes em 1505. Porém este plano mudou radicalmente com a experiência do dia 2 de julho de 1505, quando diante de uma grande tempestade, ele fez a promessa se fosse salvo daquele momento, iria se tornar um monge. No dia 17 de julho de 1505, ele entrou para dentro do claustro Negro dos Ermitões Agostinianos em Erfurt.

No dia 27 de fevereiro de 1507, Lutero foi ordenado ao sacerdócio em Erfurt. Depois desta ordenação ele foi designado para estudar teologia. Através do estudo da teologia ele teve a possibilidade de estudar as perguntas que lhe causaram uma preocupação existencial, principalmente a respeito da angústia de sua alma. A partir do ano de 1508, ele começou a dar conferências na *Ética de Nicômaco* de Aristóteles, apesar de ter confessado que gostaria de dar um curso sobre os Salmos. Mas aceitou este convite por causa de sua amizade com Staupitz.

Lutero fez a descoberta da Reforma sobre a retidão de Deus e a justificação pela fé. Muitos estudiosos dizem que esta descoberta aconteceu em 1514, na sua vivência da torre. Esta vivência lhe proporcionou um crescimento em relação ao seu escopo teológico, culminando nas noventa e

---

<sup>3</sup> Ele dominou gramática, retórica e lógica Aristotélica, e também ficou completamente familiar com as éticas e metafísicas de Aristóteles.

cinco teses afixadas em Wittenberg. O princípio bíblico da Reforma e sua crítica das inúmeras tradições, com base na Bíblia, assumiram um papel tremendamente influente por causa dos muitos abusos existentes na vida da Igreja. As controvérsias entre Lutero e Roma aconteceram principalmente entre 1517 a 1521. O ano de 1521 marcou um momento decisivo na vida de Lutero. Por motivo de segurança pessoal ele foi enviado ao castelo em Wartburg.

A Reforma esparramou depressa e muitos territórios buscaram o conselho de Lutero como eles começariam a introduzir reformas em suas igrejas. Lutero também estendeu sua influência pela publicação de um número grande de livros e folhetos como também através de sua vasta correspondência.

Depois de 1523, a Reforma foi ameaçada pela sombra da aproximação Guerra dos Camponeses. Também foi neste período que Erasmo atacou Lutero. A resposta de Lutero para este ataque resultou na divisão entre Lutero e os elementos principais do movimento Humanista.

Lutero se casou no dia 13 de junho de 1525, com a ex-freira Catarina von Bora. Helmar Junghans escreveu sobre ela:

O relacionamento do casal não se esgota no âmbito privado. Catarina participa de maneira intensa da Reforma. Ela insiste para que Lutero responda ao desafio de Erasmo de Roterdã, o que Lutero faz de forma categórica com a obra *De servo arbítrio*. Ela lê a Escritura Sagrada e o catecismo. Participa de discussões teológicas no grupo de comensais de Lutero. Lutero a informa, em 1529, sobre negociações ocorridas no diálogo religioso de Marburgo. Disso podemos concluir que os cônjuges costumavam conversar sobre questões teológicas. Uma carta sobre a ocupação de uma paróquia faz presumir que Lutero também consultasse Catarina quanto a algumas questões pessoais. Pelo visto, ele considerava sua esposa uma interlocutora compreensiva também em questões relativas à Reforma.<sup>4</sup>

Os últimos anos de Lutero foram obscurecidos uma vez mais por numerosas disputas e controvérsias dentro do Protestantismo. Lutero estava muito preocupado com a grande influência que os príncipes estavam exercendo nas Igrejas Protestantes. Ele estava muito debilitado por muitas enfermidades que o acometeu. A tensão física e emocional debaixo da qual

---

<sup>4</sup> JUNGHANS, Helmar. Temas da Teologia de Lutero. Página 175.

ele viveu, particularmente ao redor do ano de 1521, resultou em insônia que ele nunca pode superar. Logo antes de sua morte ele empreendeu uma viagem em Eisleben para resolver negócios. Enquanto ele estava em Eisleben a morte o encontrou, no dia 18 de fevereiro de 1546. O corpo dele foi enterrado na Igreja do Castelo de Wittenberg.

Esta pesquisa será bibliográfica, tendo como fundamento teórico, diversos autores que historiografaram a vida de Lutero. Como este trabalho tem por objetivo fazer um levantamento da vida psicológica de Lutero, estudando o bem e o mal, o referencial teórico para isto será Erik Erikson.

# I CAPÍTULO: APROXIMAÇÃO HISTÓRICO-CIENTÍFICA AOS PROTAGONISTAS

## I.I.: Martinho Lutero

### I.I.1. Introdução:

Franz Lau tem uma colocação que é interessante mencionar na introdução deste capítulo:

A personalidade de Lutero, sua atuação e seu pensamento não apresentam problemas de difícil solução. A imagem de um homem sobre o qual estamos excelentemente informados será por certo inequívoca e sem problemas! Na realidade, porém, não existe unanimidade sobre como devemos avaliar Lutero, nem mesmo como devemos compreendê-lo. Os pareceres sobre Lutero divergem muito entre si. Uns o encaram como o destruidor da unidade da igreja, o subjetivista incorrigível, o brigão grosseiro. Outros o consideram como o singular renovador da igreja... A questão se Lutero foi de natureza revolucionária ou reacionária é seriamente discutida, surgindo respostas radicalmente opostas.<sup>5</sup>

Como não existe unanimidade quanto à avaliação da personalidade de Martinho Lutero, já que seus biógrafos divergem entre si, este trabalho levantará alguns questionamentos e tentará respondê-los.

A vida e a obra aparecem muito mais unidas em Lutero que em qualquer outra pessoa. Qualquer aspecto da teologia de Lutero nos remete a sua biografia e qualquer aspecto de sua existência fica refletido em sensíveis tomadas de posições teológicas.

Segundo o que fala Evangelista Vilanova a respeito da religiosidade de seus pais:

A religiosidade que imperava na casa paterna deve ter sido a habitual daquela época. João Luther mantinha relações muito corretas com os párocos de Mansfeld. Ao que parece, tinha certa animosidade contra freis e monjas, o que era moeda corrente naquele tempo, inclusive entre pessoas muito

---

<sup>5</sup> LAU, Franz. Lutero, páginas 4,5.



piadosas. O trabalho nas minas, com os grandes perigos que acarretava, era campo fértil para toda classe de práticas supersticiosas. O medo de bruxas e de endemoninhados formava também parte do universo religioso de então. Neste sentido Martinho Lutero foi filho de seu momento: não duvidou da existência do diabo, que a miúdo tomava formas muito curiosas, porém sempre creu também na superioridade do poder de Deus.<sup>6</sup>

### **I.I.2. Modo de falar:**

A ótica católica poderia chegar a esta conclusão: Lutero destruiu a unidade da Igreja. Olhando sua obra, seus escritos, seus sermões, suas respostas às autoridades eclesiásticas romanas, poderia ser chamado de brigão grosseiro. Através de algumas de suas respostas, nota-se que Lutero não poupava os seus inimigos do seu vocabulário, segundo a visão de Heiko Oberman, um tanto fecal.

Em relação a satanás, disse: “Se não tens bastante, demônio, te cago e te mijo; esfrego-te a boca com isto, come até fartar-te.”<sup>7</sup>

Fazendo uma análise do Salmo 118, disse:

Nossos algozes sanguinários e assassinos, porém, silenciam a Palavra de Deus, estabelecem seus próprios artigos de fé conforme seu bel-prazer, e quem não quiser acreditar neles vai para a fogueira. Esta é a fina nova cristandade da qual nem Deus nem a Escritura sabem alguma coisa. Mas, esqueçamos esses porcalhões.<sup>8</sup>

Falando sobre o papa, ele disse: “O papa foi defecado sobre a Igreja por todos os diabos do inferno.”<sup>9</sup>

Se Lutero foi revolucionário é a proposta deste trabalho. Ele pode ser chamado de indivíduo progressista, pois, através de sua visão da igreja, propôs mudanças e mudanças radicais. Não era sua intenção, no momento da fixação das 95 teses nas portas da catedral de Witemberg, promover o cisma e, sim, reformar sua igreja vigente. Ele não se enquadra no adjetivo reacionário, pois o termo diz respeito a uma pessoa contrária à liberdade, um tirano, um déspota. Ao contrário, com o seu pensamento, ele propôs a liberdade. As tomadas de

<sup>6</sup> VILANOVA, Evangelista. Historia de La Teología Cristiana, Volume II, página 222.

<sup>7</sup> OBERMAN, Heiko A. LUTERO, Un hombre entre Dios y el Diablo. Página 130

<sup>8</sup> LUTERO, Martinho. Obras seleccionadas, Volume V. página 32

<sup>9</sup> LUTERO, Martinho. WA 54, página 237.

posição quanto a Lutero dependem da confessionalidade ou linha de pensamento.

Segundo Atkinson (1987):

Para compreender Lutero são necessárias duas coisas. A primeira é captar toda a confusão de pensamento e de movimento social, político, cultural e intelectual em que esteve imerso, o qual orientou a sua obra. A segunda é compreender o que ele se propunha.<sup>10</sup>

Lutero estava capacitado a viver em comunidade pela ênfase que ele dava à individualidade. Segundo o que fala Gottfried Fitzer: “Somente quem é alguma coisa pode arriscar alguma coisa. Estar em comunidade requer sempre o sacrifício da parte mais preciosa de quem se entrega, para ser mesmo eficaz e valioso.”<sup>11</sup>

Para ser alguma coisa foi necessário Lutero lutar contra os traumas psíquicos que ocasionaram uma fixação em alguma fase do seu desenvolvimento psicosssexual, conforme preceitua Freud em sua teoria sobre o desenvolvimento humano. Talvez pela forma como ele falava, pela sua agressividade muitas vezes demonstrada nos seus diálogos, poderia dizer que ele tinha uma fixação na fase oral de seu desenvolvimento. Sua energia libidinal estava concentrada em sua boca.

### **I.I.3. Tentações:**

Conforme Franz Lau (1966) coloca no seu livro, as tentações de Lutero são uma fonte importante de compreensão de sua personalidade integral, do seu querer e de seu pensar. Isso também mostram dois pesquisadores citados neste trabalho: Roland H. Baiton e Erik Erikson.

Segundo Franz Lau:

Lutero é um homem de seu século que no seu momento histórico-concreto desequilibrou o mundo e criou algo novo. Sua obra histórica somente tem sentido no contexto dos acontecimentos, e uma exposição sobre Lutero deve começar com o mundo de Lutero, se ela não quiser ser uma abstração a - histórica e, em última análise, sem valor algum.<sup>12</sup>

---

<sup>10</sup> ATKINSON, James. *Lutero y el nacimiento del protestantismo*. Páginas 15 a 23.

<sup>11</sup> FITZER, Gottfried. O que Lutero Realmente disse. Página 212.

<sup>12</sup> LAU, Franz. Lutero, página 7.

Para esta análise, é fundamental observar o contexto familiar em que ele esteve inserido. Conforme o relato de Heiko Oberman:

A casa paterna de Lutero exige uma especial atenção, pois foi o fundamento de seu desenvolvimento na meninice e juventude. Lutero nasceu no centro do condado de Mansfeld, em Eisleben, uma pequena cidade de não mais de 4.000 habitantes, a uns 110 quilômetros ao sudoeste de Wittemberg e 95 ao nordeste de Erfurt. Lutero se considerou sempre um homem de Mansfeld; além disso, em seu último serviço como mediador nas disputas entre os senhores territoriais, permaneceu vinculado a seu condado.<sup>13</sup>

Apesar da severidade dos seus pais, Lutero sempre os teve em maior estima porque ele sabia que quiseram apenas o seu bem. Melancton disse da mãe de Lutero que era uma mulher que todas as outras deveriam ter como exemplo, como um modelo de virtudes.

Seu pai morreu em 29 de maio de 1530 e Lutero muito se entristeceu com sua morte. Estava, na ocasião, ausente de Wittemberg, no castelo de Coburgo, e sua esposa Catarina de Bora lhe enviou, para consolá-lo, o retrato de sua pequena filha Madalena. A mãe de Lutero não pôde suportar a morte do marido e, um ano depois, ela veio a falecer. Também, na hora de sua morte, Lutero se encontrava longe dela. Trabalhos importantes o impediram de fazer esta viagem. Quando recebeu a notícia de sua enfermidade e compreendeu que ela estava em fase terminal, escreveu-lhe estas palavras que revelam muito claramente seus sentimentos:

Minha querida mãe: Eu recebi a carta de meu irmão Jacó sobre vossa enfermidade, na verdade, sinto muito não poder estar convosco pessoalmente como são meus desejos. Deus, Pai de todo consolo, vos dê por sua santa palavra e Seu Espírito uma fé firme, prazerosa e agradecida, para que possais vencer esta necessidade, como todas, com benção, e sentir e experimentar que é muito verdade o que ele mesmo disse: “Com confiança, porque eu venci o mundo”. Eu recomendo vosso corpo e alma a sua misericórdia. Amém. Pedem por vós todos vossos netos e minha Catarina. Uns choram. Outros quando estão comendo dizem: “a vovó está muito enferma”. Deus seja convosco e conosco. Amém. O sábado depois da ascensão, 1531. Vosso querido filho, Doutor Martinho Lutero.<sup>14</sup>

---

<sup>13</sup> OBERMAN, Heiko A. LUTERO, Un hombre entre Dios y el Diablo. Página 102

<sup>14</sup> FLIENDNER, Federico. Martín Lutero. Páginas 10,11.

#### I.I.4. Mãe de Lutero:

O que se pode dizer da mãe de Lutero? Será que existia uma relação simbiótica entre mãe e filho? Quando o cordão umbilical foi cortado? Quando a mãe permitiu a entrada do pai nesta relação, se o pai teve um papel preponderante na formação de sua personalidade?

Não há muitas informações a respeito de sua mãe. Melancton a qualifica de uma “honesta matrona”. Devia ser uma mulher sofrida, pois ela mesma costumava até recolher a lenha para o fogo da cozinha. O pintor Lucas Cranach a retratou quando já era anciã, com os frios lábios cerrados. Pelo retrato, nota-se que Martinho Lutero herdou muitos traços de sua mãe. Sabe-se que era uma mulher muito supersticiosa, que se deixava levar por uma bruxa ou feiticeira, a qual deveria ser tratada com muita reverência, a fim de que não fizesse mal aos seus filhos. Margarida também era uma mulher que se deixava levar pela irritação. O filho ser castigado duramente, a ponto de sangrar, demonstra sua frieza em tratar com seus filhos. Se Martinho Lutero comentou a respeito deste castigo, por ter ele roubado uma noz<sup>15</sup>, é porque isto ficou gravado em sua memória e, naquele momento, com os seus comensais, ele lembrou. Apesar de falar com ternura de seus pais, este episódio deve ter trazido marcas profundas a sua personalidade.

Segundo o que escreve Garcia-Villoslada, um moderno psicanalista chamado Erik H. Erikson, em seu livro intitulado “The Young Luther”, observa o desprovido conceito que o reformador teve sempre da mulher e sua falta de idealidade – principalmente quando ele tratava do matrimônio – e pergunta “Será por que este homem não teve uma mãe?”<sup>16</sup>

O que fica claro, depois de se ver a influência paterna na vida de Lutero, é que a mãe, do ponto de vista freudiano, permitiu que o pai entrasse nesta relação simbiótica, entre mãe e filho, conforme mostra Heiko Oberman:

Margarete Luder aparece completamente relegada a segundo plano, atrás de seu imponente marido, que manteve seu filho submetido a sua vara de tal maneira que a Reforma poderia se explicar como um ato de legítima defesa, como protesto contra os pais desumanos, bem se chamem Hans, Papa ou Deus. Parece totalmente impensável que também a mãe pudesse haver exercido alguma influência sobre o jovem. Este seria o

<sup>15</sup> LUTERO, Martinho. *Conversas à Mesa 3566*, III páginas 415 e 416

<sup>16</sup> GARCIA-VILLOSLADA, Ricardo. *Martin Lutero, Volume I*. Pág. 45, 46.

motivo porque a figura de Margarete Luder aparece tão empalidecida e pouco marcada: uma mulher sensível, carente de instrução e supersticiosa.<sup>17</sup>

Em uma campanha difamatória de seu nome e de sua mãe, promovida em 1533 por Johannes Cochläus, Lutero responde:

Quando o diabo não pode arremeter contra a doutrina, ataca a pessoa, mente, difama, blasfema e enlouquece de fúria contra ela. Assim fez comigo o Belzebu dos papistas; ao não poder se opor ao meu evangelho, escreveu que eu estava possuído pelo demônio e que era um endemoninhado e minha amada mãe uma puta e uma empregada de casa de banhos. E de pronto, se não tivesse escrito isto, meu evangelho estaria perdido e os papistas haviam ganho.<sup>18</sup>

#### **I.I.5. O pai de Lutero:**

Hans Luther era um pujante camponês de estatura baixa, pele curtida pelo vento e pelo sol, e de tez morena. Com seu caráter perseverante era um homem extremamente trabalhador. Ajudava seus pais nas tarefas agrícolas. Quando ele se casou, em 1481, deixou a casa paterna e, com sua jovem esposa Margarida, também conhecida por Ana, foi morar longe de sua aldeia nativa, em Mansfeld.

Quando Martinho Lutero nasceu, ele não conheceu o seu pai cultivando os campos mas, sim, cuidando de minas. Garcia-Villoslada diz:

Não será temerário buscar em suas raízes aldeãs a origem e a explicação de certa rudeza brutal que encontraremos mais de uma vez em Lutero; rudeza que pode se acentuar com o trato dos mineiros. Sabemos que um de seus tios, Hans Luder, “o Menor”, amigo de freqüentar tabernas e armar contendas, cometeu atos violentos e delituosos, que constam nas atas judiciais de Mansfeld pelos anos de 1498 a 1513.<sup>19</sup>

Hans Luther, faltando pouco tempo para contrair matrimônio com Margarida, decidiu ir para a cidade de Eisleben, a uns 130 Quilômetros de Mansfeld, uma cidade cuja principal fonte de riqueza era a exploração das minas de cobre. Assim, o lavrador deixou a sua antiga profissão da noite para o dia, para tornar-se um mineiro.

<sup>17</sup> OBERMAN, Heiko A. LUTERO, Un hombre entre Dios y el Diablo. Página 107

<sup>18</sup> LUTERO, Martinho. WA 53. 511, 28-34; 1543.

<sup>19</sup> GARCIA-VILLOSLADA, Ricardo. *Martin Lutero, Volume I*. Pág. 40.

Em 1502 apareceu como acionista em uma das quatro sociedades exploradoras das jazidas de cobre.

Conforme fala Garcia-Villoslada:

Não é de crer que os mineiros de Mansfeld fossem de maior urbanidade e cortesia que os briguentos de Annaberg, no ducado de Saxônia; nem muito diferente dos mineiros dos Alpes, “gente feroz, tumultuosa, indômita”, segundo dizia o arcebispo de Salsburgo; por isso, bem podemos pensar que o bem falar e os finos modos não seriam os traços característicos do pai de Martinho.<sup>20</sup>

### **I.I.6. Nascimento e infância:**

Martinho Lutero veio ao mundo às 23 horas do dia 10 de novembro. Há certa dificuldade em afirmar com exatidão o ano de seu nascimento: se foi em 1483 ou 1484. Pode-se levar em conta o testemunho de seu irmão Jacó Lutero, unido a ele desde a infância com profundo afeto, que assegurou a Melancton que o ano foi o de 1483.

Martin Dreher traz em um de seus livros uma narração de Martinho Lutero, na qual ele fala a respeito de si mesmo:

Sou filho de um colono; meu bisavô, meu avô, o pai foram verdadeiros colonos. Como [Melancton] disse, eu deveria ter-me tornado um regedor, um alcaide e o que mais existe numa aldeia, ter vindo a ser um servidor superior sobre os demais. Posteriormente meu pai mudou-se para Mansfeld, tornando-se, ali, um mineiro. Eu venho de lá. Que eu viesse a me tornar bacharel e mestre, que depusesse o barrete marrom e o deixasse para os outros, tornando-me monge, provocando com isso a grande desonra, o que aborreceu meu pai amargamente, e que, mesmo assim, me pegasse com o papa e ele comigo, que eu tomasse por esposa a uma monja fugida – quem leu isso nas estrelas? Quem me teria profetizado isso?<sup>21</sup>

Ele recebeu o sacramento do batismo das mãos do pároco Bartolomeu Rennebecher. A sua permanência em Eisleben foi muito curta, não mais que alguns meses. Mas, se em Eisleben ele abriu os seus olhos para a luz, foi nesta mesma cidade que, 62 anos mais tarde, ele fechou para sempre os seus olhos, por um problema cardíaco. De Eisleben, seus pais mudaram

<sup>20</sup> GARCIA-VILLOSLADA, Ricardo. *Martin Lutero, Volume I*. Pág. 45.

<sup>21</sup> DREHER, Martin Norberto. Reflexões em torno de Lutero, volume III. Página 9. (WA, TR, 5, 6250).

para Mansfeld. Apesar de pais camponeses, Hans Luther trabalhava como mineiro.

Não resta dúvida de que nestes dias se tratava com muita dureza uma criança na escola. Roland Herbert Bainton escreveu (1955):

“As escolas não eram suaves, mas brutais. Seu objetivo era inculcar um conhecimento falado da língua latina. Os meninos não lamentavam isto, pois o latim era útil: era a linguagem da igreja, da lei, da diplomacia, das relações internacionais, dos eruditos, das viagens. Os ensinamentos se levavam a cabo mediante exercícios pontuados com a vara. Um aluno, chamado *lupus*, o lobo, era designado para espiar os outros e informar cada vez que se falava alemão. O aluno mais atrasado recebia uma máscara de burro, devendo usá-la até que outro fosse pego na mesma falta. Deste modo se podia receber 15 açoites em um só dia.”<sup>22</sup>

A formação escolar de Lutero no ensino médio e fundamental foi realizada em três etapas: Mansfeld (de 1488 a 1497); Magdeburgo (da primavera de 1497 à primavera de 1498); e, Eisenach (de 1498 a 1501).

Bem criança Lutero foi levado à escola em Mansfeld, onde lhe ensinaram o Catecismo, o Decálogo, o Credo, a Oração Dominical, cânticos e orações, a gramática latina de Donato, do século IV, que foi mestre de São Jerônimo. Falaram-lhe de um Deus tão severo que, quando ele ouvia o nome de Jesus, tremia de medo.

Percebe-se, nesse momento de sua vida, que o conceito que ele possuía de Deus era uma projeção do que ele fazia de seu pai. Um pai severo com quem ele teve dificuldades muitas vezes de se relacionar, à luz do conhecimento que recebeu de um Deus severo. Ele via, na figura divina, a figura paterna.

Segundo Sigmund Freud:

A psicanálise dos seres humanos de per si, contudo, ensinamos com insistência muito especial que o deus de cada um deles é formado à semelhança do pai, que a relação pessoal com Deus depende da relação com o pai em carne e osso e oscila e se modifica de acordo com essa relação e que, no fundo, Deus nada mais é que um pai glorificado.<sup>23</sup>

<sup>22</sup> BAINTON, Roland Herbert. *Lutero*, pág. 22.

<sup>23</sup> FREUD, Sigmund. O Retorno do totemismo na infância Volume XIII, IV Capítulo, páginas 175-176

De Mansfeld ele foi para Magdeburgo, em 1497, com 14 anos, para freqüentar a escola dos Irmãos da Vida Comum, os Nollbrüder, como eram chamados, aumentando os conhecimentos e sendo um bom observador.<sup>24</sup>

Sua permanência em Magdeburgo foi de apenas um ano. Os meios de sobrevivência eram-lhe extremamente escassos e seu pai lutava com muita dificuldade para lhe prover recursos. Os estudantes pobres costumavam cantar pelas ruas para obter meios de subsistência.

Foi por ocasião da Páscoa florida, quando Martinho Lutero, com 15 anos, colocou em seus ombros uma trouxa de roupa e de provisões para vários dias, e segurando um bastão com a mão direita, dispôs-se a caminhar 100 quilômetros de Mansfeld até Eisenach. Ia para a região de seus pais e avós. Nesta cidade Martinho Lutero cursou três anos completos de estudos humanísticos. Em Eisenach ele freqüentou a “escola do trívio”, isto é, uma escola que ensinava as três disciplinas fundamentais da gramática, da retórica e da dialética.

Garcia-Villoslada (1976), em sua obra sobre a vida de Martinho Lutero, cita um artigo do professor Heinrich Bornkamm intitulado “*Problemas da Biografia de Lutero*”, no qual ele diz que podemos nos entreter com a Teologia Luterana, perdendo de vista o homem Lutero. A pesquisa que é feita em relação a sua obra teológica é incomparavelmente maior que a investigação feita em relação a sua vida e personalidade. Mas pode ser feito um questionamento: fazendo um levantamento do seu pensamento teológico, não podemos construir sua personalidade, como ele era, agia? Será que não há informações suficientes para traçar o seu perfil psicológico?

Lutero parece ter sido diferente de outros jovens de sua época. Era extraordinariamente sensível, sujeito a períodos de recorrentes exaltação de espírito e depressão, e antigamente chamada “Psicose Maníaco-Depressiva” e hoje se chama “Distúrbio Bipolar”. Uma hora o indivíduo está em grande euforia para, logo a seguir, mergulhar em uma terrível e negra depressão. Olhando para as experiências espirituais pelas quais Lutero passou, pode-se ver

---

<sup>24</sup> Os irmãos da Vida Comum constituíam uma comunidade que teve como seu fundador, Gerhard de Groot, nascido em Deventer, Holanda, em 1340. Dedicavam-se principalmente ao ensino e ao serviço da coletividade. Abnegado ao extremo, Groot foi arrebatado numa epidemia quando assistia aos enfermos da peste. Em vez de abrirem escolas, os Irmãos preferiram servir como mestres em escolas já existentes, visando proporcionar uma educação cristã.



claramente esta oscilação de personalidade que o acompanhou durante toda a sua vida. Este estado foi muito agudo nos seis meses anteriores a sua entrada no convento.

#### **I.I.7. Erfurt: formação universitária, vocação, convento, tentações e conversão:**

Após a “escola do *trívio*”, como seu pai abrigava planos ambiciosos em relação ao filho, enviou-o para a Universidade de Erfurt, em 1501. Seu desejo era que Lutero se tornasse um grande jurista. Ele tinha dezoito anos quando se inscreveu na Universidade de Erfurt e lá permaneceu até 1505. A partir deste momento, seu pai deixou de tutelá-lo e passou a tratá-lo de vós.

Hans Luther enviou seu filho a Erfurt para que fizesse um curso de Direito, mas ele começou se inscrevendo na Faculdade de Filosofia. Estes estudos eram dominados pela dialética, pela qual Lutero conservou sempre uma predileção.

Todos os estudantes universitários, a menos que tivessem uma permissão especial, tinham de viver em comunidade, alojados em colégios ou internatos, levando uma vida quase conventual, sob a direção de um mestre, a quem deviam prestar juramento de obediência e submissão. A vida nestes internatos era tão austera quanto a vida dentro de um convento. O dia inteiro estava bem ocupado com lições, repetições, disputas acadêmicas, etc. Nenhum estudante podia ir para a sala de aula sem sua toga ou túnica. A vida religiosa dentro desta escola era intensa. Todos tinham a obrigação de assistir à missa todos os dias e confessar pelo menos quatro vezes por ano.

O ano acadêmico se dividia em dois semestres, separados por alguns dias de folga. O semestre seguinte começava com uma missa maior, na qual pregava um bacharel em Teologia ou um doutor. O plano de estudos de Erfurt era semelhante ao de outras universidades daquele tempo.

No final de três semestres podiam os estudantes de filosofia alcançar o título de bacharel, mediante um sério exame perante cinco professores. Lutero foi admitido às provas no final de setembro de 1502.

Garcia-Villoslada escreveu:

O exame versaria, naturalmente, sobre as disciplinas cursadas, até então, que eram as seguintes: em gramática, o *Priscianus minor* e a segunda parte do *Doctrinale*, de Alejandro de Villedieu; em lógica, as *Summulae*, de Pedro Hispano; a *Logica vetus* (Isagoge, de Porfírio; *Categorías y Periermeneias*, de Aristóteles) e a *Logica nova* (Tópicos, Elencos sofisticos, analíticos, priores e posteriores); em psicologia, o tratado aristotélico *De anima*; em cosmografia, a *Sphaera*, de Juan de Sacrobosco (de Hollywood); e em retórica, o *Laborinthus*, de Eberardo o Alemão, poema didático sobre as misérias dos professores de humanidades. Superada a prova, felizmente, ainda que não com excessivo brilhantismo, pois dos 57 bacharelandos, 30 obtiveram o posto, conseguindo Martinho o título de bacharel em artes.<sup>25</sup>

Depois de alguns meses, em 1503, aconteceu um dos inúmeros dramas de sua vida. Caminhava a pé, com um companheiro, na estrada que vai de Erfurt a Mansfeld, estava indo visitar os pais, quando se cortou acidentalmente com sua espada, sangrando abundantemente. O seu amigo foi buscar socorro. Neste exato momento Lutero declarou que correu risco de morte. Invocou a Virgem Maria. Voltando a Erfurt, o curativo do cirurgião se abriu, voltando ele a invocar a Virgem Maria. No período que passou em convalescença aprendeu a tocar alaúde.

Em janeiro de 1505 foi proclamado mestre em filosofia. Desta vez, entre 17 colegas, ele ficou em segundo lugar. Melancton escreveu que, na Universidade, seu gênio causava admiração a todos. A partir deste momento seu pai, Hans Luther, não o chamou mais por tu. Deu-lhe de presente um livro de direito chamado *Corpus juris*, muito caro.

Assim, para corresponder aos desejos paternos ele ia começar os estudos em direito sem muito interesse. Juntamente com este estudo, ele se lançou apaixonadamente ao estudo das Escrituras Sagradas, pois encontrara uma Bíblia na Biblioteca de Erfurt. A primeira história que ele leu foi a de Ana, mãe de Samuel.

Funck-Brentano escreve:

Nesta época, disse ainda seu amigo Mathesius, Martinho Lutero “sofia por força da alma inquieta; a educação severa

<sup>25</sup> GARCIA-VILLOSLADA, Ricardo. *Martin Lutero, Volume I*. Pág. 68.

que recebera, a devoção rigorosa aprendida de sua mãe, tinham-lhe deixado na alma uma profunda tristeza; preocupava-se antes de tudo com a salvação e temia a justiça de Deus, que figurava inexorável. Só uma vida santa podia conceder-lhe a paz. Entretanto, sua vida tinha sido pura; mas tinha um sentimento opressivo do pecado e um temor mortal dos juízos de Deus: adoecia, então, de angústia”.<sup>26</sup>

Em julho de 1505, quando Lutero voltava para Erfurt, de Mansfeld, onde fora visitar sua família, o céu estava escuro e, de repente através de um estrondoso trovão foi jogado ao chão, com tanta violência que chegou a torcer o pé. Neste momento ele pediu socorro a Santa Ana. Se ela o socorresse, ele se tornaria um monge. Ele sobreviveu a este evento e cumpriu a promessa, sendo admitido no convento agostiniano de Erfurt em setembro de 1505.

Depois do exame de professor Lutero teve o primeiro contato vital com a Bíblia. “Quando era um jovem professor em Erfurt, onde sempre me encontrava acometido por provas de tristeza, dediquei-me muito intensamente à leitura da Bíblia”.<sup>27</sup>

O reformador falou ao longo de sua vida, com respeito e admiração, de seu mestre no noviciado, Johann Greffenstein, como sendo um homem sábio e piedoso. Uma das maiores preocupações de Lutero, como noviço e depois como frei, era o fato de querer confessar-se repetidamente, por causa das grandes angústias provocadas pelo pecado, chegando a se questionar se Deus havia perdoado realmente as suas faltas. O seu confessor Staupitz lhe disse, em uma carta, que os seus pecados eram “pecados de marionetes” ou “pecados bonecos”. Apesar das boas intenções de Staupitz, Vilanova diz que ele não compreendeu o drama interno de Lutero que, então, viu-se submetido a um progressivo processo de dúvida e desesperança.

Por mais que alguns representantes da controvérsia católica tenham dito o contrário, a vida de Lutero no convento de Erfurt foi digna e de acordo com as normas estabelecidas ali. Um antigo frei, companheiro do reformador, confirmou isto três anos depois de sua morte, em 1549. Depois de sua ordenação, as dúvidas de Lutero sobre sua salvação eterna continuaram. A imagem que ele fazia de Deus era a de um juiz implacável que, no juízo final, exigiria do homem algumas boas obras que eram irrealizáveis. Mas, neste

---

<sup>26</sup> FUNCK-BRENTANO, Franz. LUTERO. Página 24.

<sup>27</sup> Lutero, Martinho. WA, 40, II, 282-283; T 3 3593, 3767.

mesmo período, Staupitz foi-lhe comunicando a pessoa de Cristo, não como um juiz severo, mas um servo sofredor solidário com o sofrimento humano.

A dúvida acerca da certeza da própria salvação eterna, ou da eficácia da graça de Deus, levou os monásticos ao desespero. Lutero conheceu muitos que chegaram à loucura por causa do desespero provocado pelo convencimento de terem sido abandonados das mãos de Deus, de não estarem predestinados à vida eterna. No ano de 1518, em um dos testemunhos autobiográficos, ele declarou acerca da narrativa de São Paulo, em 2 Coríntios 12.3:

“Se de um homem que tem dito de si mesmo haver sofrido freqüentemente tais provas, certamente por só breves instantes, porém foram tão grandes e tão infernais que nenhuma língua é capaz de expressá-las, nem alguma pena pode descrevê-las, nem nada, se não tem ele experimentado, pode acreditar. Se estas provas tivessem durado somente meia hora, ou a décima parte de uma hora, se houvesse fundido por completo, todos seus ossos se haveriam convertido em cinzas. Aqui Deus se manifestou terrivelmente colérico. Não tem nenhuma saída, nenhum consolo, nem dentro nem fora, tudo, tudo te acusa [...] Neste momento a alma não pode crer na possibilidade de ser salva”.<sup>28</sup>

No ano de 1508, seu amigo Staupitz, decano da faculdade de Teologia de Wittemberg, chamou Lutero para lecionar a respeito da ética de Aristóteles. Ele não ficou muito satisfeito, porque o seu interesse estava centralizado no estudo da Bíblia, mas, por amizade, aceitou o convite.

Os anos de 1509 e 1510 constituíram uma das piores etapas para ele. No ano de 1510 ele foi a Roma, acompanhado de outro frei, de quem é desconhecido o nome e o mosteiro. Roma foi, para Lutero, uma experiência traumatizante, pois havia acolhido a idéia de que voltaria para casa mais fortalecido espiritualmente. A viagem à Roma foi uma viagem de serviço, como tantas outras que haveria de empreender.

Em Roma procurou dizer missa diária e, em uma ocasião no altar de São Sebastião, celebrou várias no espaço de uma hora. Segundo o que diz Oberman:

---

<sup>28</sup> LUTERO, Martinho.WA 1, 443

A experiência romana foi para ele um verdadeiro dilema: estava convencido de poder encontrar no centro da cristandade a salvação plena e, por tal motivo, se falava decidido a aproveitar as especiais oportunidades que se lhe ofereciam ali por toda parte. Roma era, e será para ele, a cidade dos mártires, onde os apóstolos Pedro e Paulo e os primeiros cristãos da comunidade romana deram testemunho da fé com seu sangue. Porém ao mesmo tempo lhe impressionou o descobrimento de atividades sacrílegas nesta cidade santa, 'onde Deus constrói uma igreja, o demônio levanta uma capela lateral. Se existe um inferno, Roma estaria construída em cima dele'. (WAT, 4 núm. 5010; 612, 11; 1540; WAT 6. num 6777; 183, 3s.) Este refrão ouvido em Roma, ele o utilizará mais tarde como arma para desmascarar a aliança entre o Papa e o diabo.<sup>29</sup>

Depois de um ano e meio do seu regresso de Roma, o mestre em filosofia e monge se transformou em doutor em teologia e catedrático de Wittemberg. No ponto de vista crítico de seus contemporâneos, Lutero aparecia nas filas dos monges néscios que disputavam aos gritos, por qualquer insensatez, se apresentavam como defensores da ortodoxia e da piedade e caíam como sacerdotes de aldeias em qualquer armadilha para peregrinos. A princípio os conflitos desatados por Lutero foram vistos pelos eruditos do país como disputas de frades.

Houve um momento na vida de Lutero, no convento, que lhe foi cedido pelo príncipe eleitor Frederico o Sábio, onde teve lugar a chamada "experiência da torre" (*Turmerlebnis*). A tradição luterana apresenta este instante como o momento de ruptura entre o Lutero católico e o Lutero protestante. Através desta experiência Lutero havia sido iluminado, de súbito, sobre a certeza da salvação de sua alma, somente por meio da fé. E este foi um momento catártico para ele.

Através deste insight de sua alma, ele elaborou o princípio básico e embrionário de todo luteranismo: o homem pode ser justificado, santificado, somente pela fé em Cristo, pela confiança no Redentor. As boas obras são inúteis, porque Cristo cumpriu a lei para o homem.

Nada melhor que o próprio Lutero para descrever o processo e a solução de sua angustiosa crise. Ele prefaciou o primeiro volume de suas Obras Completas, com esta Experiência da Torre:

---

<sup>29</sup> OBERMAN, Heiko A. LUTERO, Un hombre entre Dios y el Diablo. Página 178.

Um maravilhoso anelo se havia apoderado de mim, de conhecer a mente de São Paulo em sua epístola aos Romanos, a qual resistia até então não à frieza de meu sangue ao redor do coração, senão unicamente àquela expressão do capítulo primeiro: *A justiça de Deus se revela nele*. Pois eu odiava a expressão justiça de Deus, que o uso e o costume de todos os doutores me haviam ensinado a traduzir filosoficamente por 'justiça formal ou ativa', segundo a chamam, pela qual Deus é justo e castiga os pecadores e injustos. Porém eu que, ainda vivendo como monge irrepreensível, sentia-me diante de Deus, pecador de consciência desassossegada, não podendo confiar em aplacá-la com minhas obras satisfatórias, não amava, antes odiava ao Deus justo e castigador dos pecadores. [...] Assim, com a consciência terrivelmente conturbada, enfurecia-me e pulsava importunamente aquele lugar de São Paulo, com sede ardentíssima de saber o que o apóstolo queria dizer. Até que, pela misericórdia de Deus, depois de esperar dias e noites meditando a conexão destas palavras, eu comecei a entender por *justiça de Deus* aquela virtude da qual vive o justo por dom de Deus, ou seja, a da fé...; a justiça de Deus passiva, pela qual Deus misericordioso nos justifica pela fé, segundo está escrito: *O justo vive da fé*. Então me senti absolutamente renascido, como se me abrissem as portas e entrasse eu mesmo no paraíso. Desde aquele momento eu comecei a exaltar a doce expressão de justiça de Deus com tão grande amor quanto era antes o ódio com que a aborrecia, de tal maneira que essa passagem de São Paulo foi verdadeiramente para mim a porta do paraíso. Li logo o livro de Santo Agostinho *De spiritu et littera*, tratado sobre a Trindade, onde inesperadamente encontrei que também ele interpreta a justiça de Deus de modo semelhante: aquela com que Deus nos reveste quando nos justifica. (WA 54, 185-186).<sup>30</sup>

Esta foi a grande iluminação que Martinho Lutero creu receber do Espírito Santo, o que muitos chamam de descobrimento do evangelho e, mais freqüentemente, de *Turmerlebnis*, porque ele se encontrava em uma torre do mosteiro quando se lhe aclararam as idéias, quando ele teve esta experiência que a psicologia chama de catarse.

Segundo Hans Küng<sup>31</sup>, Lutero continuou ligado à teologia de Santo Agostinho cujas obras *Confissões*, *Tratado sobre a Trindade e Cidade de Deus*, ele já havia estudado.

Lutero soube muito bem distinguir a fé da superstição, apesar de toda educação transmitida pela sua mãe, educação esta povoada de duendes,

<sup>30</sup> GARCIA-VILLOSLADA, Ricardo. *Martin Lutero, Volume I*. Pág. 312.

<sup>31</sup> KÜNG, Hans. *Os Grandes Pensadores do Cristianismo*, pág. 129.

demônios e elfos. Conheceu o medo do inferno de sua época, encontrou nas Escrituras o perigo de satanás e foi tentado pelo diabo.

Segundo a descrição de Heiko Oberman:

Fazer do demônio algo inócuo significa desfigurar a fé: “Não é possível combater ao demônio senão mediante a fé em Cristo, dizendo: sou batizado, sou um cristão.” (WA TR 6830, 217) O seguinte testemunho de sua própria experiência com o demônio como espírito revoltoso é de ressonâncias medievais: “Não é raro ouvir que o diabo agita as casas e passeia por elas. Em nosso convento de Wittemberg o ouço claramente. Quando começava a ler o saltério e depois de haver cantado as rezas noturnas, uma vez sentado no refeitório, estudando e escrevendo para a minha classe, chegou o demônio e perturbou 3 vezes no inferno [espaço situado depois do forno], como se alguém tirasse dali um cântaro, arrastando-o. Ao final, como não estava quieto, recolhi, precipitadamente, meus livros e fui para a cama; porém aquela ocasião me traz pesar por não lhe haver oferecido resistência apesar de haver visto o que o demônio queria fazer. Ainda lhe ouvi em outra ocasião no convento em cima de minha cela”. (WA TR 6832, 219,30-40)<sup>32</sup>

#### **I.I.8. O casamento:**

Lutero demorou em tomar a decisão de contrair núpcias, não porque ele tivesse dificuldades em encontrar uma mulher, mas, mesmo depois de haver abandonado a Igreja e queimado publicamente todas as leis canônicas, o espírito monacal ainda estava muito forte dentro dele.

Lutero, desde 1520, já aconselhava aos sacerdotes a vida matrimonial, dizendo que o celibato era coisa diabólica e impossível de cumprir. Nos anos seguintes Lutero não se cansava de pregar, escrever cartas para recomendar o casamento e os benefícios dele na vida do homem. E ele recomendava o casamento à cúria, aos frades e às monjas.

Lutero chegava a ser muito aberto nestas questões conjugais. Ele dizia que se, no casamento, um dos cônjuges fosse enganado e não estivesse sendo plenamente satisfeito na sua sexualidade, sentindo-se lesado por não ter sido comunicado, o cônjuge traído nesta falta omissão de informações poderia satisfazer suas necessidades com outra pessoa:

Se uma mulher potente casasse com um homem impotente, não podendo casar com outro publicamente e também não querendo manchar a honra, visto que o papa exige muitas

<sup>32</sup> OBERMAN, Heiko A. LUTERO, Un hombre entre Dios y el Diablo. Páginas 127-128.

testemunhas nesses casos e faz muito alarde em torno disso, ela deveria dizer a seu marido: Caro esposo, não podes me corresponder e roubaste o corpo jovem; além disso, puseste em risco minha honra e a salvação da alma. Perante Deus não existe matrimônio entre nós. Permite-me que mantenha uma relação secreta com teu irmão ou parente mais próximo, para que se preserve teu nome e teus bens não passem às mãos de estranhos. Permite que eu te engane conscientemente, assim como tu me enganaste sem minha ciência.<sup>33</sup>

Ele cria que a sexualidade é algo fundamental dentro do relacionamento conjugal e precisa ser satisfatória para ambas as partes. Analisando um texto de Paulo, na Bíblia Sagrada, em 1Coríntios 7, ele diz que “nenhuma das partes tem poder sobre seu corpo, mas um tem que servir ao outro, como é próprio do amor”.<sup>34</sup>

Diante da insistência de seus amigos, principalmente de Spalatin, ele contraiu núpcias com uma ex-monja de nome Catarina, no dia 13 de junho de 1525. Garcia-Villoslada (1976), citando Enrique Böhmer, fala dos motivos que levaram Lutero a contrair núpcias:

“Lutero não se casou, como o homem normal, *propter opus*, por amor; nem *propter opes*, para melhorar suas condições econômicas; nem tampouco *propter opem*, ou seja, por procurar a ajuda de uma mulher que cuidasse dele nos últimos dias; senão, em primeiro lugar, *propter patrem*, porque o desejava seu pai; em segundo lugar, *propter conscientiam et religionem*, porque sua consciência o impelia a confirmar com a obra o que ensinava com a palavra; e, em terceiro lugar, *propter diabolum et papam*, para aborrecer o diabo e o papa”.<sup>35</sup>

Catarina de Bora nasceu na Saxônia, em 29 de janeiro de 1499. Entrou no mosteiro cisterciense de Nimbschen e fez sua profissão religiosa em 8 de outubro de 1515. O escrito de Lutero: *Dos votos monásticos* chegou até este mosteiro trazendo muitas dúvidas e inquietações, fazendo que um grupo de monjas manifestasse o desejo de escapar do convento.

No dia 05 de abril, o domingo de Páscoa de 1523, durante a noite, doze monjas saíram clandestinamente do convento. Três delas foram recolhidas por parentes, e as outras nove se dirigiram com Leonardo Koppe a

<sup>33</sup> LUTERO, Martinho. Obras Seleccionadas, Ética: Fundamentos-Oração-Sexualidade-Educação-Economia, volume 5, páginas 163 e 164.

<sup>34</sup> *Idem*, página 193.

<sup>35</sup> GARCIA-VILLOSLADA, Ricardo. *Martin Lutero, Volume II*. Pág. 226.



Wittemberg. Lutero abrigou algumas, no próprio mosteiro negro, onde ele vivia quase solitário, gerando escândalo em algumas pessoas, e para outras ele buscou hospedagem em casa de amigos. Entre as nove, encontrava-se Madalena de Staupitz, irmã do famoso vigário geral dos agostinianos, e Catarina de Bora.<sup>36</sup>

O casamento fez muito bem para ele, pois encontrou uma companheira muito dedicada. Se assim não fosse, teria ele sobrevivido a todas as enfermidades que o acometiam? Amiúde, ele sofria de gota, insônia, resfriados, hemorróidas, constipação, cálculos renais, vertigem e zumbidos nos ouvidos como se tocassem todos os sinos de Halle, Leipzig, Erfurt e Wittemberg juntos. Catarina era mestra em ervas, emplastros e massagens. Pode-se pensar que a cerveja que ele sorvia com tanto prazer para dissolver seus cálculos.

O casamento de Lutero com Catarina, segundo Martin Dreher, não foi aquilo que se poderia designar de um relacionamento por amor. Mas este sentimento foi surgindo com o passar do tempo.<sup>37</sup> Em 1531, Lutero afirmou:

Não trocaria minha Kate pela França e por Veneza de brinde. Primeiro, porque foi Deus quem me deu e me deu a ela; depois, porque experimento muitas vezes que outras mulheres têm mais defeitos que minha Kate (mesmo que também tenha alguns, opõem-se-lhes virtudes muito maiores); terceiro, porque ela preserva a fé do matrimônio, que é fidelidade e honra. Assim, inversamente, também a mulher deveria pensar a respeito do marido. (WA TR 1,49.)

Mas Lutero e Catarina, como todos os casais, tinham também seus momentos de desavença e discussões, como foi registrado por um de seus comensais:

“Se posso agüentar a ira do diabo, do pecado e da consciência, também agüento uma ira da Catarina von Bora. Com reclamações ninguém há de conseguir alguma coisa junto a mim.”

Foi o que disse quando, certa vez, havia brigado com sua mulher por causa de uma coisa de nada.<sup>38</sup>

<sup>36</sup> *Idem, Volume II. Páginas 227, 228.*

<sup>37</sup> DREHER, Martin Norberto. Reflexões em torno de Lutero, volume III, página 21.

<sup>38</sup> LUTERO, Martinho. WA TR 1,255.

Referia-se jocosamente a sua mulher como a “minha costela”, e ela o chamava com frequência de “meu senhor”. Às vezes ele usava o diminutivo Katie e o mudava em alemão por Kette, que significa “cadeia”.

Através desta colocação e de tantas outras Lutero demonstrou ser um tanto chistoso.

Charles Brenner afirma:

Uma vez que o chiste é primordialmente um fenômeno verbal, percebe-se amiúde, na análise dos chistes, as maneiras em que as palavras podem ser empregadas no pensamento de processo primário... Podemos afirmar que uma atividade como a do chiste representa para ambos, autor e auditório, a reformulação parcial e temporária do processo primário como a forma predominante de pensamento, ou, em outras palavras, uma regressão parcial e temporária do ego. No caso do chiste, é o próprio ego que inicia a regressão, ou pelo menos o encoraja... Podemos dizer que o autor de uma piada, por meio de uma regressão parcial, exprime uma idéia de acordo com o processo primário.<sup>39</sup>

#### **I.I.9. Filhos:**

Ele teve seis filhos: Hans, 7 de junho de 1526; Elizabeth, 10 de dezembro de 1527; Madalena, 17 de dezembro de 1529; Martin, 09 de novembro de 1531; Paulo, 28 de janeiro de 1533; e Margarida, 17 de dezembro de 1534. Hans se tornou um advogado que conseguiu um posto no governo. Martin estudava Teologia, mas era demasiadamente frágil para entrar no ministério e morreu aos 39 anos de idade. Paulo se formou médico e chegou a ser médico de Joaquim II de Brandeburgo. Margarida se casou com um nobre. Elizabeth morreu quando tinha 1 ano de idade. Madalena, que era muito formosa, morreu aos 14 anos de idade.

Segundo citação de Gottfried Fitzer, ele escreveu a Justus Jonas, seu colaborador e amigo de muitos anos, no dia 23 de setembro de 1542, três dias após a morte da filha:

Creio que já terás ouvido falar da ressurreição de minha querida filha Madalena no eterno Reino de Cristo. Ainda que eu e minha mulher nada mais devêssemos fazer senão agradecer e estar alegres por causa de um pensamento tão feliz para a salvação, e através do qual ela escapou ao poder da carne, do mundo, dos turcos e do diabo, tão intensa é a força do amor

<sup>39</sup> BRENNER, Charles. Noções básicas de Psicanálise, páginas 154 e 155.

paterno que não podemos evitar as lágrimas do fundo do coração e um grande sofrimento. Dentro de nossos corações, gravou-se indelevelmente cada traço, cada palavra, cada gesto dessa filhinha cheia de vivacidade e moribunda, obediente e respeitadora, e nem a morte de Cristo, a que nenhuma outra morte deve ser comparada, pode expulsar como devia todo luto e tristeza. Agradece tu a Deus em nosso lugar... queira Deus que eu e nós todos possamos alcançar morte idêntica, sim, e idêntica vida; é só, o que peço a Deus, o Pai de toda consolação e de toda misericórdia. Nele permaneci vós todos.<sup>40</sup>

Nestas palavras dirigidas ao amigo, verifica-se que Martinho Lutero estava em processo de elaboração do luto pelo passamento de sua filha, e ele expressa a dificuldade enfrentada no momento para fazer este luto. Mas ele não nega o sofrimento. Ele o encara de frente, de uma maneira saudável, o que lhe propicia a capacidade para superar o momento doloroso.

Segundo Sigmund Freud: “O luto ocorre sob a influência do teste de realidade, pois a segunda função exige categoricamente da pessoa desolada que ela própria deva separar-se do objeto, visto que ele não mais existe.”<sup>41</sup>

Falando da educação recebida de seus pais e na escola, Lutero mencionou a profunda severidade. Uma peraltice, uma brincadeira infantil, uma falta na lição escolar eram punidas como se fossem atos de maldade.

Funck-Brentano fala, analisando as *Conversas à Mesa*, qual a impressão que ficou gravada na mente de Lutero a respeito desta educação:

Contudo o futuro reformador não falará nunca de seus pais senão com sentimentos de afeição e reconhecimento. “Eles sempre quiseram meu bem, suas intenções a meu respeito foram sempre boas; vinham do fundo de seus corações.”<sup>42</sup>

Por mais que ele conscientemente reconhecesse as boas intenções de seus pais em corrigi-lo, no seu inconsciente ficaram registrados traumas desta educação. Ele mesmo disse, mais tarde, que não se deve aplicar todo este rigor na criação dos filhos. E o que se pode observar são suas referências muito carinhosas aos filhos, em especial esta a acima citada.

Lutero mostrou ser um pai exemplar. Ao lado do cuidado espiritual, há três quadros que mostram que ele era um pai muito presente, com

<sup>40</sup> LUTERO, Martinho, WA, Cartas, Volume XI, página 452.

<sup>41</sup> FREUD, Sigmund. Das Obras Completas, Volume XX. Página 197.

<sup>42</sup> FUNK-BRENTANO. Martin Lutero. Página 18.

momentos muito felizes vividos em família. Um deles mostra o reformador rodeado de seus amigos e de seus filhos, entoando canções ao som da música, que ele conhecia muito bem. Outro reproduz uma cena pitoresca de verão: Lutero, no seu pomar, estendendo os braços aos seus filhos; Catarina, ao lado, segurando o menorzinho, e todos têm nas mãos cachos de uvas. É uma reprodução dos *Tischereden*, *Propos de Table*, *Table-Talk* ou *Conversas à Mesa*.

O terceiro quadro retrata uma cena de inverno que se passa no Natal. Lutero e Catarina na sala, com os meninos em torno da árvore de Natal. No chão, brinquedos espalhados. Numa mesa a tia Madalena mostra aos pequeninos, concentrados, as figuras de um livro.

Vicente Themudo Lessa descreve no seu livro que:

Lutero não só brincava com os filhinhos, na expansão característica de seu gênio, como escrevia-lhes cartas quando em viagem, modelos de graça e simplicidade, como aquela carta de Coburgo a seu primogênito Hans que vem reproduzida em vários autores. Trata-o às vezes de doutor. Interessantes são também as cartas a Catarina, nas quais se lhe dirige em termos carinhosos e honoríficos ao mesmo tempo.<sup>43</sup>

Ainda falando sobre a educação dos filhos, Roland Herbert Bainton relata a respeito de um registro das *Conversas à Mesa* n° 6102:

Em uma oportunidade Lutero se recusou a perdoar a seu filho durante três dias, ainda que o menino rogasse o seu perdão e Kate e outros intercedessem. O problema residia em que o menino, ao desobedecer ao pai, havia ofendido a majestade de Deus.<sup>44</sup>

Esta atitude de Lutero confirma o que a Psicanálise diz, que o filho é uma projeção de seus pais. Não é possível deixar de lado a herança recebida. Ainda que Lutero quisesse em alguns momentos mostrar ser um pai diferente do seu, em outros momentos aflorava o seu pai Hans Luther internalizado.

---

<sup>43</sup> LESSA, Vicente Themudo. Lutero. Páginas 222,223.

<sup>44</sup> BAINTON, Roland Herbert. Lutero. Página 336.

### I.I.10. Vícios:

Lutero foi acusado por um dominicano, chamado Denifle, de ter sido um ébrio, um beberrão. Sabe-se que Lutero não era abstinente, apreciava bons vinhos e gostava também de tomar cerveja. Ele disse certa vez:

“Simplesmente, eu ensinava, pregava, escrevia a Palavra de Deus; não fazia outra coisa. E logo, quando dormia ou bebia cerveja em Wittemberg, com meu Felipe ou meu Armsdorf, a Palavra debilitava o Pontificado, tão acusadoramente, que nunca nenhum príncipe ou imperador lhe infligiu tanto dano. Eu não fazia nada. A Palavra fez tudo”.<sup>45</sup>

Se Lutero tivesse se entregado à bebida, teria sido impraticável ele desenvolver sua força criadora. Lutero escrevia e escreveu muito, em uma velocidade desenfreada. Escreveu quase uma centena de grandes volumes, contendo cada um várias obras importantes. Ele escrevia em média 1 livro a cada 15 dias. Toda a sua obra aconteceu a partir dos 40 anos de idade.

Outro defeito que seus biógrafos mencionam se refere a sua maneira de falar, de se expressar, conforme escreve Themudo Lessa (1960):

“Habitado a controvérsias e discussões em toda a sua vida, nem sempre se sabia moderar nas expressões, quer escrevendo, quer falando. Do mesmo modo, nas suas cartas e na conversação habitual, saturada de humorismo. Ofendia os adversários e escandalizava os amigos. Por vezes tornava-se até inconveniente e, à luz moderna principalmente, parece fora de compostura em tais ocasiões. Suas expressões rudes não causam boa impressão”.<sup>46</sup>

Explicam-se estas ofensas verbais e escritas, pois era freqüente, na sociedade em que vivia Lutero, o uso de termos grosseiros, no ataque aos adversários. Do ponto de vista da psicanálise, o filho reproduz muito do comportamento dos pais. Se Lutero foi criado por um pai rude, que utilizava um vocabulário rude e grosseiro, provavelmente isto o influenciou na formação de sua personalidade. Já foram citadas algumas de suas frases.

---

<sup>45</sup> RUPP, Gordon *Luther's Progress to the Diet of Worms*, pág. 99.

<sup>46</sup> LESSA, Vicente Themudo. Lutero. Pág. 219.

## II. Erik Homburger Erikson

### I.II.1. Vida

Erik Erikson nasceu na Alemanha, na cidade de Frankfurt, no ano de 1902. Ele foi criado por sua mãe, judia de descendência dinamarquesa, e seu padrasto, um médico pediatra judeu. Seu pai, um biólogo dinamarquês, abandonou a sua mãe antes de ele nascer. Ele não foi aceito como sendo plenamente judeu pela sua aparência: alto, loiro e de olhos azuis, traços herdados de seus pais dinamarqueses. Esses antecedentes contribuíram para seu próprio interesse pela identidade, conforme ele salientou mais tarde.

Na sua juventude estudou arte e andou por toda a Europa tentando se tornar um artista. Aceitando a sugestão de um amigo, ensinou artes a filhos de pacientes de Sigmund Freud. Através de sua futura esposa, Joan Serson, que estava estudando psicanálise, foi introduzido a este estudo. Ele estudou psicanálise no Instituto Psicanalítico de Viena, formando-se em 1933. Erikson fez análise com Anna Freud, filha de Freud. Em 1933, por causa do anti-semitismo, Erikson e sua esposa saíram da Alemanha e foram para a Dinamarca, passando ali algum tempo, para depois emigrarem aos Estados Unidos. Nesse período, para marcar a mudança de identidade, adotou o sobrenome de Erikson.

Embora sem possuir um título universitário, Erikson tornou-se analista de crianças e deu aulas em Harvard. Tornou-se membro da Clínica Psicológica de Harvard e criou o *Teste de produção dramática*. Além de seus estudos clínicos e no campo do desenvolvimento, sua ligação com antropólogos permitiu-lhe observar duas culturas indígenas americanas: os Sioux, em Dakota do Sul, e os Yurok, uma tribo de pescadores da Califórnia. Com a infiltração de comunistas nas universidades, os professores universitários foram chamados a assinar um termo de lealdade, além do juramento de praxe, pelo qual prometiam respeitar as constituições nacional e estadual. Erikson e muitos outros professores se recusaram a assinar e foram demitidos, porém esta demissão foi anulada judicialmente.

Cloninger escreve em seu livro:

Embora se considerasse um freudiano, Erikson propôs várias inovações teóricas que enfatizavam o ego e os fatores sociais e afirmou, sobretudo, que o desenvolvimento do ego prossegue durante toda a vida. Aos 80 anos, ele e a mulher ainda continuavam ativos, entrevistando um grupo de idosos californianos para aprender mais sobre essa última fase da vida. Erikson morreu numa clínica para idosos de Massachusetts em 12 de maio de 1994, aos 91 anos.<sup>47</sup>

Embora Erikson não tivesse formação médica nem qualquer diploma universitário, somente um certificado de educação montessoriana, sua contribuição para a psicologia foi fornecer um modelo da personalidade que abrange toda a vida. Os princípios fundamentais do sistema Montessori são: a atividade, a individualidade e a liberdade. Enfatizando os aspectos biológicos, considerava o que a vida é desenvolvimento, e a função da educação é favorecer esse desenvolvimento. Os estímulos externos formariam o espírito da criança, precisando, portanto, ser determinados. Assim, na sala de aula, a criança era livre para agir sobre os objetos sujeitos a sua ação, mas estes já estavam preestabelecidos, como os conjuntos de jogos e outros materiais que desenvolveu.

Erikson exerceu influência com a sua teoria nos campos da psico-história e da psicobiografia. Para se fazer esta psicobiografia, é necessário um autoconhecimento por intermédio de um tratamento psicanalítico. Em 1958 ele escreveu *Young Man Luther*.

Ajudou a psico-história a superar o estágio de simples documentação do impacto de pessoas importantes na história para reconhecer as influências recíprocas entre as forças psicológicas e históricas. Propunha que os conflitos das pessoas estudadas pela psicobiografia não eram apenas conflitos individuais, mas representavam os conflitos da sociedade em que elas viviam. Dessa forma o estudo de indivíduos pode colaborar para a compreensão da história. Pelo fato de sua teoria abranger a vida desde o nascimento até a morte, os conceitos de Erikson podem lançar luz sobre a biografia ao longo da vida. Essa abordagem foi considerada particularmente valiosa para o estudo do envelhecimento. Na adolescência e no começo da vida adulta o desenvolvimento pode, pelo menos algumas vezes, ser saudável e normal apesar dos sofrimentos ocasionados pela guerra, de acordo com a análise de cartas de uma jovem ao seu professor.<sup>48</sup>

---

<sup>47</sup> CLONINGER, Susan C. Teorias da Personalidade, pág. 146.

<sup>48</sup> CLONINGER, Susan C. Teorias da Personalidade, pág. 146, 149.

Além dessa obra, ele escreveu breves análises de George Bernard Shaw (1968), Hitler e Gorki (1963) e Gandhi (1969). Esta última lhe rendeu o Prêmio Pulitzer e o National Book Award.

Para que se possa ter uma compreensão maior e melhor da sua obra sobre a vida de Martinho Lutero, é necessário ter uma noção das formulações teóricas de Erikson.

### **I.II.2. Desenvolvimento Psicossocial.**

Cada ser humano tem o seu desenvolvimento dentro de uma determinada sociedade, por intermédio da educação recebida e suas instituições sociais, em criança, e esta sociedade exerce uma intensa influência sobre a maneira como este ser humano resolverá os seus conflitos.

Um dos avanços da teoria freudiana, que foi da maior importância no século XX para o estudo da personalidade humana, foi o foco no ego. Freud dizia que o ego aparece muitas vezes para satisfazer aos desejos do id. Anna Freud, dando continuidade aos estudos do pai, atribuiu ao ego uma maior autonomia, com um poder maior de decisão e atuação. Ela expandiu os mecanismos de defesa de sete para dez, atribuindo a eles um caráter menos patológico do que seu pai o fizera. Com sua teoria, Anna Freud transformou os estágios psicosssexuais em estágios de busca de domínio do ego, dando base para os estudos de Erik Erikson. Esta fase na Psicanálise ficou conhecida como época da “Psicologia do Ego”, onde se diminuía a ênfase no inconsciente. (Hall et al., 2000).

Conforme Cloninger apresenta no seu livro (2003), a teoria de Erikson tem decorrências em muitas questões teóricas fundamentais:

**Diferenças individuais:** as pessoas são diferentes quanto às forças do seu ego. As personalidades apresentadas por homens e mulheres são diferentes por causa das diferenças biológicas.

**Adaptação e ajustamento:** se alguém quer ter uma boa saúde mental, um ego forte é a chave. Isto significa que a pessoa conseguiu uma boa resolução das oito fases do desenvolvimento do ego, com predominância das forças positivas em relação às forças negativas (confiança sobre desconfiança).



**Processos cognitivos:** Como Freud, ele também fala que o inconsciente é uma força importante na personalidade. A experiência é influenciada por modalidades biológicas que se expressam por meio de símbolos e jogos.

**Sociedade:** a sociedade dá a forma com que o indivíduo se desenvolve. Daí o termo “desenvolvimento psicossocial”. As instituições culturais dão sustentação às forças do ego (a religião dá sustentação à confiança e à esperança).

**Influências biológicas:** o biológico determina a personalidade.

**Desenvolvimento da criança:** as crianças se desenvolvem no decorrer de quatro fases psicossociais, e cada uma delas contém uma crise que é muito importante para desenvolver uma força específica do ego.

**Desenvolvimento do adulto:** Os adolescentes e os adultos também vão se desenvolver ao longo de quatro fases psicossociais. Passando por uma crise que ajudará a desenvolver a força específica do ego.

### **I.II.2.1. O Ciclo Vital: Epigênese da Identidade.**

Segundo o que Erikson fala, “o princípio epigênico afirma que tudo o que cresce tem um plano básico e é a partir desse plano básico que se erguem as partes ou peças componentes, tendo cada uma delas o seu tempo de ascensão especial, até que todas tenham sido levantadas para formar então um todo em funcionamento”.<sup>49</sup>

### **I.II.2.2. Oito idades do homem**

Erikson, olhando para as fases psicosexuais de Sigmund Freud, reinterpretou-as enfatizando os aspectos sociais de cada uma. Ele estendeu o conceito de fase ao resto da vida, elaborando uma abordagem do desenvolvimento que vai da infância à velhice. As quatro primeiras fases correspondem às fases oral, anal, fálica e latência, de Freud. A fase genital de Freud abarca as quatro últimas fases de Erikson.

Cada fase envolve uma crise que se centra numa determinada questão. Uma crise pode ser considerada como uma reviravolta no

---

<sup>49</sup> ERIKSON, Erik H. Identidade, Juventude e Crise. Página 91.

desenvolvimento. De cada crise emerge uma força do ego, que corresponde àquela fase. Essa força vai fazer parte da coleção das aptidões do ego do indivíduo pelo resto da vida. Cada força se desenvolve em relação a um pólo antagônico ou negativo. Em um desenvolvimento saudável, a força é maior que a fraqueza. Essas forças se desenvolvem através dos relacionamentos com pessoas significativas, começando pela mãe, e vai-se ampliando no decorrer da vida.

#### Segundo Cloninger:

Embora cada aptidão do ego tenha o seu período de crise, de maior crescimento num momento específico da vida, os desenvolvimentos anteriores preparam o caminho para a força seguinte, e os desenvolvimentos posteriores podem, até certo ponto, modificar uma resolução anterior. Por exemplo, tornar-se avô propicia a muitas pessoas idosas uma segunda oportunidade de desenvolver a força do ego (generatividade) que tem seu foco de desenvolvimento básico no estágio anterior. Na teoria de Erikson, cada uma dessas fases deve ser considerada não apenas do ponto de vista do indivíduo, mas também numa perspectiva social. A identidade de um adolescente desenvolve-se em relação aos ideais e valores da geração anterior. Em cada fase as pessoas significativas, como membros da sociedade, estão intimamente envolvidas. O desenvolvimento do bebê implica não apenas as suas necessidades, mas também a necessidade complementar da mãe de dar provisão. Há quem considere que a teoria de Erikson fornece um fundamento lógico para programas que estimulem os contatos intergeracionais.<sup>50</sup>

#### **Primeira Fase: Confiança X Desconfiança**

A primeira demonstração de confiança social da criança está relacionada com três necessidades básicas: a prontidão com que ela é alimentada, a profundidade do seu sono e a relaxação de seus intestinos. As circunstâncias de aconchego e as pessoas a elas associadas são tão familiares como o mal-estar intestinal. A sua primeira realização social está em sua espontânea disposição em deixar a mãe, sem ansiedade ou raiva, por ela se ter convertido em uma realidade, uma certeza interior. O estado geral de confiança alude não só a que um sujeito aprendeu a confiar na uniformidade e continuidade dos provedores externos, ou seja, ele pode ter certeza de que suas necessidades sempre serão satisfeitas, mas também o mais importante,

---

<sup>50</sup> CLONINGER, Susan C. Teorias da Personalidade, páginas 151, 153.

que pode confiar em si mesmo e na capacidade de seus órgãos, para enfrentar seus desejos urgentes, e que é capaz de se considerar digno de confiança, para que os provedores não precisem ficar em guarda, com medo de levar uma mordida, pois esta fase corresponde à fase freudiana, cuja zona erógena é a boca.

Segundo Erik Erikson fala:

A psicanálise supõe que o processo de diferenciação na primeira fase da vida infantil entre o interno e o externo é a origem da projeção e da introjeção, que permanecem como dois de nossos mais profundos e perigosos mecanismos de defesa. Na introjeção, sentimos e atuamos como se uma bondade exterior se tivesse transformado em uma certeza interior. Na projeção, experimentamos um dano interno como externo: atribuímos às pessoas significativas um mal que na realidade existe em nós. Na idade adulta, esses mecanismos se restabelecem mais ou menos naturalmente nas crises agudas de amor, de confiança e de fé, e podem caracterizar atitudes irracionais para com os adversários e os inimigos no conjunto dos indivíduos “maduros”.<sup>51</sup>

A instituição de padrões duráveis para a solução de conflitos consiste na primeira tarefa do ego, e a mãe tem um papel fundamental neste momento. As progenitoras criam em seus filhos um sentimento de confiança através do tipo de tratamento que deve contar com um cuidado sensível das necessidades da criança e um sentimento de fidedignidade pessoal. Isso cria na criança o alicerce para um sentimento de identidade que mais tarde lhe propiciará ser ela mesma, ser aceitável, e de se converter no que os demais confiam que chegará a ser.

Os pais, mais precisamente a mãe, propiciam o desenvolvimento da desconfiança básica nesta fase, a partir do momento em que o bebê não encontra respostas para as suas necessidades no mundo. É inevitável alguma desconfiança, já que a forma como os pais oferecem o provento não é tão perfeita como o cordão umbilical. Torna-se até necessária uma dose de desconfiança básica para a futura adaptação do bebê, pois nem sempre é confiável o mundo que o indivíduo encontrará quando crescer, e é indispensável a capacidade de desconfiar para um ajustamento realista.

---

<sup>51</sup> ERIKSON, Erik H. Infância e Sociedade. Páginas 228 e 229.

Erikson vai dizer que cada etapa e crise têm uma relação com um dos elementos básicos da sociedade. O elemento básico da sociedade com o qual esta fase se relaciona é a religião como instituição. Ele diz:

Todas as religiões têm em comum uma periódica rendição infantil ao provedor ou provedores que dispensam felicidade terrena assim como saúde espiritual; alguma demonstração da pequenez do homem através de uma atitude submissa e gestos humildes; a confissão na prece e no cântico, de más ações, maus pensamentos e más intenções; uma fervorosa súplica de unificação interna, mercê da orientação divina; e, finalmente, a compreensão de que a confiança individual deve se tornar uma fé comum, a desconfiança individual, um pecado publicamente formulado, enquanto a regeneração do indivíduo deve ser parte da prática ritual de muitos e uma manifestação de fidelidade à comunidade.<sup>52</sup>

Este aspecto da vida comunitária e psicossocial da religião e sua relação paradoxal com a espiritualidade será tratado de uma maneira mais abrangente no segundo capítulo deste trabalho, quando será analisado o livro “*Young Man Luther*” do Erikson.

### **2ª Fase: Autonomia X vergonha, dúvida**

Durante o segundo estágio de vida, que no esquema freudiano, é chamado de fase anal, porque a zona erógena se localiza no ânus, a criança vai descobrir que há obrigações, direitos e obstáculos que são estabelecidos para ela. A busca empreendida pela criança de experiências novas e mais orientada para atividade produz para ela uma dupla exigência: a necessidade de autocontrole e a necessidade de aceitação de controle que será exercido por outros no seu meio ambiente. Esse período inclui o treinamento para o asseio, o controle dos esfíncteres. Os adultos relacionados com a criança usarão a aptidão humana, comum e imperiosa à vergonha para dominar a obstinação infantil. Também incentivarão a criança a desenvolver o seu senso de autonomia, e ir se tornando mais independente. Este é o estágio que promove a liberdade de auto-expressão e a afeição. A criança fica orgulhosa e entusiasmada por conseguir o auto-controle, porém quando acontece a perda deste autocontrole, isto causa na criança um sentimento de vergonha e dúvida.

---

<sup>52</sup> ERIKSON, Erik H. Infância e Sociedade. Página 230.

Segundo o que Calvin Hall coloca sobre esta fase:

O valor da vontade aparece durante este segundo estágio de vida. As duas origens a partir das quais esse valor se desenvolve são a obstinação disciplinada e o exemplo de vontade superior apresentado pelos outros. A criança aprende consigo mesma e com os outros o que é esperado e o que é esperável. A vontade é a responsável pela aceitação gradual, por parte da criança, da lei e da necessidade. Os elementos da vontade aumentam gradualmente através das experiências que envolvem a percepção, a atenção, a manipulação, a verbalização, a locomoção. A vontade é a força crescente para fazer escolhas livres, decidir, exercitar o autodomínio e adaptar-se.<sup>53</sup>

Se a vulnerabilidade da criança não apresentar um fulcro, produzir-se-á um senso de vergonha e de dúvida. Esta etapa passa a ser decisiva para a proporção de amor e ódio, cooperação e voluntariedade, liberdade de auto-expressão e seu cerceamento.

Erikson chama a ritualização deste estágio de criteriosa, pois a criança principia a julgar-se e aos outros e a diferenciar entre o certo e o errado. A criança aprende a distinguir entre o “nosso jeito” e o dos outros julgados como diferentes.

### **Terceira Fase: Iniciativa X Culpa**

O terceiro estágio psicossocial de vida corresponde à fase fálica do desenvolvimento psicosssexual de Freud, de 3 a 5 anos. Existe em toda criança, em cada etapa que ela passa, um desenvolvimento pujante que constitui uma nova esperança e uma nova responsabilidade para todos. Esse é o significado e a qualidade inerente da iniciativa. A iniciativa soma, à autonomia da fase anterior, a capacidade de explorar, de delinear e de atacar uma tarefa pelo gosto de estar atuando e de estar em movimento.

Conforme descreve Erikson:

O perigo dessa etapa é um sentimento de culpa relacionado com os objetivos visados e os atos iniciados no próprio gozo exuberante do novo poder locomotor e mental: atos de manipulação e coação agressivas que logo ultrapassam a capacidade executiva do organismo e da mente e, portanto, obrigam a uma contenção enérgica da iniciativa planejada.

---

<sup>53</sup> HALL, Calvin Springer. Teorias da Personalidade. Página 69.

Esta é, então, a etapa do “complexo de castração”, o temor intensificado de perceber os genitais, agora fortemente erotizados, danificados como castigo pelas fantasias associadas com sua excitação.<sup>54</sup>

Nesta fase a criança pode desenvolver gradativamente um senso de responsabilidade moral, quando pode adquirir certa compreensão das instituições, funções e papéis que permitem sua participação responsável. A atividade infantil deste período é brincar, e a intenção resulta do jogo, da exploração, das tentativas e erros e da experimentação com o brinquedo. E num mundo do faz-de-conta assume o papel de pais e de outros adultos. Neste processo de imitação ela percebe até certo ponto como é ser um adulto. Este brinquedo imaginativo é de vital importância para o desenvolvimento da criança.

#### **Quarta Fase: Produtividade X Inferioridade**

A fase freudiana correspondente é a fálica, que vai dos 5-6 anos aos 11-12 anos. O cenário interior parece estar preparado para a entrada na vida que deve começar na escola. A criança deve esquecer as expectativas e anseios do passado, ao mesmo tempo que se disciplina e se subordina para aprender as matérias escolares. Antes que a criança, que já é psicologicamente um genitor embrionário, possa se transformar em um genitor biológico, deve ser um trabalhador e um provedor potencial. Nesta fase a criança recebe instrução sistemática.

O perigo para a criança nesta fase está no sentimento de inadequação e inferioridade, quando é incapaz de dominar a tarefa que empreende ou que lhe é atribuída pelos professores ou pelos pais.

Conforme o que escreve Hall, nesta fase a criança:

Necessita agora de instruções específicas sobre os métodos fundamentais para acostumar-se com um modo técnico de vida. Está pronta e desejosa de aprender sobre o uso de ferramentas, máquinas e métodos preparatórios para o trabalho adulto. Tão logo tenha desenvolvido a inteligência e a capacidade suficientes para trabalhar, é importante dedicar-se a seu trabalho para evitar sentimentos de inferioridade e a regressão do ego. Trabalho, neste sentido, inclui muitas e variadas formas, tais como freqüentar a escola, fazer serviços

---

<sup>54</sup> ERIKSON, Erik H. Infância e Sociedade. Página 235, 236.

domésticos leves em casa, assumir responsabilidades, estudar música, aprender habilidades manuais, bem como participar de jogos e esportes que exijam destreza. O importante é que a criança deve aplicar sua inteligência e energia abundantes em algum empreendimento e direção.<sup>55</sup>

### **Quinta Fase: Identidade X Confusão de Identidade**

Este é o período que corresponde à fase genital do desenvolvimento segundo Freud. Com uma boa relação com as habilidades e as ferramentas e com o advento da puberdade, a infância propriamente dita chega ao seu fim. Os jovens em rápido desenvolvimento, ante a revolução da adolescência e com tarefas adultas, todavia inalcançáveis, se preocupam agora antes de tudo com sua identidade psicossocial e por fazer com que seus rudimentares talentos e habilidades anteriormente desenvolvidas com os protótipos ocupacionais do momento.

A integração de uma identidade é mais que a soma das identificações da criança. É a confiança intensificada em que a identidade interna e a continuidade alcançada através dos anos passados de desenvolvimento correm paralelas à identidade e à continuidade do significado deles para com os demais, como se manifesta na tangível promessa de certas carreiras e estilos de vida.

Conforme fala Erikson:

Bem conhecida é a impulsividade não só regressiva e, não obstante, poderosa do adolescente, que alterna com uma contenção compulsiva. Não obstante, em tudo isto pode detectar-se uma busca ideológica de uma coerência interna e um perdurável conjunto de valores. A força particular buscada na fidelidade; quer dizer, a oportunidade de cumprir certas potencialidades pessoais (incluindo a vitalidade erótica ou sua sublimação) em um marco que permita ao jovem ser fiel a si mesmo e ser fiel a outros que lhe são significativos. “Enamorar-se” também pode ser um intento de chegar a uma autodefinição, vendo-se refletido a si mesmo, novamente, em outro idealizado assim como erotizado.<sup>56</sup>

Este é um tempo na vida do adolescente no qual ele deseja uma definição: saber o que é no presente e no que quer se tornar no futuro. O agente elaborador da formação da identidade é o ego, em seus aspectos

---

<sup>55</sup> HALL, Calvin Springer. Teorias da Personalidade. Página 71.

<sup>56</sup> ERIKSON, Erik H. Un modo de ver las cosas. Página 541.

conscientes e inconscientes. É uma das funções egóicas escolher e associar talentos, capacidades e aptidões com pessoas de igual mentalidade e ajustadas ao meio social. O adolescente procura seus pares para relacionamentos. Possui também a capacidade de manter suas defesas contras as ameaças e a ansiedade, à medida que aprende a decidir quais os impulsos, as necessidades e os papéis mais apropriados. Todas estas características, que são escolhidas, agrupadas e agregadas pelo ego, formam a identidade psicossocial.

A crise de identidade ocorre quando não se consegue alcançar uma identidade coesa. Este estado pode provocar sentimentos de retraimento, de vazio, de ansiedade e de hesitação. O adolescente sente que tem de tomar decisões, mas é incapaz de fazê-lo. Sente que a sociedade o instiga a tomar decisões e por isto, se sente mais resistente ainda em relação a elas, mostrando-se inibido e constrangido.

Dentro desta confusão de identidade, o adolescente pode sentir que está regredindo, ao invés de avançar. De fato, um recuo recorrente à puerilidade pode ser uma alternativa agradável diante do complicado envolvimento que se espera dele em uma sociedade adulta.

E conforme ainda relata Cloninger:

As famílias podem facilitar a resolução da identidade ao permitir uma combinação apropriada de autonomia e vinculação. A sociedade pode ajudar na resolução dessa fase fornecendo uma **moratória**, um período em que o adolescente tem a liberdade de explorar vários caminhos possíveis para os papéis adultos sem as obrigações que virão com a entrada na idade adulta. Em termos simples, a oportunidade de estudar vários campos de conhecimento e até mesmo de mudar de área de interesse principal na faculdade, antes de assumir responsabilidades profissionais, constitui uma moratória. Erikson sublinhava a importância da exploração, temendo que a assunção demasiado precoce de uma identidade poderia levar a uma opção medíocre. Além disso, não haveria a oportunidade de desenvolver a força do ego dessa fase: a fidelidade, que ele definia como a “capacidade de manter lealdades livremente empenhadas a despeito das contradições inevitáveis dos sistemas de valores”.<sup>57</sup>

---

<sup>57</sup> CLONINGER, Susan C. Teorias da Personalidade, páginas 155, 156.



### **Sexta Fase: Intimidade X Isolamento**

Esta é a primeira das três fases adultas: a crise entre a intimidade e o isolamento. A identidade firmada permite o autoabandono exigido por aflições íntimas, por enlevadas uniões sexuais ou por encontros inspiradores. O jovem adulto está habilitado para a intimidade e a solidariedade, quer dizer, pode assumir compromisso em afiliações e sociedades ainda quando estas demandem consideráveis sacrifícios e compromissos. A força ética aparece como uma nova distinção da convicção ideológica e um sentido da obrigação moral.

Chega-se nesta etapa, pela primeira vez, à maturidade genital. Quando perguntaram a Freud quais eram as normas para declarar madura uma pessoa, esperava-se que ele desse uma resposta complexa e longa a esta pergunta, mas ele respondeu: “O amor e o trabalho”.

Só ao chegar a esta etapa, as diferenças biológicas entre os sexos dão por resultado uma completa polarização dentro de um estilo de vida conjunto. As forças antes estabelecidas têm ajudado aos sexos a convergir em capacidades e valores que fomentam a comunicação e a cooperação, enquanto a divergência é, agora, a essência mesma da vida amorosa e da procriação. Por isto os sexos ficam semelhantes na consciência, linguagem e ética, para ser então, maduramente distintos.<sup>58</sup>

O perigo desta etapa é o isolamento, a evitação, a recusa de buscar contatos que possam conduzir a uma intimidade. Um sentido provisório de isolamento é também uma condição necessária para fazer escolhas, mas este isolamento não pode persistir por muito tempo, senão ocorrerão sérios problemas de personalidade.

### **Sétima Fase: Produtividade X Estagnação**

Este termo abrange o desenvolvimento evolucionário que fez do homem o animal que ensina que institui, assim como o que aprende. A independência e a maturidade são recíprocas. Essa comunicação de valores sociais é um imperativo para o desenvolvimento tanto no seu aspecto psicosexual quanto no psicossocial. Quando a produtividade é fraca ou não

---

<sup>58</sup> ERIKSON, Erik H. Un modo de ver las cosas. Página 542, 543.

pode ser expressa, a personalidade regride e adquire um senso de estagnação, de inabilidade de estar totalmente envolvida na tarefa de cuidar dos outros de forma provedora.

### **Oitava Fase: Integridade X desesperança**

A força nos que vão envelhecendo e às vezes nos idosos adota a forma de uma sabedoria em suas muitas conotações: ingênuos maduros, conhecimento acrescentado, uma concepção geral e um juízo maduro. A sabedoria mantém e transmite a integridade da experiência apesar da decadência das funções físicas e mentais.

## CAPÍTULO II

### DIÁLOGO CRÍTICO COM A TEORIA DE ERIKSON SOBRE LUTERO

#### II.1. Circunstância e acontecimento

A literatura sobre Lutero oferece poucos dados seguros sobre a sua infância e juventude. O seu papel histórico e, sobretudo, a sua personalidade, permanecem em ambigüidade. Lutero foi tão excomungado quanto santificado. Pequenas informações de estudiosos sérios e honestos, os quais gastaram boa parte de suas vidas, senão toda a vida, na reconstrução dos dados escassos disponíveis somente para criar todas as vezes que procuravam definir Lutero dentro de uma fórmula, um super-homem ou um robô sobre-humano, um homem que nunca pôde respirar ou mover-se e muito menos falar como Lutero. Posso esperar fazer melhor escrevendo este livro? Kierkegaard, o único que poderia julgar Lutero com a objetividade de um homem religioso por natureza, fez uma vez uma observação na qual é apontado o problema que eu senti de poder abordar com os meios a minha disposição. No seu diário, ele escreve: “Lutero... é um paciente de extraordinário interesse para o cristianismo (*en for Christenheden yderst vigtig Patient*).<sup>59 60</sup>

Por mais que Martinho Lutero falasse a respeito dos seus arroubos, dos seus exageros, tudo aquilo que ele falava se deve ao lugar de onde ele veio, Eisleben, onde os mineiros eram conhecidos pelos exageros cometidos. Como foi criado neste lugar, seria muito difícil ele não reproduzir os costumes de seu povo, ainda mais sendo seu pai um mineiro. Mas, apesar de tudo isto, não se pode desconsiderar as suas *Conversas de Mesa*, compilações de tudo aquilo que ele falava aos seus comensais. Nestas confabulações com estudantes e amigos, ele falou muito a respeito de sua família, sua infância, sua vida nas escolas e sua vida no mosteiro Agostiniano. A excomunhão de Lutero começou a partir do momento em que ele rompeu com Roma. Pode-se

<sup>59</sup> “Soren Kierkegaard efterladte Papirer”, aos cuidados de P.A. Heiberg, Copenhagen 1926, IX, 75. Cf. Eduard Geismar, *Wie urteilte Kierkegaard ueber Luther?* In *Luther-Jahrbuch*, X, 1928, p. 18.

<sup>60</sup> ERIKSON, Erik H. *Il Giovane Lutero*. Página, 23.

ver uma gana para desmoralizá-lo que começou com Cochlaeus e indo até Denifle, assim como também há muitos pesquisadores sérios, sem paixão, que procuraram mostrar a sua vida, com detalhes, tomando o cuidado de não a desmerecer, como: Heiko Oberman, Lucien Febvre, Gerhard Ebeling, Bernhard Lohse, Martin Brecht e um grande historiador brasileiro, Martin Dreher, entre tantos outros.

Ao citar esta afirmação fora do contexto, não quero dizer que Kierkegaard tinha a intenção de chamar Lutero de paciente no sentido de caso clínico; ao contrário, ele vê em Lutero uma postura religiosa (paciência) exemplificada em um arquétipo influente. Ao entender que esta observação seja uma imitação para este livro, nós não nos restringimos totalmente a nossa perspectiva a uma dimensão clínica; ao contrário, estendemos esta prospectiva a fim de incluir um estilo de vida informando a paciência acordada (combinada) como sofrimento auto-imposto, como uma necessidade profunda de cuidado e, segundo Kierkegaard, como paixão pela expressão e pela descrição do próprio sofrimento. Kierkegaard pretendia que Lutero estimulasse muitos outros com este aspecto subjetivo, “paciente” da vida e que, mais tarde, não resultasse na obtenção de uma “visão influente de doutor (*Laegen's Overskuelse*)”.<sup>61</sup>

Mas, segundo De Paula<sup>62</sup>, deve-se também saber que a leitura, por Kierkegaard, da obra de Lutero não era extensa ou profunda. A maioria de suas referências são indiretas ou baseadas em coletâneas. Percebe-se na vida de Lutero, e o próprio Erikson vai deixar isto claro, que ele teve um grande arquétipo, que chega a substituir a figura paterna: o seu superior e confessor, Staupitz.

Parece que Lutero ao menos foi, em um dado momento, um jovem potencialmente, em meio a este perigo, aprisionado por uma síndrome dos conflitos, cuja representação nós aprendemos a conhecer e a analisar. Para eles, Lutero encontrou uma solução espiritual, não sem a oportuna ajuda de um superior dos agostinianos, que era dotado terapeuticamente. Tal solução espiritual constituiu o preenchimento de um vácuo político e psicológico que a história havia criado em uma extensa parte do cristianismo ocidental. Esta coincidência é a que, unindo-se à explicação de talentos pessoais altamente específicos, determina a “grandeza” histórica. Seguiremos Lutero através da crise de

<sup>61</sup> ERIKSON, Erik H. *Il Giovane Lutero*. Páginas, 23 e 24.

<sup>62</sup> DE PAULA, Márcio Gimenes. *A Crítica De Kierkegaard À Cristandade: O Indivíduo E A Comunidade*. Página 124.

sua juventude e o desabrochar de seus talentos, até a primeira manifestação de sua originalidade como pensador, até que tudo surja em suas primeiras lições sobre salmos (1513), de uma nova teologia, a qual com radical valor inovador não parece ter sido percebida de início por ele nem por seus ouvintes.<sup>63</sup>

Erikson fala justamente de Johannes Staupitz, que era o seu incansável confessor. Certa vez Lutero foi alertado por ele que parasse de confessar, até que tivesse algo realmente relevante a relatar. Mais tarde Lutero atribuiu muitos de seus discernimentos teológicos a ele. Portanto, Staupitz não foi uma pessoa que simplesmente passou por sua vida, mas que o influenciou na sua vida futura. Ele inclusive o orientou para que estudasse os místicos em cujos escritos encontrou consolo.

A diferença entre o jovem e o velho Lutero é assim nítida, e o segundo, o eficiente orador, constitui para a maior parte dos leitores uma imagem exclusiva de Lutero, que chamarei de “Martinho” quando me referir aos primeiros anos usados continuamente na literatura, aqueles anos entre os vinte e os trinta. Chamarei de Lutero quando me referir ao chefe dos luteranos, atraído pela sua própria história, olhando para traz, para o próprio passado, nos termos de uma autobiografia mitológica.<sup>64</sup>

Olhando muitos de seus biógrafos, pode-se ver nítida esta diferença entre o Martinho e o Lutero, segundo a distinção muito bem feita por Erikson. Realmente existe esta discrepância, principalmente quando se analisa a obra *Conversas de Mesa*, compilação de frases que saíram da boca de Lutero, mas não de sua pena. Estas conversas foram escritas pelos seus admiradores. A primeira edição de *Tischreden* foi publicada por Johann Aurifaber.

Erikson coloca em sua obra: “Mas, nos últimos anos, nós, clínicos, aprendemos que não se pode isolar da história uma história individual, suspeitando que os historiadores, quando procuram separar a lógica do acontecimento histórico das histórias das vidas que concorrem em tal acontecimento, deixam em suspenso muitos problemas históricos vitais.”<sup>65</sup> Ou seja, o personagem histórico tem de ser analisado no seu contexto. A sua formação depende da sociedade em que ele se encontra inserido. O recorte

<sup>63</sup> ERIKSON, Erik H. *Il Giovane Lutero*. Páginas, 25.

<sup>64</sup> *ibidem*.

<sup>65</sup> *idem*, 25 e 26.

pode até ser feito do indivíduo a ser estudado, mas tem de levar em consideração o seu contexto próximo e remoto.

Clínicos e historiadores têm muito para compreender indo de um lado para outro entre estes dois tipos de história registrada. Lutero força uma espécie de atenção a estes estudiosos. Com o avanço da idade, ele foi pródigo de revelações que podem impelir um médico a pensar encontrar-se diante de um cliente. Entretanto, se ele se deixar levar por esta sensação, o médico rapidamente perceberá que o seu imaginário cliente o havia enganado: Lutero é de fato um daqueles biografados, um pouco histrião (cômico, irônico, brincalhão), que pode se valer alegremente até dos seus sofrimentos neuróticos, dando aos particulares da memória dele o brilho da ambição, qual o público cria sua identidade oficial.<sup>66</sup>

Por isto a relevância da obra de Erikson, pois se descortina, diante dos olhos de historiadores e clínicos, uma das personalidades mais ricas para ser avaliada, admirada e compreendida. Não é desmerecê-lo quando Erikson se refere aos seus sofrimentos como “neuróticos”, pois, segundo o pensamento de Freud, o homem é neurótico no sentido de terem acontecido paradas, no seu desenvolvimento psíquico, que provocam os traumas, as neuroses. Olhando para a história de vida de Martinho Lutero, nota-se que estes traumas ocorreram, na sua vida familiar e escolar. “Pretendo levar a sério o título acima que dei a este livro. Este estudo histórico psicanalítico pretende reavaliar um momento histórico (neste caso a juventude de um grande reformador) servindo-se da psicanálise como um instrumento historiográfico.”<sup>67</sup>

Os jovens que sofrem de graves distúrbios não são aptos ao divã: eles querem encarar e quer que você os encare, não como uma cópia dos seus pais ou com a máscara de um ajudante profissional, mas como o tipo de indivíduo que um jovem pode esperar ou perder a esperança de ser. Encontrando-se de frente a um jovem deste gênero, um psicanalista pode aprender pela primeira vez o que significa enfrentar (encarar) o rosto ao invés de um problema; e imagino que o Doutor Staupitz, diretor espiritual de Martinho Lutero, compreenderia o que quero dizer.<sup>68</sup>

O problema da analisabilidade é abstruso porque depende de muitos atributos e peculiaridades diferentes do paciente, tanto saudáveis quanto

---

<sup>66</sup> ERIKSON, Erik H. *Il Giovane Lutero*. Páginas 26.

<sup>67</sup> *ibidem*.

<sup>68</sup> *idem*. Páginas 27.

patológicas. Freud bem cedo percebeu que os critérios individuais, por mais importantes e definidos que sejam, não permitem de forma alguma, uma presciência perfeita da analisabilidade de um paciente. A totalidade da personalidade do analisando deve ser levada em consideração, e isto não é possível após um número estabelecido de entrevistas. Freud dizia que os pacientes psicóticos por serem narcísicos, não poderiam ser tratados por não estarem aptos a desenvolver uma neurose transferencial. A terapia psicanalítica seria indicada para a histeria de angústia, histeria de conversão, neurose obsessiva e compulsiva, depressões psiconeuróticas e muitas das neuroses de caráter e das assim chamadas doenças psicossomáticas.

A psicanálise exige que o paciente tenha a capacidade de desempenhar, de maneira mais ou menos firme e repetida, as funções do ego que estão em contradição entre si. Por exemplo, para chegar à associação livre o paciente deve ser capaz de regredir em seu raciocínio, deixar as coisas surgirem passivamente, abandonar o controle de seus pensamentos e emoções e renunciar, parcialmente, ao seu teste de realidade.

Percebe-se que Doutor Staupitz, o superior de Martinho no mosteiro dos Agostinianos, fazia tanto o papel de confessor, quanto de psicanalista, mesmo sem o saber. Ele foi de grande utilidade na vida do jovem grande homem, permitindo-lhe colocar para fora, muitas vezes de maneira um tanto sistemática, como será visto neste trabalho, as suas dificuldades, os seus conteúdos, e por que não dizer, as suas neuroses em relação às tentações e pecados.

Um, entre todos os hábitos de raciocínio que o analista historicamente e autoconscientemente consegue descobrir no seu próprio trabalho, cobre este livro de significativa importância. Na sua determinação de abandonar as elevações teleológicas (doutrina das finalidades), a psicanálise é levada ao extremo oposto de desenvolver uma espécie de “origenologia” (estudo das origens), palavra incompreensível de que não aconselho como correto seu uso geral, com a qual pretendo me referir àquele hábito de raciocínio que reduz cada condição humana em uma analogia com uma condição anterior e em particular com o seu mais remoto, elementar e infantil antecedente que vem como tese a sua “origem”.<sup>69</sup>

---

<sup>69</sup> ERIKSON, Erik H. *Il Giovane Lutero*. Páginas 28.

O que aconteceu na vida do Martinho para que ele se tornasse o Lutero? Erikson, no decorrer de sua obra, descreve estes fatos primeiros, e dá, uma explicação psicológica e psicanalítica a respeito dos acontecimentos mais importantes na vida de Lutero, tais como: a crise no coro, a primeira missa e a vivência da torre. “A psicanálise tem querido subordinar os estados sucessivos da vida àqueles da infância. Dedicando-nos exclusivamente ao estudo de tudo que na vida humana é repetição, regressão e perseverança, teremos aprendido mais coisas sobre a infância quando adultos, como nunca.”

70

Não podemos deixar inteiramente a história nas mãos de observadores não-clínicos e de históricos profissionais que, com freqüência, identificam-se orgulhosamente naqueles disfarces, naquelas racionalizações e idealizações do processo histórico do qual deveriam pelo contrário distinguir-se pelos seus afazeres. Somente no momento em que estiver traçada e compreendida, a correlação da força histórica com as funções e as fases básicas da psique, será possível dar início a uma crítica psicanalítica da sociedade como tal, sem recair no misticismo ou moralismo filosófico.<sup>71</sup>

Um período histórico só pode ser compreendido, se estudado profundamente. Para isto ele deve ser analisado não apenas dos pontos de vista histórico, sociológico, econômico, teológico, mas também analisado pela ótica do psicológico. Esta correlação é importante para se perceber a abrangência dos fatos. Um personagem histórico, que também foi analisado e biografado por vários profissionais clínicos, foi Adolf Hitler. Segundo Cloninger (2003, página 72)<sup>72</sup> “pode-se identificar muitos sintomas na vida de Hitler. Em várias ocasiões ele teria sofrido de cegueira histórica, insônia e perversões sexuais”. Outro personagem histórico, e este também biografado por Erikson foi Mahatma Gandhi. Segundo Cloninger (2003, página 173)<sup>73</sup> “o conceito de identidade é o conceito básico por meio do qual Erikson, tentou compreender Gandhi. Erikson interpretou o período de estudos de Gandhi na Inglaterra como uma moratória psicossocial, uma fase na qual ele pôde explorar sua identidade”.

---

<sup>70</sup> *Ibidem.*

<sup>71</sup> *Idem.* Página 30.

<sup>72</sup> CLONINGER, Susan.

<sup>73</sup> *Idem*



Não confrontarei a dicotomia da psicanálise e da religião com intenção de combatê-la. Interpretarei, em termos psicológicos, qualquer fenômeno, a experiência clínica e o pensamento psicanalítico que aprendi a reconhecer como dependente da estrutura psíquica demonstrada pelo homem. Esta é a minha ocupação como clínico e como docente.<sup>74</sup>

Nota-se, pela pesquisa que Erikson realizou para escrever esta extensa biografia sobre Martinho Lutero, que ele até poderia entrar nesta discussão sobre psicanálise e religião, como tantos outros já empreenderam. Hans Küng (2005) escreve:

Três pontos são para mim importantes especialmente em face de uma atitude hoje levada ao exagero, que desentende e rejeita a psicanálise como um sistema rígido e dogmático: (1) A crítica de Freud era legítima: certamente, por causa do abuso de poder e do efeito do superego, do moralismo e dogmatismo das igrejas ao longo dos séculos; sobretudo a crítica à tradicional imagem autoritária de Deus; (2) Freud estava certo quando, em vista de todas as possíveis insinceridades e maus hábitos, exigia honestidade no trato com a religião; (3) Não é mais possível um retorno a um estágio pré-Freud, desde que se descobriu a influência dos fatores psicológicos profundos e sobretudo da relação pais-filho sobre a religião e, mais precisamente, sobre a imagem de Deus e a distinção entre o bem e o mal. A religião tem sempre de passar pela análise psicológica.<sup>75</sup>

Como Erikson não quis entrar neste embate para não desviar o seu foco, fez uma interpretação psicológica da vida de Lutero se atendo aos fatos ainda que religiosos e teológicos. Isto pode ser visto em todos os capítulos de sua obra.

## **II.2. A crise no coro: verdade, mito ou exagero de sua parte.**

Este episódio citado por Erikson não é mencionado por boa parte de seus biógrafos, embora pudesse ser colocado aqui que a vida de Martinho e Lutero, fazendo a separação que é feita nesta obra, o jovem e o velho, foi marcada por inúmeras crises. Poderia se levantar a questão de que sua entrada no monastério foi a culminação de uma crise que tinha estado em desenvolvimento durante um longo tempo. Em 1505, ou até mesmo mais cedo,

<sup>74</sup> ERIKSON, Erik H. *Il Giovane Lutero*. Pagine 30 e 31.

<sup>75</sup> KÜNG, Hans. *Freud e a Questão da Religião*, Páginas 108-110.

a sua vida atingiu um ponto crítico. Lutero vai falar sobre o *Anfechtungen*, uma ansiedade severa da alma.

Esta análise de Erikson coloca ênfase em um único evento na formação do caráter. Ele escolheu o denominado “ataque no coro” como evento principal.

Segundo Wrightsman, “Erikson reconhece a fraqueza desta evidência; em um lugar ela chama de um ‘evento alegado’. Mas ele também diz que o fato de Lutero nunca o ter mencionado pode ser um resultado da sua amnésia para o evento.”<sup>76</sup> Se este ataque realmente ocorreu como sugere Erikson, ele foi bloqueado pela mente de Lutero, faz sentido analisar a argumentação que ele coloca. Conforme diz também Lohse, “Erikson interpretou esta declaração simplesmente com base em seu erro gramatical”.<sup>77</sup>

Três contemporâneos de Lutero (dos quais nenhum tardou a ser seu seguidor) referiam que certa vez, quando tinha entre vinte e vinte e cinco anos, ele caiu por terra no coro do mosteiro de Erfurt, “arreatado” como um possuído, e mugiu como um touro: “*Ich bin's nit! Ich bin's nit!*”<sup>(1)</sup> ou “*Non sum! Non sum!*”<sup>(2)</sup>. A expressão alemã pode ser melhor traduzida por: “*não sou eu aquele*” e a latina por: “*Eu não sou!*” Nós trataremos este episódio, antes de mais nada, em relatório (exposição de fatos) ao posto que ele ocupa na história da vida de Lutero e depois em relatório de avaliação que foi dada na biografia de Lutero.<sup>78</sup>

Aos 20 anos, Lutero supostamente caiu ao chão do coro, em um estado delirante. Supostamente, porque Lutero nunca mencionou isto. As únicas referências a este episódio apareceram depois de sua morte e foram declarações feitas por inimigos que poderiam ter sido tentados a desestabilizar a credibilidade de Lutero. Outro autor, já citado acima, coloca este episódio entre os 22 e os 25 anos de idade.

Antes de tornar-se monge, passou anos de estudo intensamente severo somente com sacrifício pesado de seus ambiciosos pais que queriam fazê-lo estudar Direito, profissão que naquele tempo estava se tornando a chave de acesso à administração e a política; anos dos mais intensos conflitos interiores e de escrúpulos religiosos freqüentemente mórbidos que mais tarde determinaram o abandono do mosteiro e a

<sup>76</sup> WRIGHTSMAN, Lawrence S. *Adult Personality Development-Theories e Concepts*. Page 78.

<sup>77</sup> LOHSE, Bernhard. *Martin Luther: An Introduction to His Life and Work*. Page 27

<sup>78</sup> ERIKSON, Erik H. *Il Giovane Lutero*. Página 34.

posse da direção de uma ampla revolta contra o papado medieval.<sup>79</sup>

Olhando para a vida estudantil de Martinho Lutero, observa-se a severidade com que ele realizou seus estudos e, pelo preparo, pelas escolas por onde ele passou, realmente o seu pai – principalmente, já que sua mãe era uma figura pálida, que ficava apagada diante da grandiosidade do Hans Luder – objetivava um futuro bastante promissor para o jovem Martinho.

“A crise no coro se situa em um período no qual a sua condição monástica, depois de um início “divino”, tornou-se para ele um problema e quando o seu futuro estava ainda em uma obscuridade embrionária.”<sup>80</sup>

Um professor alemão de teologia, Otto Scheel, um dos mais diligentes editores das fontes mais antigas sobre a vida de Lutero, nega a veracidade da história que foi aumentada na primeira biografia hostil a Lutero escrita por Johannes Cochläus em 1549.<sup>81</sup>

Spitz (1973), citado por Wrightsman, recontou isso, porém, dizendo que esta história foi descrita pelo arquiinimigo de Lutero e dedicado difamador, Johannes Cochlaeus, no seu comentário sobre a vida de Lutero e em trabalhos publicados três anos após a morte de Lutero, ou mais de quatro décadas depois do evento. Além disso, disse para provar, que Lutero teve relacionamento secreto com um demônio. Todo livro de Cochlaeus é tão cheio de falsidades que o Cardeal Alexandre advertiu contra a publicação, temendo que a reação faria isto contra-produtivo. Este mesmo difamador, como já foi colocado neste trabalho, falou da origem de Lutero, como sendo filho do demônio.

É habitualmente difícil procurar abrir uma estrada através da literatura alemã sobre Lutero que se refere a vários estudos psíquicos como *Seelenleiden* (doença da alma) e *Geisteskrankheit* (doença do espírito), termos que deixam sempre indeterminado se estão angustiados a alma ou a psique, o espírito ou a mente. A coisa se torna complicada, sobretudo quando são os médicos a afirmar que o sofrimento da alma do Reformador era em grande parte determinado biologicamente. Mas o professor (chamaremos assim Scheel

<sup>79</sup> ERIKSON, Erik H. II Giovane Lutero. Página 34.

<sup>80</sup> *Ibidem*.

<sup>81</sup> *Ibidem*.

cada vez que tivermos de citá-lo como o representante de uma escola particular acadêmico – teológica na biografia de Lutero), o professor insiste em sustentar, em uma circunstância e bastante comedida biografia, que as estranhas perturbações de Lutero vinham diretamente do céu: “*Katastrophen von Gottes gnaden*” (Catástrofes das clemências de Deus).<sup>82</sup>

Scheel é um professor protestante de teologia, e Erikson sempre vai se referir a ele, como o professor. Depois de Cochlaeus, o outro grande e famoso detrator do caráter de Lutero, Heinrich Denifle, dominicano, disse que a crise no coro teve apenas uma causa interior, que seria uma abissal perversidade no caráter. Segundo ele, Lutero era muito doente da mente. Será que se pode dar crédito às palavras daquele que dizia que toda a carreira de Lutero pode ter sido inspirada pelo diabo?

Segundo Erikson, “um estudioso extremamente apurado de Lutero, o psiquiatra dinamarquês Paul J. Reiter, afirma que o ataque (surto) no coro é uma manifestação psicopatológica grave”.<sup>83</sup>

Nós desfrutaremos ao máximo a autorização que de tal forma nos dá o “psiquiatra”, como chamaremos Reiter ao citá-lo ele como representante de uma escola médico-biológica, na biografia de Lutero. Esta classe de biógrafos atribuiu os excessos pessoais e biológicos de Lutero a uma doença que, “situada” no cérebro, no sistema nervoso ou no caráter, faz de Lutero um homem biologicamente inferior ou desajustado. Com referência ao episódio do coro, Reiter comete um curioso erro. Lutero, ele diz, não pode estar consciente porque gritou com “a maior intencionalidade”... “Sou eu aquele! (Ich bin’s!)” (9), querendo dizer o possuído do evangelho. Esta exclamação positiva excluiria uma boa parte do significado do que intencionamos atribuir ao episódio do coro; todavia, nas trezentas primeiras páginas do livro, Reiter também menciona a história ao modo tradicional fazendo Martinho dizer: “Não sou eu!” (10).<sup>84</sup>

A averiguação mais densa e abarcante das enfermidades de Lutero e também a sua personalidade, psicoses atribuídas a ele é do psiquiatra dinamarquês Paul Reiter. Ele afirmou que, cedo Lutero padeceu de uma neurose de ansiedade relacionada à sua fixação pelo pai. Esta crise psicológica de sua juventude robusteceu a tendência fundamental para a

---

<sup>82</sup> ERIKSON, Erik H. *Il Giovane Lutero*. Página 35.

<sup>83</sup> *Idem*. Página 37.

<sup>84</sup> *Ibidem*.

depressão. Lutero sempre viu a figura paterna como um espectro opressivo e ameaçador. Nem o seu ingresso no monastério, nem a sua ordenação como padre, nem o seu avanço no processo revolucionário da Reforma mudou esta constituição psicológica nem esta figura paterna onipresente.

A contribuição de Reiter continua útil enquanto ele expõe as abundantes enfermidades agudas de Lutero. A despeito de a personalidade de Lutero poder de alguma maneira estar dentro da normalidade ou não, Reiter será declarado como um sujeito que não apreendeu questões teológicas. Assim Reiter afirmou que não podemos admitir a presença dos poderes divinos ou demoníacos ou elementos místicos para explicar acontecimentos na vida de Lutero em um alicerce completamente natural. Tal asseveração é injusta diante da natureza dos acontecimentos religiosos e teológicos. Enfim, os procedimentos de Reiter a miúdo não conhecem os critérios da sabedoria histórico-crítica, de forma que as suas conclusões de longa abrangência não têm nenhuma base encaixada nas fontes. (LOHSE, 1980)<sup>85</sup>

E o psicanalista o que disse? “Lutero, afirma Smith (1913 apud ERIKSON, 1958), é um exemplo perfeitamente típico da seqüência neurótica, quase histérica, de um complexo sexual infantil; até o ponto que Sigmund Freud e a sua escola tinham dificilmente podido achar um exemplo mais apto dele para ilustrar a parte mais marcante de sua teoria”.<sup>86</sup>

Preserved Smith foi o primeiro a publicar uma interpretação psicanalítica de Martinho Lutero, cujo título foi “A Vida e Cartas de Martinho Lutero”. Ele era filho de um famoso pastor presbiteriano e obteve o seu Ph. D. na Columbia University (1907).

Para com os mesmos fatos (aqui e lá modificados, como eu indiquei, em detalhe precisamente pertinente à interpretação psicológica), o professor, o padre, o psiquiatra e outros até agora mencionados, cada um elabora seu particular Lutero; esta pode ser bem a razão por que todos eles concordam em um ponto, isto é, que aquela psicologia dinâmica deve ser mantida longe dos dados da vida de Lutero.<sup>87</sup>

---

<sup>85</sup> LOHSE, Bernhard. Martin Luther- An Introduction to His Life and Work. Page 26.

<sup>86</sup> ERIKSON, Erik H. Il Giovane Lutero. Página 38.

<sup>87</sup> ERIKSON, Erik H. Il Giovane Lutero. Página 39.

Cada profissional, ao estudar a vida de Lutero, se concentrará naquilo que lhe chama a atenção como objeto particular de seu estudo e ligado com a sua ocupação. Este estudo se reveste de um redobrado cuidado, porque a vida em análise nunca deitou em um divã. Portanto, colocar os dados da vida de Lutero dentro de qualquer teoria ou escola psicológica deve ser feito com parcimônia.

O livro de Scheel é um herdeiro do mundo pós-guerra e de duas tendências da historiografia luterana, iniciada por dois homens e nunca ultrapassado por outros: a tendência universal-histórica do grande von Ranke, o "historiador sacerdotal" cujo trabalho era achar nas forças contraditórias da história "o hieróglifo santo de Deus"; o outro, uma tendência teológico-filosófica (às vezes fundindo, separando nitidamente às vezes filosofia e religião) começada pelo Harnack. Mais tarde voltaremos a este último ponto de vista quando tratarmos do aparecimento da teologia de Lutero.<sup>88</sup>

Diante de toda a propaganda contrária a Lutero levantada por Denifle, toda a Alemanha ardente se levanta ao trabalho de defendê-lo com uma espécie de furor contido. E quem com uma inexorável paciência empreendeu esta tarefa foi Otto Scheel, em 1917. Apesar da guerra, a Alemanha luterana estava celebrando o quarto centenário dos acontecimentos de 1517, e os primeiros volumes de sua obra *Martin Luther (Vom Katholizismus zur Reformation)* deram testemunho facundo em favor da formosa e grande obra de revisão que se levava a cabo.

Denifle é só o representante mais extremo de uma escola católica da biografia Luterana cujos representantes tentam duramente se divorciar do método dele enquanto compartilham a suposição básica dele de uma falha moral gigantesca na personalidade de Lutero. O jesuíta Grisar está mais sereno e mais operante em sua aproximação. Ele também designa a Lutero uma tendência para "auto ilusão egomaniaca" e sugere uma conexão entre o egocentrismo dele e a sua história médica; assim Grisar se põe a meio caminho entre as aproximações do padre e do psiquiatra.<sup>89</sup>

Os biógrafos católicos romanos, de Cochlaeus no século XVI a Hartmann Grisar no século XX, descreveram um Lutero deformado, criação do

---

<sup>88</sup> *Ibidem*. Página 40.

<sup>89</sup> ERIKSON, Erik H. II Giovane Lutero. Página 41.

diabo empenhado na destruição da verdadeira igreja, ou aquele que tinha interpretado completamente mal a igreja medieval e sua teologia.

Muitos daqueles que pensaram interpretar a vida e obra de Lutero procuraram defeitos, aqui e acolá. Eles acharam uma porção, satisfazendo suas imaginações, suas noções preconcebidas, fortalecendo algo que eles quiseram confirmar o tempo todo, de qualquer maneira. E assim, sem perda de tempo para ler demoradamente, ou sem se ater ao contexto, eles falaram de modo geral, "Lutero, diz fulano de tal...", e então tropeçaram no que eles ajudaram à concluir a distância, a favor deles. Dois artistas destacados eram os historiadores católicos romanos, Grisar e Denifle. Porém, em recentes anos, estudiosos do romanismo, por exemplo Joseph Lortz, seguiram uma linha consideravelmente mais flexível e geralmente mais justa de avaliação (KLUG, 1974).<sup>90</sup>

O psiquiatra dinamarquês, em troca, oferece-nos dois volumes impressionantes como completa uma conta do "ambiente de Lutero, caráter, e psicose" como eu vi de outro lado. O estudo dele varia do macrocosmo das vezes de Luther ao microcosmo da casa dele e cidade natal, e inclui uma discussão completa da sua maquiagem biológica e dos seus sintomas físicos e emocionais vitalícios. Mas ao psiquiatra falta uma teoria inclusiva bastante para a gama escolhida. Psicanálise que ele rejeita como muito dogmática, enquanto pedindo emprestado de Preserved Smith que fragmentos que ele pode usar sem se comprometer para a teoria que insinuou. Ele declara a aproximação dele francamente: é isso de um psiquiatra que foi consultado em um caso severo de psicose de manifesto (diagnose: maníaco-depressiva, para o Kraepelin) e que procede registrar a condição apresentando (a psicose aguda de Luther cruzou uma quarentena) e reconstruir a história passada, inclusive os anos vinte. Ele mostra muita perspicácia aqui e lá; mas no papel de psiquiatra na cabeceira da cama, ele adere severamente à visão central afirmando que uma certa característica ou ato de Lutero é "absolutamente típico para um estado de melancolia severa" e será achado em todo livro de ensino psiquiátrico." O Lutero mais velho se aproximou indubitavelmente do ensino do livro que declara, embora eu duvide muito que as reuniões pessoais dele com o diabo já eram verdadeiras alucinações, ou que o drama dele pode ser tratado como revelações que interessam o sofrimento mental dele no mesmo nível como comunicações de um paciente.<sup>91</sup>

---

<sup>90</sup> KLUG,

<sup>91</sup> ERIKSON, Erik H. *Il Giovane Lutero*. Página 42 e 43.

Dr. Paul J. Reiter, médico, diretor do Instituto de Psicopatologia de Herstedvester na Dinamarca, é aquele que mais largamente tem estudado, à luz da psiquiatria moderna, a personalidade de Lutero, seu caráter, suas enfermidades físicas e da alma. Sua obra foi publicada em Copenhague entre os anos 1937 e 1941. Ele diz que Lutero tinha alternâncias de exaltação maníaca com fases de profunda depressão. De 1505 a 1513 Lutero passou por uma etapa de atonia nervosa que, de certa maneira, aprofundou-se até 1519. Em 1527, Lutero padecia de muitas enfermidades: angústias do coração, alucinações, síncope, ataques de cálculo renal, transtornos dispépticos; a partir de 1530, anginas, rinites, otites dolorosas, reumatismo, artrite. (Garcia-Villoslada, 1976)

Preserved Smith, seguiu os métodos psicanalíticos de Freud. Ele escreveu uma biografia de Martinho Lutero intitulada *Luthers early development in the light of psychoanalysis*, (Desenvolvimento precoce de Lutero à luz da psicanálise), onde sustentou que a evolução religiosa de Lutero foi uma conseqüência da neurose. Ele disse: “Lutero é o modelo do resultado neurótico, quase histérico de um complexo sexual infantil tão típico, que Sigmund Freud e sua escola dificilmente houveram podido encontrar um exemplo melhor para ilustrar a parte melhor fundada de sua teoria” (1913 apud Garcia-Villoslada 1976).<sup>92</sup>

Smith suspeitava que a fonte perpétua das tentações no mosteiro Agostiniano não era outra que a masturbação; por isto as tristezas, as aflições, os pavores e a animosidade ao celibato. Como não conseguiu provas de caráter documental, ele deduziu isto freudianamente com observações psicanalíticas.

Além disso, quando isto veio para o jovem Lutero e o psiquiatra fez uma afirmação que suas *tentationes tristitiae* - essa tristeza que é uma tradicional tentação do *homo religiosus* - são uma "característica clássica nos quadros da maioria dos estados de depressão, especialmente a endógena", nós devemos ser decididamente mais duvidosos. Já que durante o ensino psiquiátrico do Lutero não o compara com outros exemplos de sincera preocupação religiosa e genuíno prodígio correspondendo, mas com alguma norma de *Ausgeglichenheit* - um equilíbrio interno, um simples prazer pela vida, e são ditas uma decência ordinária e direção decidida de esforço como

---

<sup>92</sup> GARCIA-VILLOSLADA, Ricardo. Martin Lutero. Volume I. pagina, 266.



peças normais para exibir. Embora o psiquiatra faça repetidas concessões para o gênio de Lutero, ele exige não obstante dele um estado de repouso interno que, até onde eu sei, os homens de intensidade criativa e de um compromisso histórico crescente não podem esperar que se possa manter.<sup>93</sup>

Ele procura mostrar que, nos últimos anos da vida de Lutero, o seu equilíbrio psíquico não estava completo e o seu estado interno estava apenas harmonioso. Falando deste padrão de normalidade, Reiter diz que Lutero não pôde aceitar os planos traçados pelo pai e prosseguir no estudo da lei. Como ele mesmo escreve, a tristeza tinha sido a sua companheira familiar desde a juventude.<sup>94</sup>

Se o desígnio da teologia fosse consolar o angustiado de coração, para erguer uma consciência para fora do desespero, o anseio pela tristeza era a qualificação imprescindível para um teólogo sincero. Aqui Lutero aquiesce com os seus biógrafos que, na medida do possível, Deus foi capacitando-o, mesmo sofrendo as agressões do diabo. Ele ensinou que os teólogos têm a capacidade de extrair do sofrimento humano o treinamento e a prática. Conseqüentemente um teólogo sincero deve ser antes de tudo aquele que duvida (HAILE, 1981).

Erikson diz: “Eu não sei se o tipo de equilíbrio de mente, corpo e alma que estes homens assumem é normal; mas se existir, eu esperaria que um indivíduo normal fosse sensível, apaixonado e ambicioso como Lutero jovem.”<sup>95</sup> Não somente Lutero, mas tantos outros na mesma condição que ele usam alguns subterfúgios para escapar a compromissos prematuros, a compromissos que no momento não estão preparados para assumir. Tanto Reiter quanto Denifle negam a mão de Deus na vida de Lutero. E negando esta ação desconsideram a existência de um *homo religiosus*.

Eu concluirei esta análise com uma das mais notáveis e mais bem informadas tentativas de apresentar versões preconceituosas do caso de Lutero, com uma citação e uma imagem de Lutero mais recomendada. Esta imagem vem da sociologia, um campo certamente essencial para qualquer avaliação do tipo o qual nossos autores aspiram. Eu não pude e não vou abrir mão de *The Social Basis of the German*

<sup>93</sup> ERIKSON, Erik H. II Giovane Lutero. Páginas 43.

<sup>94</sup> LUTERO, Martinho. WA 8, 574, 23.

<sup>95</sup> ERIKSON, Erik H. II Giovane Lutero. Páginas 43 e 44.

*Reformation*, embora seu autor, Roy Pascal, cientista social e materialista histórico, tenha anunciado que a mesma monotonia que nós encontramos nos outros biógrafos ele pode administrar sem mim e meu campo. "O princípio que está por baixo das [contradições de Lutero]", ele declara, "não é lógico, não é psicológico. A consistência entre todas estas contradições é a consistência de interesse de classes." <sup>96</sup>

Esta afirmação talvez seja a mais marxista das manifestações na literatura econômico-política da personalidade de Lutero e qual foi a sua influência no ulterior desenvolvimento do protestantismo e capitalismo. Os autores mais abrangentes que apresentaram esta questão foram Ernst Troeltsch, Max Weber e R. H. Tawney. Troeltsch com seu livro *The Social Teaching of the Christian Churches*, faz a distinção entre igreja e seita. O Weber com a grande obra *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, avança a tese de que a ética e as idéias puritanas influenciaram o desenvolvimento do capitalismo. Tawney, escreveu um livro também importantíssimo, *A Religião e o Surgimento do Capitalismo*.

Um dos grandes detratores de Lutero, Jacob Burckhardt, que ensinou Nietzsche a ver em Lutero um ruidoso camponês alemão que ao fim armou ciladas à marcha de Renascimento do homem, anotou: "Quem somos nós, de qualquer jeito, que podemos perguntar de Lutero... que [ele] deveria ter cumprido nossos planejamentos?... Este Lutero palpável, nenhum outro, existiu; ele deveria ser levado para o que ele tinha" . (*Man nehme ihn wie er gewesen ist*) <sup>97</sup>

Nietzsche no seu livro *O Anticristo*, diz que Lutero foi um grande impedimento à já pouco estável inteireza alemã [...]. No caso de Lutero , "fé" nunca foi mais que uma aparência, um motivo, uma cortina por detrás da qual os impulsos faziam seu jogo , uma engenhosa cegueira à dominação de certos instintos... [...]. A barreira doentia de sua visão faz do ser humano convicto um fanático – Savonarola, Lutero, Rousseau, Robespierre, Saint-Simon cujo tipo se encontra em oposição ao espírito forte, livre. Mas os imponentes estilos dessas mentes doentias, desses epiléticos das idéias, fazem sentir influência sobre as grandes massas – os fanáticos são pitorescos, e a humanidade prefere observar poses a ouvir razões... [...] Um monge alemão, chamado

<sup>96</sup> ERIKSON, Erik H. *Il Giovane Lutero*. Páginas 44.

<sup>97</sup> *Ibidem*. Páginas 45.

Lutero, chegou a Roma. Esse monge, com todos os impulsos vingativos de um padre frustrado no corpo, ergueu uma insurreição contra a Renascença em Roma... Em vez de entender, com profundo reconhecimento, o milagre que havia ocorrido a conquista do cristianismo em sua sede –, usou o espetáculo apenas para alimentar seu próprio ódio. O homem religioso pensa apenas em si mesmo. – Lutero viu apenas a corrupção do papado, enquanto exatamente o oposto estava se tornando visível: a velha corrupção, o *peccatum originale*, o cristianismo já não ocupava mais o trono papal! Em seu lugar havia vida! Havia o triunfo da vida! Havia um grande sim a tudo que é grande, belo e audaz!... E Lutero restabeleceu a Igreja: a atacou... A Renascença – um evento sem sentido, uma grande futilidade! – Ah, esses alemães, quanto já nos custaram! Tornar todas as coisas vãs – sempre foi esse o trabalho dos alemães (NIETZSCHE,).<sup>98</sup>

As limitações de meu conhecimento e do espaço a minha disposição para esta investigação impede qualquer tentativa para apresentar um Lutero novo ou remodelar um velho. Eu posso trazer só um pouco de considerações psicológicas mais novas para afetar o material existente que pertence a um período da vida de Lutero. Como eu indiquei no Capítulo I, o jovem monge se me interessa particularmente como um homem jovem pelo processo de se tornar um grande.<sup>99</sup>

Erik Erikson foi atraído pela crise no coro, pelo ataque no coro, episódio este que Lutero não mencionou em nenhum momento em toda a sua vasta obra, nem nas *Conversas de Mesa*. Ele suspeita que as palavras “*Ich bin's nit! Ich bin's nit!*” revelam o ajuste para fazer parte de uma crise de identidade mais severa. Uma crise que o obrigou a protestar que ele não estava possesso.

Julgando de uma seqüência indiscutível de estados mentais extremos que atacaram Lutero ao longo de sua vida, conduzindo ao lamento, transpiração e perda dos sentidos, a crise no coro poderia bem ter acontecido; e poderia ter acontecido na forma específica informada, debaixo das condições específicas dos anos de monastério de Martinho. Se algo disto é lenda, que assim seja; a fabricação de lenda é comumente muito usada para reescrever a história escolar, como isto é parte dos fatos originais usada no trabalho de

<sup>98</sup> NIETZSCHE, Friedrich. Anticristo. Páginas 20,71,108, 128 e 129.

<sup>99</sup> ERIKSON, Erik H. Il Giovane Lutero. Páginas 45.

estudantes. Nós somos desta forma obrigados a aceitar uma meio-lenda como meio-história, com a condição de que um episódio informado não contradiga outros fatos bem estabelecidos; persista durante a posse, um toque de verdade; e renda um significado consistente com teoria psicológica.<sup>100</sup>

O próprio Lutero nunca mencionou este episódio, embora nos seus anos instáveis posteriores ele fosse extraordinariamente livre com referências para sofrimentos físicos e mentais.<sup>101</sup> O que ele mencionou foi ter sido atacado por uma crise de terror com a idade de trinta e cinco anos: ele começou a transpirar, teve medo de desfalecer quando ele marchou com o seu superior, Dr. Staupitz, em uma procissão de Corpus Christi.

Assumindo então que algo como este episódio aconteceu, poderia ser considerado como um de uma série de explosões patológicas aparentemente insensatas; como um sintoma significativo em uma ficha clínica psiquiátrica; ou como uma de uma série de experiências religiosas relevantes. Isto certamente tem como até Scheel, sugere *algumas* marcas de um "ataque religioso", como São Paulo, Santo Agostinho e muitos menores aspirantes para santidade tiveram. Porém, o inventário de uma revelação total sempre inclui uma iluminação opressiva e uma perspicácia súbita. A crise no coro apresenta só o sintomático, o mais patológico e defensivo, aspectos de uma revelação total: perda parcial de consciência, perda de coordenação motora e exclamações automáticas que o aflito não sabe expressar.<sup>102</sup>

Se este episódio aconteceu como uma possessão demoníaca, como afirmam os detratores de Lutero, ele teria mencionado. Se não o fez, é porque ele não existiu realmente, ou não ocorreu da forma citada por eles. Ocorreu na forma de uma catarse, de uma descarga psicológica, como pôde ser observada na vida de São Paulo, Santo Agostinho, João Calvino. Erikson, sugere que ele passou por um processo de amnésia, mas, segundo Sigmund Freud, pode ter sido também um mecanismo de defesa do ego, para protegê-lo de lembranças dolorosas.

Em uma experiência verdadeiramente religiosa tais exclamações automáticas soariam como se elas fossem ditadas por inspiração divina; elas estariam positivamente claras e luminosas, e seriam intensamente lembradas. No

<sup>100</sup> ERIKSON, Erik H. Il Giovane Lutero. Páginas 46.

<sup>101</sup> *Idem.*

<sup>102</sup> *Ibidem.* Páginas 46 e 47.

ataque de Lutero, suas palavras expressavam claramente uma decisiva necessidade interna para negar uma acusação. Em um direto ataque religioso, a consciência positiva de fé reinaria e determinaria as palavras aqui pronunciadas; negação e rebelião dominante: "Eu não sou o que meu pai disse que eu era e o que minha consciência, em maus momentos, tende para confirmar que eu sou."<sup>103</sup>

Nesta afirmação documentada por Scheel, está presente sua grande luta interior e a repressão de uma raiva latente, de uma fúria reprimida, pois, debaixo de condições monásticas de silêncio e meditação, ergueria aquela voz que retumbaria ao redor do mundo, aquilo que com muita firmeza pôde dizer, quando foi obrigado a se retratar: Se não sou reprovado pelo depoimento das Sagradas Escrituras ou por motivos plausíveis – pois eu não posso acreditar nem no Papa e no Concílio, já que está confirmado que se têm enganado e sido contraditórios repetidamente – considerar-me-ei vencido pelas Escrituras, as quais me têm dado suporte, porque a minha consciência está aprisionada à Palavra de Deus. Portanto, não quero nem posso retratar-me de nada, pois laborar contra a própria consciência não é nem seguro nem digno. Que Deus me ajude. Amém (OBERMAN, 1982).<sup>104</sup>

Nós também podemos ver a posição dele como estando nas encruzilhadas da doença mental e criatividade religiosa e poderíamos especular talvez que Lutero recebeu, em três (ou mais) distintas e fragmentárias experiências, esses elementos de uma revelação total que disseram outros homens ele ter adquirido em um evento explosivo. Deixe-me listar novamente os elementos: ataque físico repentino; um grau de inconsciência; uma automática expressão verbal; um comando para mudar completamente a direção do esforço e aspiração; uma revelação espiritual; um brilho de esclarecimento decisivo e penetrante como um renascimento. O temporal tinha lhe proporcionado uma mudança de direção da vida, uma mudança para o anônimo, o silencioso e o obediente. Em crises como a do coro, ele experimentou o estágio de uma epiléptica perda do ego, a raiva de negação da identidade que seria descartada. E depois na experiência na torre, que nós discutiremos no Capítulo V, ele percebeu a luz de uma fórmula espiritual nova.<sup>105</sup>

---

<sup>103</sup> ERIKSON, Erik H. *Il Giovane Lutero*. Páginas 47.

<sup>104</sup> OBERMAN, Heiko A.

<sup>105</sup> ERIKSON, Erik H. *Il Giovane Lutero*. Páginas 47 e 48.

Na experiência de conversão, Lutero experimentou todas estas fases claramente distintas. Existe a experiência de desgraça que o homem vive concretamente; não a pequena desventura da vida diária, mas a experiência de desgraça inerente a seu existir como homem. As experiências religiosas decisivas de Lutero se realizaram com relação à penitência, sob o peso de um conceito falso de arrependimento, para o qual se esforçou em achar um substituto. Este foi o ponto de partida desde o qual se desenvolveram suas idéias religiosas fundamentais.

O estado de mente geral de Martinho no período imediatamente precedente ao em que se tornou monge, um estado de mente que estava passando novamente na época de sua crise no coro, foi caracterizado por ele e por outros como uma condição de *tristitia*, excessiva tristeza.<sup>106</sup>

Durante toda a sua vida, ele mencionou estes momentos de profunda tristeza. Parece que ele era melancólico de temperamento e, nos seus estados depressivos, manifestou este quadro clínico de melancolia. Mas o que fica bem claro é que ele sabia distinguir o que vinha de Deus como coroamento de um conflito e o que vinha da derrota. Tristeza, foi então, o sintoma principal de sua mocidade.

A Mocidade pode ser o período mais exuberante, mais descuidado, mais seguro, e mais inconscientemente produtivo da vida ou, pelo menos se nós olhamos principalmente ao "uma vez nascido." Este é uma expressão que William James adotou do Cardeal Newman; ele a usa para descrever todas essas pessoas que, quase sem trabalho, ajustaram-se e são providas da ideologia do seu tempo, não achando nenhuma discrepância entre sua formulação do passado e do futuro e as tarefas diárias criadas pela tecnologia dominante.<sup>107</sup>

James distingue este "uma vez nascido" das almas doentes, dos egos divididos que anseiam por um segundo nascimento, um crescimento a partir da crise que os converta no centro comum de energia pessoal. Ele cita Starbuck quando diz que a conversão é um fenômeno essencialmente normal da adolescência.

---

<sup>106</sup> *Ibidem*. Página 48.

<sup>107</sup> ERIKSON, Erik H. Il Giovane Lutero. Página 49.

A necessidade para devoção, então, é um aspecto da crise de identidade que nós, como psicólogos, fazemos responsável para todas estas tendências e suscetibilidades. A necessidade para repúdio é outro aspecto. Na adolescência, ao redor aproximadamente dos vinte anos, as pessoas jovens, quando não há nenhum compromisso ideológico explícito ou até mesmo interesse, devoção a líderes individuais, nem sequer para times, para atividades estrênuas e para técnicas difíceis; ao mesmo tempo eles mostram uma prontidão acentuada e intolerante para negar as pessoas (incluindo, às vezes, eles próprios). Este repúdio é freqüentemente esnobe, conformista, perverso, ou simplesmente irrefletido.<sup>108</sup>

Estes aspectos que são construtivos e destrutivos em um jovem foram e são aplicados para arranjar e rearranjar a tradição em muitas áreas. O jovem vive a sua vida entre o passado e o futuro, entre a vida individual e a sociedade. Erikson diz que as ideologias têm como objetivo encaminhar a seriedade forte da juventude e o ascetismo franco, como também sua procura por agitação e sua aversão ansiosa, para aquela fronteira de reunião social onde a luta entre o conservador e o radical está muito viva. Nesta procura pela combinação de liberdade e disciplina, de aventura e tradição, os jovens podem explorar (e ser explorados) as devoções as mais variadas. Erikson diz que não necessariamente todos os adolescentes e jovens que ingressam em uma carreira religiosa, em um mosteiro, ou qualquer outra pessoa que recorre a outras formas de moratória, têm noção do que está acontecendo com eles, que estão marcando o tempo antes de alcançarem sua própria alternativa.

À época de Lutero o monastério era, pelo menos para alguns, uma possível moratória psicossocial, um possível modo de adiar a decisão sobre o que a pessoa é e está a ponto de se tornar. Pode parecer estranho que um compromisso assim definido e, na realidade, tão eterno, como é expresso no voto monástico poderia ser considerado uma moratória, um expediente para derrotar o tempo. Ainda na época de Lutero, ser um ex-monge não era impossível; nem era necessariamente um estigma deixar uma ordem monástica, necessariamente não se amarravam a uma marca ou pacto - como por exemplo, Erasmus, para oferecer-se na sua velhice ao cardinalato; ou que a pessoa poderia fazer-se a si mesmo um cardeal como soube fazer o ex-monge Rabelais.<sup>109</sup>

---

<sup>108</sup> *Ibidem*. Página 50, 51.

<sup>109</sup> ERIKSON, Erik H. Il Giovane Lutero. Página 51,52.

Esta moratória é um ritmo de espera nas obrigações do adulto. É um período de pausa necessária a muitos jovens, de procura de alternativas e de experimentação dos papéis, que vai permitir um trabalho de elaboração interna. Antecipa-se o futuro, exploram-se alternativas, experimenta-se, dá-se tempo... As moratórias são caracterizadas pelas necessidades pessoais, mas também por exigências socioculturais e institucionais. Cada sociedade e cada cultura institucionalizam uma certa moratória para a maioria dos seus jovens.

A liberação eventual da voz de Lutero o fez criativo. O único assunto no qual o professor, o padre, o psiquiatra e o sociólogo, concordam é o imenso presente de Lutero para o idioma: a receptividade dele para a palavra escrita; a memória dele para a frase significante, e a gama de expressões verbais (lírica, bíblica, satírica, e vulgar) que, em inglês, só é comparada a Shakespeare.<sup>110</sup>

Quanto à vasta obra deixada por Lutero, podem ser destacados três aspectos: primeiro, as qualidades de difusão do material são diferenciadas, pois existem manuscritos originais, comentários estenográficos de alunos; segundo, apesar do valor de Martinho Lutero para a língua teutônica, deve ser lembrado que grande parte de sua obra foi escrita em latim; terceiro, é necessário considerar sempre a qual época pertence uma determinada manifestação, não apenas para perceber alterações em seu entendimento, mas para compreendê-la em sua procedência e finalidades palpáveis, sua causa e pretensão, suas ocorrências e destinatários, sua exigência e seu acerto comprometedor e libertador (EBELING, 1986).

Nós nos concentraremos então neste processo: como o jovem Martinho, ao término de uma infância sombria e severa, foi precipitado em uma crise de identidade severa para a qual ele buscou a cura no silêncio do mosteiro; como, estando calado, ele foi "possuído"; como sendo possesso, ele gradualmente aprendeu a falar um idioma novo, o idioma dele; podendo falar, ele não só discutiu dentro do mosteiro, como fora e tirou grande parte de seu país da Igreja romana, mas também formulou para ele e para todo gênero humano um tipo novo de consciência ética e psicológica; e como, ao fim, esta consciência também foi arruinada por um retorno dos demônios ou quem eles possam ter sido.<sup>111</sup>

---

<sup>110</sup> *Ibidem*. Página 56.

<sup>111</sup> ERIKSON, Erik H. Il Giovane Lutero. Página 56.



Erikson continuou afirmando a “possessão” de Lutero, mas, mesmo assim, não lhe tirou o mérito da grandiosidade de seu trabalho reformador, que conseguiu influenciar tantas pessoas

### **II.3.: Obediência ao pai, ao Papa, a Deus ou a quem?** <sup>112</sup>

A esta altura, a rebelião de Lutero centrou no problema da relação entre a dívida de obediência do homem a Deus, ao Papa, e a César – ou da multidão de Césares que emerge então. No começo de sua carreira outra preocupação dele era a dicotomia preparatória: a obediência devida ao pai natural, cujas visões sempre estavam brutalmente claras, e a obediência devida ao Pai no céu, de quem o jovem Lutero tinha recebido uma chamada dramática, mas equívoca.<sup>113</sup>

A partir do momento em que fez a escolha para entrar no mosteiro, ele deixou para trás os desejos do pai, de vê-lo formado em direito e ter um casamento promissor. Esta dicotomia em relação à obediência seguiu Lutero ao longo de suas lutas teológicas, desafiando o Papa e o imperador, tornando-se o porta-voz da Palavra de Deus. Quando ele tinha achado uma nova agência para desobedecer, isto é, o Papa, ele teve de falar do pai publicamente, a quem ele tinha finalmente obedecido; mas não se pode negligenciar o desejo, ambivalente a todo custo, de ser correto.

Talvez só um homem de tal estatura poderia ser suficientemente sensível aos conflitos pessoais que contribuíram às decisões teológicas dele, e teria bastante honestidade para falar disto. Sendo um teólogo rebelde, não um psicólogo de poltrona, Lutero descreveu seus conflitos em condições surpreendentes, às vezes com atrevimento e, freqüentemente com palavras incríveis.<sup>114</sup>

Lutero disse nas *Conversas de Mesa* que ele era livre de avareza, sua idade e fraqueza corporal protegiam-no de desejos sensuais e ele não se afligia com ódio ou inveja por qualquer pessoa. Mas ele dizia que tinha outros pecados maiores. [...] Por muito tempo ele foi desviado no mosteiro e ele não sabia o que era. Ele não soube o que é estar seguro até que leu Romanos

<sup>112</sup> A partir deste capítulo a tradução foi feita da edição impressa em inglês. Por isto a discrepância da numeração de páginas.

<sup>113</sup> *Ibidem*, página 49.

<sup>114</sup> ERIKSON, Erik H. Young Man Luther, página 50.

1.17. Este texto o ajudou a ver toda a retidão de que Paulo estava falando. No texto ele relacionou o abstrato (retidão) com o concreto (íntegro) e ficou seguro de sua causa. Ele aprendeu a fazer a distinção entre a retidão da lei e a retidão do evangelho (LUTERO, 1532).<sup>115</sup>

Mas está na hora de virar os fatos. Há só alguns fatos sobre a infância de Lutero: o pai dele era um mineiro que tinha deixado o campo; seus pais eram rígidos, supersticiosos e bateram nele; a escola era monótona e cruel. Martinho derivou da aspereza combinada da casa e da escola, e o que ele considerou a preocupação exclusiva da Igreja com o último julgamento, um estado de culpa e tristeza que o "empurrou à vida monástica."<sup>116</sup>

No primeiro capítulo deste trabalho já foi falado exhaustivamente a respeito da rigidez do lar paterno, o quanto seus pais, principalmente sua mãe, eram supersticiosos.

Durante a grande Guerra dos Camponeses, ele usou a sua máquina de propaganda eficiente dele para sugerir a exterminação cruel de todos os camponeses rebeldes - esses mesmos camponeses que, no princípio, tinham olhado para ele como um de seus líderes naturais. Ao fim da vida dele ele se auto-acusou de ter o sangue destes camponeses em sua própria cabeça – a sobrelha que nunca tinha sabido o suor de um camponês. O ponto principal é que o ex-camponês de segunda geração, o Lutero, era altamente ambivalente sobre a ascendência dele.<sup>117</sup>

Possivelmente este fosse um de seus exageros mencionados nas *Conversas de Mesa*. Em maio de 1525, Lutero dirigiu-se intensamente contra os camponeses insurgidos. Sua *Exortação à paz* foi muito avaliada. Nela admoestava tanto a tirania de príncipes e fazendeiros como a inadmissível amalgamação de Evangelho e violência apresentada pelos camponeses. Sob a impressão causada pelas experiências de uma viagem de dez dias através da Turíngia sublevada, Lutero acrescentou um apêndice a sua *Exortação*: [Também contra o bando de salteadores e assassinos formados por outros camponeses]. Nele estabeleceu-se a frase que haveria de lhe valer a alcunha de 'servo dos príncipes': "Correm hoje tempos tão surpreendentes que um

<sup>115</sup> LUTHER, Martin. Table Talk. Pages 26, 27, 442 e 443.

<sup>116</sup> ERIKSON, Erik H. Young Man Luther, página 50.

<sup>117</sup> *Ibidem*, página 52.

príncipe pode ganhar o céu derramando sangue melhor que outros orando”. (WA 18. 361, 4-6) A língua de Lutero tremia quase de cólera e indignação: “Por isso, senhores queridos, resgatai-nos, salvai-nos, ajudai-nos. Compadecei-vos da pobre gente, apunhalada, ferida com espada, estrangulada. Se trabalhades assim, vencereis a morte, vos irá bem e sereis ditosos... nunca vereis chegar a morte...” (WA, 18. 361, 24-26). (OBERMAN, 1992) <sup>118</sup>

Na educação de Martinho, então, a imagem de um camponês pode ter se tornado o que nós chamamos um fragmento de identidade negativo, i.e., uma identidade que uma família deseja abandonar – e a mera sugestão da qual tenta suprimir suas crianças – embora possa sentimentalizar isto em momentos. De fato, a literatura em Lutero abunda da mesma ambivalência. Às vezes faz referência a sua origem de camponês para sublinhar a força dele; outras vezes para explicar a sua vulgaridade e teimosia, por exemplo Nietzsche o chama um *Bergmannssohn*, o filho de um mineiro (literalmente, o filho de um homem da montanha) quando ele lhe quer fazer honra.<sup>119</sup>

Erikson chama de identidade negativa a totalidade de todas aquelas identificações e os fragmentos de identidade que o indivíduo tem de conter em si mesmo por serem indesejáveis ou irreconciliáveis, ou pela qual sujeitos atípicos e minorias distinguidas são forçadas a se sentir diferentes (ERIKSON, 1968).<sup>120</sup> O pai de Lutero poderia ser chamado de camponês somente no primeiro período de sua vida de casado, pois logo ele se tornou um pequeno capitalista, investidor. Quando ele morreu deixou uma casa na cidade e 1250 *Goldgulden* (florins em ouro). Para amealharem tal quantia, o jovem Hans e sua esposa tiveram de trabalhar duramente. Tal quantia foi apontado por Martinho Lutero sentado às refeições, ditando o seu famoso *Tischreden* diante dos seus estudantes, amigos e pensionistas. Ali, naquele momento, ele exaltava, de uma maneira apaixonada, sua infância dominada pela pobreza e denunciava a brutalidade de seus professores e a corrupção do monastério. Toda história autobiográfica dos primeiros anos de uma pessoa passa por um filtro, por uma seleção especial, que pode ser muito mais inconsciente do que consciente, na qual alguns fatos são reprimidos.

<sup>118</sup> OBERMAN, Heiko A. . Página 348,349.

<sup>119</sup> ERIKSON, Erik H. Young Man Luther, página 52, 53.

<sup>120</sup> ERIKSON, Erik H. Identidade, Juventude e Crise. Página 25.

Na vida de um homem como Lutero (e em medida menor em todas as vidas), outra tela existe: o começo de uma identidade oficial, o momento quando vida se torna biografia. Em muitas formas, a vida começou novamente para Lutero quando o mundo agarrou avidamente as noventa e cinco teses dele, e o forçou no papel de rebelde, reformador e ditador espiritual. Tudo antes disso ficou memorável enquanto o ajudou a racionalizar as suas desobediências. Talvez esta motivação esteja atrás da maioria das tentativas de historiar o passado.<sup>121</sup>

Lutero poderia ser chamado de rebelde, porque ele se rebelou contra o mosteiro, seus líderes, sua igreja original. Do mesmo modo, como reformador, pois ele propôs reformar a igreja a qual ele pertencia. Mas chamá-lo de ditador espiritual, como faz Erikson, é um adjetivo que não lhe cabe. Ele sempre esteve aberto ao diálogo. Nas *Conversas à Mesa* ele sempre falava, mas também escutava seus comensais. Lutero não impôs sua Teologia aos outros. Ele simplesmente a expôs. É uma exposição muito coerente.

O pai de Lutero tornou-se um cidadão modelo, mas em casa ele parece ter-se entregado a uma fatal duplicidade de comportamento. Ele demonstra um grande ataque de fúria em sua tentativa em abrandar a expressão de fúria dos seus filhos. Aqui, eu penso, está a origem da dúvida de Martinho: se seu pai, quando o castigava, era realmente empurrado pelo amor e justiça em lugar de por arbitrariedade e malícia. Esta dúvida era depois projetada no Pai celestial com tal violência que os professores monásticos de Martinho não puderam ajudar notando isto. "Deus não o odeia, você que o odeia", um deles disse; e estava claro que Martinho, enquanto procurava a própria justificação tão desesperadamente, também estava buscando uma fórmula de justiça eterna que justificaria Deus como um juiz.<sup>122</sup>

A devoção que prevalecia na casa paterna deve ter sido a que era habitual naquela época. Hans Luder mantinha relações muito próximas com os clérigos de Mansfield. O trabalho nas minas, com os grandes perigos que acarretava, era um campo fértil para toda classe de práticas supersticiosas. O medo das bruxas e dos demônios forma também parte do universo religioso. Hans, que não havia ido à escola e que não sabia ler e escrever, preocupou-se intensamente com a vida acadêmica de seu filho.

---

<sup>121</sup> ERIKSON, Erik H. *Young Man Luther*, página 54.

<sup>122</sup> ERIKSON, Erik H. *Young Man Luther*, página 58.

Kierkegaard disse uma vez que Lutero sempre falou e agiu como se um raio estivesse a ponto de lhe golpear no próximo instante. Ele estava se referindo ao temporal misterioso considerado como a causa da revelação da decisão de Lutero para se tornar um monge. Ainda uma expectativa excessiva de catástrofe, um desejo muito ansioso para estar pronto para o julgamento faziam parte do mundo de Martinho muito antes daquele temporal, e pode ter feito daquela tempestade o que ela se tornou.<sup>123</sup>

Kierkegaard, segundo informação de Garcia-Villoslada, pensava que o grande destino histórico de Lutero fosse o martírio e não a vida burguesa que levou desde 1525. Ele dizia que o Reformador tinha de ter sido mártir. Pelas xilogravuras, e outras expressões artísticas desta época, pode-se perceber a presença desta ansiedade pelo julgamento divino. A morte era algo muito próximo de todos, devido às guerras, conflitos, pestes, etc.

“A convicção em demônios permitiu uma projeção persistente dos próprios pensamentos inconscientes da pessoa e impulsos do inconsciente de avareza e malícia, como também pensamentos os quais o vizinho suspeitou que a pessoa tivesse.”<sup>124</sup>

Lutero, como todas as crianças de sua época, foi profundamente bombardeado com a idéia da presença universal de espíritos demoníacos de forma concreta. Em todo pensamento mágico, o desconhecido e o inconsciente se deparam em um limite comum: anseios homicidas, adúlteros ou mesquinhos, ou humores repentinos de melancolia ou euforia, são todos infligidos à pessoa. Também fantasias sexuais, como um sonho muito claro, podem ser consideradas como extraterritorial.

Santa Ana, a mãe da mãe de Deus, era como *Abgott* de Hans, como também de Martinho – um termo estranho, mas que significa "ídolo," e indica a tendência persistente em comunidades católicas para focalizar a idolatria de um santo e de uma imagem concreta em uma igreja concreta, e deixa o resto da religião aos cuidados de profissionais.<sup>125</sup>

Como todo homem teve suas credices em anjos, doenças, infortúnios e teve seu santo protetor. Os mineiros tinham a proteção de Santa

<sup>123</sup> *Ibidem*, página 59.

<sup>124</sup> *Ibidem*, página 60.

<sup>125</sup> ERIKSON, Erik H. *Young Man Luther*, página 61.

Ana contra enfermidades e desastres repentinos. Ela será citada na hora da decisão revelatória de Martinho.

De acordo com a caracterologia estabelecida pela psicanálise, a desconfiança, a escrupulosidade obsessiva, o sadismo moral e uma preocupação com pensamentos sujos e substâncias infecciosas vão junto. Lutero teve tudo isto. Uma das primeiras observações informadas (dos seus dias de estudante) de Martinho era uma declaração obsessiva clássica: "Por mais que você se limpe, mais fica sujo."<sup>126</sup>

Esta declaração Erikson extraiu do livro de Julius Koestlin, *Martin Luther*, página 48. Como, não é de uma fonte direta, não se pode confirmar a sua veracidade. Mas, em se tratando de obsessividade, pensamentos obsessivos, por exemplo, na sua prática de confissão, ele a todo momento procurava o seu superior e mentor, Dr. Staupitz, para confessar pequenas coisas, a ponto de lhe dizer que só viesse para a prática de confissão se tivesse algum pecado relevante para ser confessado. Esta é uma característica de um obsessivo, uma repetição em seu comportamento. A obsessão é o pensamento negativo que se repete. Ao sentir esta agressividade interna, passa a se sentir culpado deste sentimento e de forma inconsciente volta a agressividade contra si mesmo de forma real ou imaginária. Aparecem os pensamentos negativos que são chamados de obsessões e a sensação de que algo de ruim vai acontecer. Martinho Lutero voltava repetidamente à presença de Staupitz para confessar, porque ele não tinha certeza suficiente de ter sido perdoado.

Alguns biógrafos declaram sem hesitação que o pai de Lutero inculcou nele aquele medo profundo de autoridade e essas rajadas penetrantes de teimosia e rebeldia que supostamente o fizeram ser um menino doentio e ansioso, "triste", quando era jovem, escrupuloso com uma falta no monastério, e transtornado com dúvidas e depressões em vida posterior, o que o fez procurar a pergunta da justiça de Deus ao ponto de instigar uma revolução religiosa finalmente.<sup>127</sup>

Se teve medo das autoridades, foi somente em sua vida de criança, nos seus primeiros anos escolares, nos quais ele era repreendido,

---

<sup>126</sup> *Idem.*

<sup>127</sup> ERIKSON, Erik H. *Young Man Luther*, página 63.

simplesmente por não usar o latim como idioma; e também por causa das repreensões recebidas no lar paterno, por sua mãe e seu pai.

Duas declarações de Lutero, freqüentemente citadas, foram reproduzidas por Roland Bainton: Meu pai uma vez me chicoteou de forma que eu fugi e senti repulsa voltada para ele que teve de se esforçar para me ganhar novamente. Minha mãe me açoitou por roubar uma noz até a carne sangrar. Tal disciplina rígida conduziu-me a um mosteiro ainda que ele significasse algo bom. (1960, apud ERIKSON, 1958)

Mas nos seus anos posteriores, na sua vivência na torre, o que será falado mais adiante neste trabalho, naquele momento crucial da Reforma, não se nota este medo, principalmente quando ele comparece perante o Imperador e o Papa.

“Em minha profissão a pessoa aprende a escutar exatamente o que as pessoas estão dizendo; e as expressões vocais de Luther, até mesmo quando são informadas de segunda mão, surpreendem freqüentemente por seu valor ingenuamente clarificado.”<sup>128</sup> Bainton baseou suas declarações nas *Tischreden n° 1559*, na qual, Lutero fala aos seus comensais que uma criança não deveria ser golpeada com tanta severidade e diz que ele não gostaria de açoitar o seu pequeno Hans para ele não se tornar um tímido e vir a odiá-lo mais tarde. Martinho até mesmo quando estava com medo de seu pai, não o odiou, pelo menos declaradamente, mas sentiu apenas tristeza.

Eu disse que Lutero não pôde odiar seu pai abertamente. Esta declaração presume que ele o odiou secretamente. Nós temos alguma prova disto? Somente a evidência que mente em ação adiada, e adiada até logo que a explosão final atinja pessoas estranhas. Em sua vida posterior Lutero exibiu uma habilidade extraordinária para odiar depressa e de forma persistente, justificavelmente e de modo injustificável, com dignidade pungente e com vulgaridade absoluta. Esta habilidade para odiar, como também uma inabilidade para perdoar esses que nos seus anos tidos como fracos, para sua mente, impediram-no, de compartilhar com outros grandes homens.<sup>129</sup>

No ano de 1530, em tempos de muita decepção com a comunidade de Wittenberg, quando ele recusou temporariamente seus serviços de pregação, reunidos os sacerdotes na Dieta de Augsburg, ele disse: “Não que

<sup>128</sup> *Ibidem*, página 64.

<sup>129</sup> ERIKSON, Erik H. Young Man Luther, página 65.

eu apresentasse tanta aspiração de proferir uma mensagem. No que me diz respeito, não queria receber melhor notícia do que minha exoneração do ministério da pregação. Estou tão exausto por causa da grande ingratidão do povo e, muito mais ainda, por causa do intolerável fardo com que o diabo e o mundo me oprime” (1530, apud EBELING, 1988).<sup>130</sup>

Eu tenho mencionado duas tendências na relação entre Hans e Martinho: 1) a ambição econômica dominante do pai dele que foi ameaçada por algo que (talvez até um crime) feito no passado e de um sentimento próximo para o assassinato que ele carregou interiormente; e 2) a concentração da ambição do pai no filho mais velho, a quem ele tratou com períodos alternados de violenta crueldade, e de acostumar o filho para si mesmo em uma maneira que provavelmente pode ter sido bem pouco sentimental – uma combinação mortal.<sup>131</sup>

Esta ambição foi ameaçada a partir do momento em que ele tomou a decisão de ingressar no mosteiro Agostiniano, e interrompeu bruscamente o futuro promissor sonhado pelo pai, que era ele se tornar um grande jurista. Esta entrada no mosteiro sela também as pretensões de ele arrumar um bom casamento, quem sabe uma maneira de também ascender na sociedade. Crueldade física, na educação paterna, foi revelada uma vez por Lutero. Pode-se até conjecturar se esta crueldade também não era verbal. Sabe-se que pais, quando contrariados nos seus desejos não realizados em relação aos filhos, podem dizer palavras pesadas.

"Da infância então eu soube ter de ficar pálido e ser invadido de terror quando ouvia o nome de Cristo; porque eu só fui ensinado a percebê-lo como um juiz rígido e colérico." O psiquiatra e o padre – cada um com o seu motivo da própria aproximação dele – consideram esta declaração o sinal de um indivíduo excessivamente talentoso, mas instável; e eles sustentam a opinião deles fazendo referências para dúzias de teólogos do tempo, nenhum que não enfatize o papel de Cristo exclusivamente no papel do vingador. E é óbvio que a declaração de Lutero é muito pessoal, influenciou sua educação e suas decisões posteriores para enfrentar aquele aspecto da atmosfera disciplinar e religiosa de seu tempo que quase o esmagou, e à qual ele se sentia escravizado, não, claro, pelos profissionais da religião, mas as pessoas comuns de quem Deus tinha feito tantos assim.<sup>132</sup>

<sup>130</sup> EBELING, Gerhard. O Pensamento de Lutero. Página 34.

<sup>131</sup> ERIKSON, Erik H. Young Man Luther, página 66.

<sup>132</sup> ERIKSON, Erik H. Young Man Luther, página 71.



A imagem de Cristo lhe produzia espanto e terror, porque não via Jesus como um Salvador, como um pai, um amigo, e sim um juiz e carrasco. Ele diz que apenas a menção do nome de Cristo o fazia tremer dos pés a cabeça. Ele disse certa vez: “Eu muitas vezes me assustei do nome de Jesus; quando contemplava Jesus na cruz, parecia que me fulminava um raio e, quando se pronunciava seu nome, preferiria ouvir o do demônio”.<sup>133</sup> O talento era algo que se nota em sua vida. Um homem que foi capaz de escrever um livro a cada quinze dias; um homem que foi muito importante para o seu país por causa de seus trabalhos relacionados com a língua alemã; um homem talentoso nos seus debates e embates com seus inimigos. Mas, é nítida a sua instabilidade, as suas respostas carregadas de linguagem fecal, suas tristezas, etc. Lutero forneceu dados novos para a identificação do homem ocidental, e designou para ele novos papéis; mas ele colaborou para indicar só uma identidade feminina nova, a mulher do clérigo – e isto exclusivamente talvez porque a esposa dele, Katharine de Bora, criou isto com a mesma resolução do eu inconsciente que a fez se casar com Martinho Lutero.

Tudo isto vem mostrar como a pessoa esquadrinha os milhares de páginas da literatura de Lutero; a pessoa vem perguntar, inúmeras vezes: o homem não teve uma mãe? Evidentemente, não uma mãe muito comentada.<sup>134</sup>

Todos os biógrafos de Martinho Lutero afirmam que de sua mãe pouco se sabe. Não era uma pessoa que se interpunha entre pai e filho. Lutero mencionou que alguns dos filhos dela choraram sozinhos para a morte, mas isto pode ter sido um dos exageros dele em suas conversas após o jantar. De qualquer modo, o que ele estava falando é que estas crianças tinham estado encantadas por uma mulher vizinha, ou seja, a bruxa, que tanto amedrontou a infância de Lutero.

O pai parece ter estado reservado e suspeito para o mundo; a mãe, diziam, estava mais interessada nos aspectos imaginativos de superstição. Pode ser bem, então, que da mãe Lutero recebeu naturalmente uma atitude mais aprazível e mais sensual, e um tipo de misticismo integrado mais simplesmente, como o que depois achou descrito por certos místicos. Foi especulado que a mãe sofreu debaixo da personalidade do pai

<sup>133</sup> LUTERO, Martinho. WA. 47,590.

<sup>134</sup> ERIKSON, Erik H. Young Man Luther, página 72.

e, gradualmente, foi amargada; e também há uma sugestão de que um certo isolamento triste que caracterizou o Lutero jovem também seria achado na mãe dele que é dito que cantava a ele uma cantiga: "De mim e de você ninguém se preocupa. Isso é nossa falta comum." <sup>135</sup>

O clima familiar estava condicionado pela presença dominadora do pai e o contínuo temor do castigo. Assim resultou o ninho ideal para a incubação da mais completa forma de Complexo de Édipo, é uma peculiar constelação de desejos amorosos e hostis que a criança vivencia em relação aos seus pais no pico da fase fálica. Em sua forma positiva, o rival é o genitor do mesmo sexo e a criança deseja uma união com o genitor do sexo oposto. Em sua forma negativa, o rival é o genitor do sexo oposto, enquanto o genitor do mesmo sexo é o objeto de amor. Em sua forma completa, num nível inconsciente, ambas as idéias coexistem devido à ambivalência da criança e sua necessidade de proteção. A violência autoritária e despótica do pai tornou impossíveis as naturais inclinações afetuosas do filho para a mãe.

As reações de Martinho sob a pressão do pai dele constituem o começo da preocupação de Lutero com os problemas da consciência individual, uma preocupação que foi longe além das exigências da religião que foi praticada e acordada para aquele tempo. <sup>136</sup>

Martinho assumiu em si mesmo a composição ideológica das consciências dos seus pais: ele incorporou a severidade suspeita do pai, o temor materno da bruxaria e a ansiedade mútua deles com as calamidades a serem evitadas e com as metas altas a serem alcançadas. Depois ele se insurgiu: primeiro contra o seu pai, ao se juntar ao monastério; logo contra a Igreja, ao fundar a sua própria igreja – neste ponto, ele sucumbiu a muitos dos valores originais do seu pai. Está evidente sua rebeldia, a partir do momento em que ele ingressou no mosteiro, deixando para trás a carreira promissora em Direito e tomando esta decisão sem consultar o seu pai e ficando um bom tempo sem encontrá-lo. A rebeldia contra a sua igreja é questionável, pois Lutero pensou, segundo ele, debaixo de uma orientação divina, a respeito de sua própria consciência, tentando resolver as questões relacionadas com a

---

<sup>135</sup> *Idem.*

<sup>136</sup> ERIKSON, Erik H. Young Man Luther, página 73e 74.

culpa, com a justificação de sua própria alma, mas ele pensou também em reformar sua igreja. Será que esse sentimento de Lutero de estar sendo oprimido pela imagem de um Deus vingador, era compartilhada por outros? A sua atitude era representativa de toda uma cristandade de sua época? O que se pode perceber, através de documentos literários e artísticos da época, é a desintegração da identidade medieval, para o surgimento de uma identidade burguesa e o aparecimento, também com a Renascença, de uma liberdade individual, liberdade de expressão.

Nessa época cultivou-se a idéia da morte com tanta regularidade e com tanta insistência quanto no século XV. Se nós lemos uma crônica, um poema, um sermão, até mesmo um documento jurídico, a mesma impressão de imensa tristeza é produzida por todos eles. Às vezes parecia como se este período tivesse estado particularmente infeliz, como se tivesse abandonado só a memória de violência, de cobiça e ódio mortal, como se não tivesse conhecido nenhum outro prazer, mas somente intemperança, de orgulho e de crueldade.<sup>137</sup>

Nenhuma outra época colocou tanta tensão como a Idade Média, disseminando pensamentos de morte. Mesmo a religião, em tempos anteriores, insistiu constantemente com pensamentos de morte. Desde o século XIII, a pregação popular das ordens de mendicância trazia esta advertência eterna para lembrar o tempo todo da esmagadora sensação de morte. E a partir do século XV, foram acrescentadas às palavras, à mensagem pregada, as xilogravuras – tão presentes em todas as literaturas desta época – tudo isto com o objetivo de inculcar nas mentes este pensamento de morte. Quando se faz uma avaliação de períodos históricos, sempre tem de se ter em mente a presença de ilhas de ordem auto-suficientes – fazendas, castelos, casas, universidades, claustros – onde as pessoas que buscam sensatez para suas vidas consigam viver suas vidas com vigor e decência.

O declínio espiritual do papado e a fragmentação do império produziu uma redução na perspectiva oficial que estava orientada a uma salvação eventual e, além disso, produziu um aumento na rudez e crueldade dos meios empregados para defender o poder de persuasão que ainda restava na igreja. Esta é provavelmente a situação que influenciou a infância e juventude de Martinho.<sup>138</sup>

<sup>137</sup> ERIKSON, Erik H. Young Man Luther, página 74.

<sup>138</sup> *Ibidem*, página 76.

Naquela época, os grandes teólogos baseavam-se no Escolasticismo, onde a imagem global do homem é de um pecador, com a alma incapaz de encontrar qualquer identidade verdadeira em seu corpo perecível. Essa imagem global implica em somente um desejo: diante de um momento incerto, um fim poderia vir com alguma garantia individual (negada a milhões de outros) de encontrar compaixão diante da Ira Divina.

Em uma das cartas mais antigas de Lutero, encontra-se sua manifestação sobre seu relacionamento com a filosofia e a teologia. Esta carta foi escrita em 1509, durante seus estudos de teologia. Ele disse nessa carta que, pela graça de Deus ia bem, só que o estudo estava muito exigente, principalmente o da filosofia, que ele preferiria trocar pela teologia. Nessa fala, percebe-se que ele fez a sua opção pela teologia contra a filosofia. Lutero, em contenda com a filosofia dominante de seu período, demonstrou um especial interesse exatamente aí: abrir para a teologia a genuína compreensão das Escrituras que foi obstruída pela terminologia e pelo “approach” do pensamento aristotélico (EBELING, 1986).<sup>139</sup>

Foi entre as classes sociais em ascensão, os aristocratas, os comerciantes e os proprietários, que se desenvolveu uma reação que depois se tornou o Renascimento. A ideologia desta época está refletida nas telas dos pintores que representaram seres angelicais abrasadores representando a morte, principalmente na Itália. Essas duas eras, Renascença e Idade Média, refletem o conflito interno intrínseco ao homem.

Nós estamos muito distantes de nós mesmos. É importante compreender que quando o jovem Martinho deixou a casa de seus pais, ele estava altamente influenciado (de forma depressiva) por um superego presunçoso, que dava a ele um senso de identidade que se baseava na premiação superior, à medida em que ele era mais Martinho do que Lutero, mais filho do que pai (adulto), mais seguidor do que líder.<sup>140</sup>

Conforme o próprio pensamento eriksoniano, ele estava vivendo esta moratória, este tempo preparatório para se tornar Lutero, o adulto, o homem pujante que iria revolucionar a Teologia, a sociedade e o mundo. Mas neste momento de afastamento da casa paterna, ele estava tão somente preparado

---

<sup>139</sup> EBELING, Gerhard. O Pensamento de Lutero. Página 69.

<sup>140</sup> ERIKSON, Erik H. Young Man Luther, páginas 76 e 77.

para seguir seus professores, seus líderes espirituais. O seu pai Hans o espancou, o que era próprio dele, um mineiro bronco, sem instrução, o que era característico do seu passado, enquanto desejava preparar o filho para um futuro melhor que o próprio presente que ele estava vivendo. Todo este contexto influenciou e direcionou Martinho para que ele pudesse se tornar o Lutero.

Os problemas teológicos que ele tinha, enquanto um jovem adulto, certamente refletiam a peculiaridade de um problema da relação doméstica com seu próprio pai; mas isso foi real em uma larga extensão devido a dois problemas, o doméstico e o universal, os quais foram parte de uma crise ideológica: uma crise sobre a teoria e a prática, o poder e a responsabilidade da autoridade moral própria dos pais: na terra e no céu; em casa, no comércio e na política; nos castelos, nas capitais e em Roma.<sup>141</sup>

Em se tratando de uma transferência, até pode ter acontecido que os problemas com o pai refletiram em sua religiosidade. Isto fica claro, na visão que ele possuía a priori de Deus. Um Deus austero, vingativo, sempre pronto a julgar e condenar o pecador. As dificuldades com o pai, ele transferiu todas para Deus. Mas isto não explica tudo o que ocorreu com ele dentro do mosteiro. Na sua individualidade, com sua capacidade reflexiva, tendo uma mente brilhante, ele próprio fazendo o exame minucioso das Escrituras, pôde chegar às suas descobertas. Os biógrafos de Martinho Lutero de formação médica, como Paul Reiter, vão muito longe quando disseram que o seu sistema nervoso estava questionável no período escolar. É certo que o clima disciplinar que ele recebeu em casa, na escola, na comunidade e na igreja agiu em sua mente como algo mais decididamente opressivo do que inspirador. Ele mesmo dizia que não iria disciplinar o seu pequeno Hans como ele foi repreendido.

A educação é em si mesma repressiva e violenta, como cita Millot, fazendo referência ao Futuro de uma Ilusão e o Mal-estar na Civilização de Freud, visando adaptar a criança ao que é aceito socialmente. Ela precisa aprender desde cedo a dominar seus instintos e a não ter liberdade total. A educação deve procurar um ponto ótimo de ser a mais benéfica e traumatize somente o necessário para a criança se defender. O complexo de Édipo é que

---

<sup>141</sup> ERIKSON, Erik H. Young Man Luther, página 77.

realiza a estrutura psíquica, segundo a autora, “é a existência da proibição do incesto o que funda a tese freudiana da natureza essencialmente repressiva da civilização, bem como a da educação” (1987, pp.121 e 122).<sup>142</sup>

Ele culpou essa atmosfera dele por sua qualidade de ser monge especial, a intensidade dele de escrupulosidade “monástica,” sua preocupação obsessiva com a pergunta de como alguém na terra pode fazer o bastante para agradar as várias agências de julgamento – o professor, o pai, os superiores e, principalmente, a consciência de cada um. Mas lembre-se, ele se expressou nesta questão depois que ele quebrou o seu voto e o abandonou com desgosto.<sup>143</sup>

Esta preocupação obsessiva por querer agradar aos professores, seus pais, seus superiores e principalmente sua consciência, é algo que o levou quase à loucura. A respeito de suas regras monacais, ele falou: o que eu lhe disse com expressões paulinas, aprendi no mosteiro por experiência própria e de outros. Conheci muitos que, com uma ânsia e ótima intenção, faziam todo o possível para tranquilizarem sua consciência: vergastavam-se, abstinham-se de comida e água, oravam, afligiam-se, esgotavam com vários exercícios os seus corpos, até arruiná-los e, sem dúvida, quanto mais se afligiam, tanto mais atemorizados viviam; e, sobretudo quando chegava a ocasião da morte, estavam tão covardes, eles que viviam de maneira piedosa. [...] Sendo monge, procurava com suma diligência viver conforme a regra. (1531, apud, GARCIA-VILLOSLADA, 1976).<sup>144</sup>

#### **II.4. Tudo ou nada: força que move os homens a serem e a fazerem algo.**

Martinho, nesse ponto, não era ainda um profissional religioso. Ele era um normal, um jovem homem, instruído. Apesar de seu status cultural, na ordem inicial dos acontecimentos, ele estava teoricamente para cometer uma auto-infração; porque ao entrar no refúgio entre o lado de fora e o de dentro das paredes do mosteiro, renunciava à distinção educacional que havia adquirido lá fora. E, se viesse a ser admitido, para ficar do lado de dentro, ele não podia ter certeza de que poderia continuar sua carreira como um intelectual.<sup>145</sup>

<sup>142</sup> MILLOT, Catherine. Freud antipedagogo. Páginas 121 e 122.

<sup>143</sup> ERIKSON, Erik H. Young Man Luther, páginas 78 e 79.

<sup>144</sup> GARCIA-VILLOSLADA, Ricardo. Martín Lutero. Volume I. Pagina 250.

<sup>145</sup> ERIKSON, Erik H. Young Man Luther, página 98.

Pode-se imaginar que os Agostinianos de Erfurt, que pertenciam à rigorosíssima congregação das ordens subordinadas da Saxônia, eram um tanto mais determinados a tornar isto claro do que muitas outras ordens que se tinham tornado depositárias de um número excedente dos filhos da nobreza alemã, ou abrigo para escolásticos. Mas quando eles viram Martinho, foram obrigados a reconhecer nele a sinceridade de uma vocação. E assim, dentro do mosteiro, no período do anonimato logo a sua frente, ele encontrou uma manifesta alegria pelo menos por um tempo.

É provável que, em todo o período histórico, de uma certa forma – e não por recursos os menos dotados - pessoas jovens não sobrevivem à sua moratória; eles procuram a morte ou o esquecimento, ou morrem em espírito. Martinho deve ter visto tal morte de mente e espírito em alguns irmãos, e veio a se sentir perto disso mais de uma vez.<sup>146</sup>

Algumas pessoas hoje em dia buscam ajuda psiquiátrica, ajuda psicológica – jovens indivíduos, com altivez e em desesperança, de mentes enfermas, detentores de bens, de boas idéias e de expectativas arrebatadas. Repetidamente, com certeza, os profissionais na área de saúde mental podem apenas observar que essa soberba de não ter buscado uma adaptação é um disfarce, por não terem sido capazes de fazer isso através de um caminho de volta, um retrocesso (mas nem sempre, de modo algum). Às vezes uma altivez intensa que dura por muito tempo pode ser localizada, (um orgulho) que torne muito difícil decidir se a inaptidão para se ajustar a um dado ambiente disponível, com os meios requeridos por esse ambiente, não tenha significado também uma má vontade para anteceder a uma nutrição de necessidades latentes, profundamente sentidas como essenciais ao desenvolvimento verdadeiro de uma identidade. A dificuldade terapêutica, em tais casos, vai além das questões sobre a que ambiente um jovem devia ter-se ajustado, e por que não pôde fazê-lo; e tem mais a ver com o delineamento daqueles meios de adequação que o paciente pode empregar, sem perder uma conexão interior. Uma vez que tenha ciência de sua cura e seu objetivo, ele pode ficar bem o bastante para fazer o ambiente se adaptar a ele.

---

<sup>146</sup> ERIKSON, Erik H. Young Man Luther, página 99.

Essa morte de espírito não foi o caso de Martinho. O tempo foi importante para ele se manter tranqüilo, por meio do ardil de ignorar a alternância de dia e noite, de períodos de intensa atividade e períodos ociosos; períodos em que ele se entregava ao trabalho e falava com outras pessoas, ou se entregava ao mais perfeito isolamento, silêncio e meditação.

Há também, sem dúvida, uma autoconsciência distorcida, a um tempo caracterizada por vergonha de quem uma pessoa sabe que já é, e a outro tempo pela dúvida quanto ao que ela deve passar a ser. Uma pessoa com essa autoconsciência geralmente não pode trabalhar, não por não ser dotada e versada, mas porque seus padrões evitam qualquer aproximação com quem não a faça ficar em evidência; enquanto que, ao mesmo tempo, tais padrões não lhe permitem competir, desafiar outras pessoas. Ele assim é privado de aprendizagens e discipulados que definem dúvidas, sancionam competição e, por assim dizer, promovem um status de moratória. Por estas razões, Martinho não pôde continuar seus estudos, embora sua capacidade posterior para o trabalho fosse fenomenal, na maior parte do tempo.<sup>147</sup>

Erikson diz que uma pessoa nestas condições deve se preservar de intimidade, pois qualquer aproximação física desperta, ao mesmo tempo, tanto o impulso que possa levar à união com a outra pessoa, ainda que do mesmo sexo, como à perda de autonomia, à privação da individualidade. Não foi o caso de Martinho. No mosteiro ele tinha contatos com Dr. Staupitz, e nem por isto colocou em risco a sua sexualidade. Quando houver um índice verbal completo das obras de Lutero, poderá ser feito um cômputo de todas as referências e expressões sexuais e de suas menções a suas experiências juvenis. Não se pode pensar em um Lutero assexuado. Como todo homem normal, ele provavelmente passou – na sua vida infantil, como um adolescente e jovem, com todos os seus hormônios em dia e na flor da pele – por todas as tentações, todos os prazeres que a carne pode oferecer ao homem.

“Nada sabemos sobre relações de Martinho com moças, antes de ele entrar para o mosteiro; mas surgiram palpites sobre escrúpulos auto-eróticos que voltaram mais intensificados mais tarde.”<sup>148</sup> A respeito da concupiscência da carne ele disse: “Na minha vida monástica eu me julgava reprovado quando

<sup>147</sup> ERIKSON, Erik H. *Young Man Luther*, página 101.

<sup>148</sup> *Ibidem*, página 102.



sentia em mim os desejos da carne, um mau movimento, uma discórdia com qualquer companheiro do mosteiro, e minha carne chegava a esta conclusão: você está em pecado. Ensejava muitos alívios, confessava-me diariamente, mas isto era de pouco proveito, porque sempre retrocedia a concupiscência da carne; por isso não podia-me tranqüilizar mas me afligia perpetuamente com estes pensamentos: tenho feito este e aquele pecado. Em vão te fizeste um religioso e sacerdote; todas tuas boas obras são inúteis (GARCIA-VILLOSLADA, 1976).

Falando sobre os escrúpulos auto-eróticos, Paul Reiter diz que o mais provável é que a poderosa força da libido chegou a criar uma válvula de escape espontânea através da masturbação. Não existem provas certas a respeito, mas quando Martinho estava dando lições sobre a Epístola de Paulo aos Romanos, ele falava detalhadamente e por extenso dos diversos modos de poluição, espontânea e não espontânea, o que faz criar uma suspeita de que ele estava falando de experiências próprias. (1943, apud GARCIA-VILLOSLADA).<sup>149</sup>

Denominaremos partes de uma “identidade negativa” todas as auto-imagens, mesmo aquelas de natureza altamente idealística, diametralmente opostas aos valores dominantes da educação de um indivíduo – o que significa uma identidade na qual ele tenha sido avisado a *não* se transformar (o que ele pode fazer, só que com um coração dividido); não obstante, ele se encontra compelido a se transformar, reivindicando sua convicção. Obviamente tal rebeldia pode acarretar uma alta proeza que, quando juntada a uma tendência coletiva para rebeldia (como aconteceu com Martinho), pode rejuvenescer, enquanto rejeita.<sup>150</sup>

A perda de um sentimento de identidade expressa-se através da hostilidade em relação aos papéis que são oferecidos como apropriados e desejáveis, pelos pais e sociedade, para o jovem seguir. Qualquer aspecto deste papel requerido, ou todo ele seja masculinidade, feminilidade, nacionalidade, filiação a algum partido político, a alguma classe social, poderá se converter no fundamental foco de falta de apreço do jovem. De um modo geral os conflitos de um jovem encontram expressão não na anulação de identidade pessoal, mas assumindo uma identidade que Erikson chama de

<sup>149</sup> GARCIA-VILLOSLADA, Ricardo. Martín Lutero. Pág. 268.

<sup>150</sup> ERIKSON, Erik H. Young Man Luther, página 102.

negativa, que é perversamente baseada em todas aquelas identificações e papéis que nos momentos cruciais do desenvolvimento, foram apresentados como perigosos ou indesejáveis. Ou seja, o jovem acaba assumindo o papel que os pais, a sociedade, a igreja apresentaram-lhe como indesejável.

Séculos mais tarde, apareceu na Alemanha um outro jovem que radicalmente superou Martinho em se oferecer por menos na escolha de um temporário “Nada”. Um jovem que ressurgiu igualmente de sua moratória como um líder da nação alemã, igualando-se a Lutero, pouco em construtividade, e superando-o totalmente em destrutividade no sistema político. Este homem, é claro, foi Adolf Hitler.<sup>151</sup>

Da infância de Adolf Hitler pouco se sabe, além do que ele ofereceu ao mundo como parte de sua autobiografia. Que tipo de homem ele era? O jovem Adolf, que tinha um amigo de sua juventude chamado August Kubizek, era um bom esconderijo de seu pai que era arrogante, indolente, com inclinação ao alcoolismo, prostituição e brutalidade. Esse pai estava determinado a fazer de seu filho um serviçal civil, que tivesse a oportunidade de ascender ao alto em sua estreita hierarquia. Mas Adolf não teria nada disso, como ele repete insistentemente no seu *“Mein Kampf”*. Seu amigo diz que ele nunca faltou com respeito ao seu pai, mas seguia seu próprio caminho. Kubizek conta que, quando eram adolescentes, e perambulavam pelas ruas da cidade de Linz, eles eram tomados pelo humor e começavam a mudar tudo o que viam. Naquele faz de conta, iam mudando casas, castelos, conjuntos de residências. E o velho teatro desta cidade era completamente inadequado. Alguns amigos amantes da arte em Linz haviam fundado uma sociedade para promoverem a construção de um teatro moderno. Adolf se juntou a esta sociedade. Durante meses trabalhou nos seus planos e desenhos, e esperava que suas sugestões fossem aceitas. Ficou tremendamente irado quando suas sugestões foram todas rejeitadas. E a sociedade resolveu reformar o prédio antigo e não fazer uma nova construção.

Sobre o seu aparecimento, anos mais tarde, como um ex-combatente do Exército alemão, e por fim um ditador, ele disse: o que o homem de 15 anos planejou, o de 50 executou, como se tivessem passado apenas poucas semanas, em vez de décadas, entre o projeto e a efetivação do

---

<sup>151</sup> ERIKSON, Erik H. Young Man Luther, página 105.

mesmo. Os planos que aquele adolescente tinha para sua cidade natal, foram executados e inaugurados em 1938 (KUBIZEK, 1954 apud ERIKSON, 1958).<sup>152</sup>

É descabida a comparação feita por Erikson, colocando Hitler lado a lado com Lutero. A construtividade de Hitler é ínfima em relação à construtividade de Martinho Lutero. Ainda que a construtividade dele tenha sido usada para recuperar sua cidade natal, Linz, o que mais poderia ser dito que ele erigiu? Ele não conseguiu superar seus momentos de destrutividade, que o levaram a morte. Martinho Lutero construiu após a sua moratória, e construiu muito. Uma grande obra foi escrita por ele. Pode-se dizer que a língua alemã é uma antes e outra depois dele, que ele foi comparado ao Shakespeare em sua obra literária. Lutero, pode até ter tido um período de destrutividade, mas conseguiu superar muito bem.

Todavia, se examinar cuidadosamente o período todo de nacionalismo e invenção que Lutero ajudou a anunciar e o que Hitler ajudou a trazer para sua crise global, pode-se muito bem querer reconsiderar a relação entre o desejo de dominar totalmente de qualquer forma, e o desejo de destruir.<sup>153</sup>

Hitler era um guia totalitário, pois ele concentrava o poder em suas mãos. Utilizando-se de espetáculos de massa – comícios e desfiles – e principalmente à noite, para impressionar com a iluminação, parecendo rituais iniciáticos, e também abusando do uso dos meios de comunicação (jornais, rádio e cinema), ele mobilizou a população por meio do apelo à ordem e ao revanchismo. Em 1933 ele chegou ao poder por via eleitoral, e foi nomeado primeiro-ministro, com o apoio de nacionalistas, católicos e setores independentes. Com a morte do presidente em 1934 ele se torna chefe de governo, chefe de estado, encarnando o papel de *führer*, o guia do povo alemão, criando o 3º Reich (Terceiro Império). Com poderes excepcionais que lhe foram concedidos, Hitler suprimiu todos os partidos políticos, excetuando o nazista; dissipou os sindicatos; extinguiu o direito de greve; fechou os jornais de oposição e censura à imprensa; e, apoiando-se em organizações paramilitares como AS (guarda do exército), SS (guarda especial) e Gestapo (polícia política), implanta o terror perseguindo os judeus (que foram eleitos

---

<sup>152</sup> ERIKSON, Erik. Young Man Luther. Page. 107

<sup>153</sup> *Ibidem*, página 108.

bode expiatório para todas as crises alemãs), sindicatos e políticos comunistas, socialistas e outros partidos. As memórias do amigo do Hitler indicam que ele tinha um medo de que pudesse ser um nada. Ele tinha de desafiar essa possibilidade tornando-se um tudo. Tudo ou nada é a força que o moveu. Martinho Lutero tornou-se aos 30 anos também, líder de uma rebelião contra a Igreja Católica. Sua luta entre a destruição e construção seria travada no campo teológico. Erikson diz que Lutero pode ter preparado o seu país para a aceitação de um líder como Hitler no futuro, por causa de algumas traições em sua pessoa. Pensando neste mesmo enfoque que ele dá em sua obra sobre a construtividade e destrutividade, comparar estes dois personagens históricos e culpar Lutero pelo nascimento de um líder tão instável emocionalmente, em nenhum momento aberto para dialogar, mas para exterminar, é uma injustiça que se faz a este jovem homem.

O mosteiro, em sua concepção original, é um treinamento sistemático para a completa aceitação do Nada terrestre, na participação daquele Tudo. O objetivo da vida monástica é reduzir, para um absoluto mínimo, o desejo e a vontade de dominar e destruir. *“Eu era santo”, Lutero disse, “Eu não matei ninguém senão a mim mesmo”*. Para esta finalidade, o mosteiro oferece métodos de se fazer um rebaixamento meditativo para dentro das colunas dorsais internas da existência mental, de que o aspirante emerge com o ouro da fé ou com jóias de sabedoria.<sup>154</sup>

Ou seja, o mosteiro funcionava como uma lavagem cerebral, pois o recém-ingresso tinha de negar todos os seus pressupostos, todo o conhecimento recebido do lado de fora, e começar vida nova, com toda orientação recebida dos seus novos líderes. O objetivo desta educação é quebrar o desejo de dominar e destruir. Isto funcionou no princípio nos primeiros meses de vida monástica. Líderes ideológicos só podem dominar seus medos excessivos, reformulando o pensamento de seus contemporâneos. Pessoas que já nascem para ser líderes, como Martinho Lutero parecem temer conscientemente só o que de alguma forma todos temem no cerne de sua vida íntima.

---

<sup>154</sup> ERIKSON, Erik H. Young Man Luther, página 108.

A procura de Martinho, como mostra seu completo tratamento da tempestade, era também mais jovem e mais triste: “aquele que vê Deus tão zangado não O vê direito, mas olha por uma cortina, como se uma nuvem escura tivesse sido puxada contra Sua face”.<sup>155</sup>

Ele estava procurando neste presente momento, encontrar na religião, aquilo que não pôde encontrar no seu pai, a procura por reconhecimento. Tem uma teoria de Reinoldo Weijenborg, na qual ele diz que a tormenta, a tempestade do dia 02 de julho de 1505, foi uma montagem teatral preparada de antemão pelo jovem Martinho. O fato de invocar somente Santa Ana foi, segundo Weijenborg, um grave delito, pois era o mesmo que menosprezar a Deus e a Virgem. Mas, compreendendo a fé católica, de sempre colocar outros, intermediários para se aproximar de Deus, o fato dele ter invocado a Santa Ana, protetora de sua família, dos mineiros, era algo perfeitamente natural, pelo fato, da fé católica sempre achar que não pode se chegar diretamente a Deus, ou quem sabe até a mãe de Deus. Este encontro face a face é um aspecto de sua religião que devemos entender para conseguir penetrar na intensa melancolia de sua juventude solitária.

Nesse primeiro relacionamento, o homem aprende algo que a maioria dos indivíduos que sobrevivem e permanecem são pode ter como garantia a maior parte do tempo. Só os psicanalistas, pastores/padres e filósofos natos sabem como penosamente esse algo pode faltar. Tenho chamado de “confiança básica” esse antigo tesouro; ela é a primeira característica psicológica, e o fundamento de todas as outras. Confiança básica em mutualidade é aquele “otimismo” original que presume que “alguém está aí”, sem o qual não podemos viver.<sup>156</sup>

A primeira expressão de confiança social da criança pequena é a facilidade de sua nutrição, a profundidade de seu sono e a relaxação dos intestinos. A primeira realização social da criança, então é a sua voluntária disposição em deixar a mãe de lado sem sentir muita raiva ou ansiedade, por ela se ter convertido em uma realidade exterior. Este é o momento quando a criança começa a fazer uma distinção de quem é a mãe e quem é ela. A

---

<sup>155</sup> ERIKSON, Erik H. Young Man Luther, página 115.

<sup>156</sup> *Ibidem*, página 118.

psicanálise chama este processo de diferenciação entre o interno e o externo, de projeção e introjeção.

Uma tarefa básica de todas as religiões é reafirmar aquele primeiro relacionamento, pois temos em nós bem profundamente, uma lembrança descrente, ao longo da vida, daquela ansiedade verdadeiramente metafísica; “*meta*”- “atrás”, “além” – aqui significa “antes”, “caminho de volta”, “no começo”.<sup>157</sup>

O fundador do cristianismo, Jesus Cristo, disse certa vez para um mestre da lei dos judeus, chamado Nicodemos<sup>158</sup> que se ele quisesse ver o reino de Deus, deveria nascer de novo. Mas, Ele estava falando de um nascimento espiritual.

“Eu não conhecia mais o Cristo-criança” (*non novi puellam*), disse Lutero mais tarde, ao caracterizar a tristeza de sua juventude; ele tinha perdido sua infância. Em um momento de terror, apelou, não para a Madona, mas para a santa padroeira de seu pai, Santa Ana. Mas ele sempre objetou sobre a meditação da Madona no então popular esquema de religião. Ele queria o reconhecimento *de Deus*. Um longo caminho se estendeu à frente dele, antes dele poder experimentar, através de Cristo, mais que através de Maria, a relevância do tema de mãe e criança em adição à do pai e filho. Então ele pôde dizer que Cristo estava definido por 2 imagens: uma de um infante deitado em uma manjedoura”, pendurado nas tetas de uma virgem” (*hangetan einer Jungfrau Zitzen*”); e uma, de um homem sentado à mão direita de seu Pai.<sup>159</sup>

Pode-se pensar que Lutero tenha tido dificuldades de entrar com a realidade do Cristo menino, por estar utilizando um mecanismo de defesa em relação a sua infância sofrida, cheia de percalços, severidades por parte dos pais, escola, e depois o rigor do mosteiro. Se ele não estivesse buscando este reconhecimento de Deus, ele não teria crises, ele não entraria no processo de depressão, a vida dele seria muito fácil. Mas justamente por se preocupar com sua própria vida, com a questão da pecaminosidade, não se sentir realmente perdoado, ele empreende esta busca nas Escrituras, em suas leituras na epístola de Paulo aos Romanos. Duas imagens ele possuía de Cristo: do

<sup>157</sup> ERIKSON, Erik H. Young Man Luther, página 119.

<sup>158</sup> Evangelho Segundo São João, capítulo 3.1-15.

<sup>159</sup> ERIKSON, Erik H. Young Man Luther, página 119.

infante, completamente dependente da mãe, naquele momento, e no outro, ao lado do Pai, Aquele que já cumpriu Sua missão.

### **II.5. Primeira Missa e Beco sem Saída: encontro com o pai.**

Martinho Lutero tornou-se um monge Agostiniano, uma ordem mendicante, um simples monge. Essa imagem de simples faz aumentar a magnitude da subida miraculosa desta autoridade teológica. Mas os Eremitas Agostinianos estavam longe de ser realmente uma ordem mendicante. E também do ponto de vista monástico não eram ascetas. Era uma florescente coligação de mosteiros relativamente ricos. A administração era centralizada em Roma. Em Erfurt eles ocupavam um campus de 7.500 m<sup>2</sup>, possuíam ricos campos, vinhedos e imóveis. Eles, os monges altamente instruídos, e Martinho Lutero, iria se tornar um deles tinham a sua disposição uma classe inferior de freis, os quais eram mantidos analfabetos e não ordenados.

Lutero, em um impulso súbito, transpôs o umbral do convento de Erfurt. A vida monástica não lhe bastava para lhe dar paz. As práticas, as abstenções de comida e água, os cânticos na capela, as rezas prescritas e as meditações: remédios bons para outros, que não tinham sede tamanha do absoluto. Mas para uma alma ávida, tumultuada, impaciente de sujeições, ávida pelo amor divino, todas estas práticas não foram suficientes para lhe satisfazer, e deixá-lo plenamente realizado, e submisso aos seus superiores (FEBVRE, 2004).<sup>160</sup>

A história do monasticismo expõe um número de variáveis que podem ajudar a descrever a ordem de Martinho, a qual ele pertencia, os agostinianos. Originalmente é claro os monges eram eremitas procurando deliberadamente um estado radical de prontidão para viver uma vida solitária o que precisa ser atravessado, mais cedo ou mais tarde sozinho. Mais cedo ou mais tarde eles se organizavam em grupos de solidão paralela.<sup>161</sup>

Qual a razão que moveu Martinho a escolher, entre as diversas ordens monásticas, justamente a de Santo Agostinho? Ele conhecia os agostinianos da Observância. Nenhum convento atraía tanto a atenção dos

<sup>160</sup> FEBVRE, Lucien. Martin Lutero: un destino. Pagina 47.

<sup>161</sup> ERIKSON, Erik H. Young Man Luther, página 126.

moradores de Erfurt, nenhum gozava de tanto renome como o chamado vulgarmente “mosteiro negro”, o de Santo Agostinho. A pregação e a ciência sagrada respondiam perfeitamente as aspirações daquele jovem amante dos livros, que estava resolvendo o problema de sua vida, cumprindo a promessa feita a Santa Ana, e buscava com muita sinceridade na vida monástica o cumprimento dos conselhos evangélicos. O monasticismo começou a partir de total isolamento.

Como disse Bayer em seu livro:

É inquestionável que a vida e a teologia do monge agostiniano o Martinho Lutero estiveram marcadas pela mais rigorosa ascese até sua guinada reformatória. Tudo o que é secular e natural era considerado por ele sob a exigência da dessecularização: como espaço, tempo e meio para abster-se de si mesmo e mortificar-se para o pecado como impulso para buscar em tudo a si mesmo e sua vantagem. Para a exigência radical, assim como ela se concentra nos votos monásticos do celibato, da pobreza e da obediência, tudo o que é secular e natural serve meramente como material e meio necessário para curvar-se em penitência diária negativamente sobre si mesmo, para deixar-se reconduzir à sua própria nulidade.<sup>162</sup>

Esta reclusão sacrifica a presença aperfeiçoadora dos outros, impede a comparação e o compartilhamento com os outros, e assim o indivíduo pode mergulhar em uma forma de vida, que pode levar a loucura. E esta vida eremítica pode ser tão absorvente, que não permite uma pausa nesta meditação introspectiva. Eles observavam certo número de horas de contemplação, e não faziam quase nada de trabalho manual. Este trabalho era executado pelos seus ajudantes monásticos que faziam de tudo. Eles eram muito aplicados em seus cânticos, seus estudos, e tinham uma relação muito próxima com as Universidades.

Outro aspecto da monasticidade se refere às técnicas escolhidas para aperfeiçoar a alma, e isto pode variar desde métodos de extrema auto abnegação que reduz o corpo a sua própria sombra para os extremos da autonegação do serviço aos doentes e pessoas carentes. Os agostinianos eram relativamente moderados em prescrever abnegações, (apesar de que Martinho logo insistia em fazer as suas próprias exigências, as suas próprias prescrições). Mas eles eram altamente disciplinados nas observâncias destas regras e

---

<sup>162</sup> BAYER, Oswald. A teologia de Martin Lutero. Página 101.



muito bem treinados para o cuidado espiritual e para o progresso educacional dos outros.<sup>163</sup>

Neste tempo, ele se entregou ao silêncio, meditação, orações litúrgicas no coro, práticas ascéticas e devotas, mortificação do corpo e humildade no trabalho doméstico, e uma contínua abnegação e obediência à própria vontade, adaptação a vida monástica e progressivo conhecimento dos costumes e constituições da Congregação agostiniana. Além de tudo, ele deveria confessar freqüentemente com pureza, sinceridade, discrição e humildade, e viver em castidade e pobreza. Como foi colocado aqui no primeiro capítulo, Martinho encontrou os Irmãos da Vida Comum e os ouviu censurar os elementos racionais na fé. No convento dos agostinianos ele estudou e também discutiu e estudou o misticismo, mas ele aderiu ao Escolasticismo, até o momento de suas descobertas que o levou a conversão e ao rompimento com isto.

Em resumo, os eremitas agostinianos enquanto pertencentes a uma congregação monástica, comprometida a observâncias estritas e geralmente respeitada como tais tentavam combinar o melhor e o mais razoável da tradição monástica. E é óbvio de uma vez que mesmo que Martinho tenha desobedecido seu pai tornando-se monge ele agiu no espírito deste seu pai escolhendo a melhor escola dentro de seu horizonte.<sup>164</sup>

Martinho não escolheu um convento qualquer, mas sim um de uma classe média alta. Todo mundo pertencia ao universo católico; e tornar-se monge constituía-se simplesmente achar uma condição adequada dentro da categoria imperial católica, que incluía em suas obrigações, diplomacia, comando, amparo social em países, condados, cidades e vilas, ministração espiritual; e o desenvolvimento de uma vida ascética e salvação pessoal.

Mesmo que ele tenha desobedecido ao seu pai, deixando para trás uma carreira promissora em Direito; deixou para trás quem sabe um casamento com uma moça de posses; ele soube escolher no momento, uma carreira religiosa, que pudesse lhe dar proeminência. Portanto, consciente, ou inconscientemente, os desejos paternos, estavam internalizados em sua pessoa.

---

<sup>163</sup> ERIKSON, Erik H. *Young Man Luther*, página 127.

<sup>164</sup> *Ibidem*, página 128.

O fato que Lutero tomou sobre si a latente melancolia de sua idade e os problemas espirituais de sua teologia marca ele como membro de uma minoria ideológica, talvez mesmo um tanto neurótica. Entre os agostinianos de seu tempo, ele foi um estranho, notável, e às vezes questionável monge.<sup>165</sup>

Um inadaptado social sempre será visto como o mais neurótico. Não que existam apenas alguns neuróticos. Todos o são: uns mais, outros menos; tem aqueles que são corajosos, e assumem mais as suas neuroses diante dos outros. Martinho não foi dissimulado; ele pagou o preço por viver a vida intensamente. Por isto, as coisas são tão visíveis na vida dele, e também o interesse dos historiadores de escreverem sua biografia.

Do ponto de vista sociológico não é inteiramente claro o que a escolha de Martinho, de um treinamento monástico básico, devia ter provocado tal escândalo ao seu pai, ou uma decisão tão dramática por parte do filho. Somente se nos lembramos que seu pai desejava que ele fosse politicamente ambicioso, em um novo sentido secular em vez de espiritualmente bom, podíamos entender que Martinho estava escolhendo uma identidade negativa quando ele decidiu tornar-se monge; e ele logo se satisfazia em mais contrariedade tentando ser um monge melhor que outros monges.<sup>166</sup>

Pensando do ponto de vista eriksoniano, ele estava entrando em uma identidade negativa, pois estava fazendo o oposto idealizado pelo seu pai. Se seu pai tinha pretensões que ele perpetuasse seu nome, ele estava sepultando esta pretensão, entrando no mosteiro, já que ele estava assumindo uma vida celibatária, apesar da existência de mulheres que possuíam o título “Senhora Vigário”.

A princípio ele foi instalado na casa dos visitantes dentro dos muros da propriedade, não dentro da clausura. Aqui ele recebeu do pai a permissão para sua entrada no mosteiro. Após, ele recebeu a aprovação da comissão de admissão, e foi aceito para ficar por um ano que seria um tempo de prova para a sua admissão definitiva. “A recepção iniciou-se com uma confissão geral ao prior pessoalmente, e um corte de cabelo, mas sem tonsura.”<sup>167</sup> E o prior lhe dizendo todos os rigores pelos quais ele iria passar, e se ele estava disposto mesmo assim a ingressar na ordem. Esta entrada a vida monástica, significava

---

<sup>165</sup> ERIKSON, Erik H. Young Man Luther, página 128.

<sup>166</sup> *Ibidem*, página 129.

<sup>167</sup> ERIKSON, Erik H. Young Man Luther, página 129.

uma doutrinação a qual não significava apenas a apreensão de novos conteúdos e pensamentos, mas um processo de recondicionamento completo, ou seja, uma lavagem cerebral.

Para um jovem homem da sinceridade apaixonada de Martinho em perigo, como possivelmente ele estava de uma regressão maligna (e Lutero admitiu mais tarde, que esta possibilidade existia) ou ao menos de tentações transtornantes, a imersão num ambiente bem organizado o qual assumia de minuto em minuto decisões a respeito do que é bom para a causa comum e como algo e o que é mal, podia ter sido sentido pelo Lutero uma repetição em grande estilo da primeira orientação maternal. E de fato, Lutero disse mais tarde, “No primeiro ano no mosteiro o diabo é bem quietinho”.<sup>168</sup>

A cela que lhe foi dada possuía pouco mais do que três metros quadrados. A porta nunca poderia ser fechada, e com uma grande abertura nela, para inspeção sem hora marcada, com uma janela demasiadamente alta, que impedia a visão do que acontecia do lado de fora. Tem uma mesa, uma cadeira, uma lâmpada, um catre com palha e um cobertor de lã. Não pode ser aquecido o recinto, e não existe nenhuma ornamentação, nem o morador da cela poderia dar o seu toque pessoal ao lugar, para não chamar a atenção dos sentidos. O jejum não era apenas privação de alimentos, mas privação também de sentidos.

Este ambiente abre amplitude individual às vozes contraditórias em seu interior, e, portanto faz com que ele agarre por assim dizer mais avidamente qualquer caminho em direção a uma nova identidade que é oferecida. Não somente o que é posto para dentro, mas também o que vai sair precisa ser regulado. O futuro orador precisa em primeiro lugar aprender o silêncio.<sup>169</sup>

Dentro de sua alcova nem uma palavra poderia escapar, nem mesmo uma oração audível. Somente o mestre dos noviços é que poderia adentrar o recinto, e se comunicar com ele por meio de sinais. Conversas particulares somente com licenças e assistidas pelo superior, para não se tornar um mecanismo de fuga para o pecado da jactância ou zombaria, bajulação ou fofoca. Em certo sentido, toda esta disciplina monástica

---

<sup>168</sup> *Ibidem*, página 130.

<sup>169</sup> *Ibidem*, página 131.

proporcionou a ele momentos ricos de meditação, e em se tratando de uma mente brilhante e privilegiada como a de Martinho, ele não perdeu esta oportunidade para se tornar o grande Lutero.

Durante o primeiro ano, a tarefa de ajustar-se ao novo ciclo, de estar acordado ou descansando, superpunha-se a usual alternância de dia e noite, e a obrigação que absorvia as regras detalhadas e sua observância com suas justificativas tradicionais, ocupavam-no bastante tempo e atenção para criar uma moratória, durante a qual meditações individuais e escrúpulos eram esquecidos.<sup>170</sup>

Era uma vida tão intensa de atividades, que não sobrava muito tempo livre para pensar. Para esse sistema de doutrinação, que pode ser chamado também de lavagem cerebral, para não minar este processo, deveria ser assim: não ter tempo livre, para não pensar, não ter esclarecimentos a respeito de dúvidas.

Mas faz sentido que um homem jovem como Martinho durante a primeira fase de sua experiência, julgasse que todo este arranjo da prisão que ele mesmo escolheu achasse nisto um silêncio salutar; um sistema bem vindo de nomear e comunicar preocupações maldosas ou maléficas e uma disciplina devocional para sua voz cantante (a sua esfera "livre de conflito" de expressão), tudo isto permitia a ele de postergar como uma moratória deve decisões fortemente explosivas.<sup>171</sup>

Experimentar a quietude do claustro; levar em uma cela uma vida toda de rezas e meditações, regulada pela campainha, guiada em seus detalhes pelos seus superiores prudentes e veneráveis: em um meio tão puro, tão santo, tão claro, a podridão do pecado não podia exalar. Martinho Lutero deveria sentir prazer nos momentos dos cânticos, pois a sua vida demonstra que ele se dedicou à música. E não era um qualquer nesta área, mas conhecia com profundidade.

O propósito desta doutrinação objetiva separar o indivíduo do mundo, o tempo suficiente para que seus valores se desconectem de seus desígnios e pretensões. O processo deve criar nele novas convicções suficientemente profundas para substituir muito daquilo que ele apreendeu na infância, e

---

<sup>170</sup> ERIKSON, Erik H. Young Man Luther, página 132.

<sup>171</sup> *Ibidem*, página 133.

praticou na juventude. Este adestramento, esta catequização tem que suceder por meio de um tratamento de choque, porque a finalidade dele é trocar ou recolocar em um tempo breve, tudo aquilo que foi assimilado na educação anterior, que cresceu com ele ao longo de muitos anos. ao mesmo tempo que esta doutrinação tem que ser contundente em suas privações, deve ser também estimulante.

É razoável pensar que o final da adolescência é o melhor período de qualquer grupo de idades, são os melhores sujeitos para a doutrinação; porque na adolescência um realinhamento ideológico está necessariamente sendo processado e um número de possibilidades ideológicas estão esperando para serem ordenadas hierarquicamente seja pelas oportunidades, seja por lideranças, seja por amizades.<sup>172</sup>

Em nenhuma outra idade, em nenhum outro período o indivíduo se sente tão exposto as manifestações anárquicas e seus impulsos; em nenhum outro momento ele precisa tanto de pensamentos sistematizados e palavras valorizadas para dar um aspecto de ordem ao seu mundo interior. O adolescente é susceptível a esse rigor ascético, se estiver na companhia de amigos. Porém se ele estivesse sozinho enfrentando a si mesmo, seu corpo, suas contemplações ele não se disporia a este tipo de vida. Um homem desprovido de oportunidades de nortear-se a si mesmo no mundo pode tornar-se um escravo de seus próprios pensamentos, desvarios, de convicções que deseja manter a qualquer custo.

“Durante o treinamento básico o melhor se mostra em muitos instrutores e o pior em outros.”<sup>173</sup> Todos aqueles que se prestam a este papel de instrutor neste processo de doutrinação demonstram essa ambivalência de valores. Alguns instrutores neste processo tem a oportunidade de demonstrar o seu melhor, e outros intensificam, colocam para fora toda a sua perversidade, toda a sua podridão.

Um ano após a sua recepção, Lutero foi admitido para a “profissão”. Novamente ele foi conduzido diante do prior, diante do altar. “Agora você tem que escolher um ou outro: deixar-nos ou renunciar o mundo... mas Eu tenho que adicionar a isto, uma vez que você comprometeu-se a si mesmo, você não é

---

<sup>172</sup> ERIKSON, Erik H. Young Man Luther, página 134.

<sup>173</sup> *Ibidem*, página 136.

livre, por qualquer razão que seja de jogar fora o jugo da obediência. Pois você o aceitou voluntariamente enquanto você ainda estava livre de descartar.”<sup>174</sup>

Após a sua profissão é dito a ele que foi designado para ser um clérigo. Isto era algo previsível em se tratando de um Monge Agostiniano daquele tamanho, do mesmo modo, como mais tarde ele foi selecionado para ser um professor. Em nenhum dos casos ele podia escolher o seu caminho, e nem poderia esboçar alguma reação. Isto foi o primeiro passo para além do seu voto original. Nesta época ele estava livre de tentações tanto quanto possível, e a sua vida era minuciosamente organizada.

No sentido psiquiátrico faz sentido que sob tais condições um jovem homem como Lutero com os problemas latentes, mas com um desejo honesto de evitar rebelião contra o ambiente que cuidava de tantas de suas necessidades, esse jovem reprimia sua natureza rebelde pelo desenvolvimento gradual de seus estados obsessivos compulsivos caracterizados por alta ambivalência.<sup>175</sup>

A preparação para o sacerdócio incluía o estudo das obras sobre os conceitos principais do Catolicismo. Lutero, segundo parece, estudou pouco em Erfurt os grandes sistemas escolásticos do século XIII. Parece haver permanecido estranho ao tomismo. O que levou, aparte de alguns místicos, e principalmente de Tauler, o que lia era sobre o Comentário sobre as Sentenças do nominalista Gabriel Biel, aquele que introduziu o occamismo na Alemanha, era chamado “o rei dos teólogos”. Na sua velhice, Lutero se orgulhava de saber de memória páginas inteiras deste doutor.

O que encontrava Lutero nos escritos de Biel, para lê-los com tamanho ardor de encontrar neles uma saída para suas dificuldades? Biel almejava em primeiro lugar, posto que as implicações do pecado original se fazem sentir sobre todas as regiões ignóbeis, sobre as potências inferiores da alma do homem, a razão e a vontade seguem sendo, mais ou menos iguais, tão somente com as forças de sua natureza, observar a lei e cumprir as obras prescritas, se não “segundo a intenção do legislador”, pelo menos segundo “a

---

<sup>174</sup> ERIKSON, Erik H. Young Man Luther, página 136.

<sup>175</sup> *Ibidem*, página 137.

substância do feito”. E depois que, com somente essas mesmas forças, o homem pode amar a Deus acima de todas as coisas (FEBVRE, 2004).<sup>176</sup>

Uma obra de Biel que agitou intensamente com Lutero foi o *Canon da Missa*. Esta obra foi preocupante para ele porque se tornou claro até que ponto ele tinha que adotar a suprema importância do sacerdote que transmite aos outros a autêntica presença de Cristo, e a real essência de Seu sacrifício de sangue.

A tendência de Martinho para pensamentos obsessivos baseado no fato que o valor supremo do sacerdote depende do seu status interior com o qual ele se aproxima da cerimônia e sua atenção dos procedimentos em si. [...] Porém, para Martinho, todas as regras gradativamente se tornavam um tormento.<sup>177</sup>

Biel deixou claro que somente a suspeita de um pecado mortal não confessado poderia impedir o sacerdote, em qualquer dia de se aproximar da Missa; somente uma recusa consciente de suas atividades devia afastá-lo de conduzir a missa. Mas, uma vez iniciada a celebração nem mesmo um pensamento repentino poderia interferir em sua conclusão dos trabalhos. Um sacerdote protegido como ele era de muitos dos males do mundo, pelo fato de estar enclausurado, e equipado com caminhos de acesso da graça pela confissão, é suposto que ele podia dominar as regras, e não o contrário. “A primeira Missa de um sacerdote era uma graduação de importância única. Por isso, a celebração era planejada e sua família, de acordo com o hábito era convidada a participar.”<sup>178</sup> Os biógrafos não dizem se a mãe de Lutero foi convidada para comparecer neste evento; é perfeitamente possível que somente os parentes masculinos eram esperados. Martinho convidou o pai, o qual respondeu positivamente, a este convite, de modo que o monastério adaptasse o seu calendário ao dele. Ele chegou no dia combinado e ainda levou uma contribuição de vinte moedas de ouro como contribuição para a cozinha do mosteiro.

Lutero tinha convidado entre outros, seu amigo espiritual Johannes Braun, o professor Wigand Gülденapf, seu tio avô Konrad Hutter de Eisenach.

---

<sup>176</sup> FEBVRE, Lucien. Martin Lutero: Un Destino. Página 48,49.

<sup>177</sup> ERIKSON, Erik H. Young Man Luther, páginas 137 e 138.

<sup>178</sup> *Ibidem*, página 138.

Até mesmo sua mãe e irmãs teriam sido permitidas entrar neste ambiente masculino. Porém não é conhecido se elas estavam entre as vinte pessoas que Hans Luder trouxe com ele. Se elas tivessem participado deste evento, Lutero com certeza haveria de dizer mais tarde.

“Existe certo número de versões a respeito dos dois eventos decisivos desse dia: O ataque de ansiedade de Martinho durante a Missa, e o ataque de cólera em voz alta do Hans durante o banquete que se seguiu.”<sup>179</sup> Lutero contribuiu para a importância destes eventos, contando coisas que só aconteceram em conversas, ou foi fruto de sua imaginação. É claro que o seu crescimento no meio dos mineiros, favoreceu essa tendência aos exageros.

“Então, em primeiro lugar, a Missa. [...] Neste momento, quando ele tinha que mediar entre o pai e o Pai, ele ainda se sentia forçado entre as duas obediências.”<sup>180</sup> Lutero pode não ter querido este momento na sua vida, por temor. Ele tinha diante dele a Eucaristia e atrás, a presença do pai. A primeira missa era um acontecimento célebre realizada com muita alegria, e presentes para o novo padre, que Lutero recusou rigorosamente segundo o relato de Brecht. Na sua frente estava a graça incerta da Eucaristia; e atrás dele, a ira potencial do pai.

Pode-se aprender algo sobre os sentimentos do jovem padre olhando para a carta que ele enviou para Braun, convidando-o para este momento. Ele diz que é miserável, um pecador desmerecedor que veio do pó, chamado a bondade abundante do glorioso Deus que é santo, em todos os seus trabalhos para esta alta tarefa, e ele reconhece a responsabilidade de cumprir com gratidão no coração o ofício que foi dado a ele. Estes protestos humildes da sua indignidade vão além do que era habitual. Lutero tinha medo da tarefa nova. Ele provavelmente tinha uma alta concepção do ofício do sacerdócio, e não tinha certeza se poderia cumpri-lo fielmente (BRECHT, 1993).<sup>181</sup>

A longa história da Eucaristia serviu para confundir seu significado mais do que esclarecer. Ela iniciou em tempos de Paulo como uma refeição altamente devocional para comemorar aquela Páscoa que se mostrou a última Ceia. Com

---

<sup>179</sup> ERIKSON, Erik H. Young Man Luther, páginas 138 e 139.

<sup>180</sup> *Idem.*

<sup>181</sup> BRECHT, Martin. Martin Luther. Page, 72



uma ceia ritual, ela é extremamente uma versão extremamente sublimada de uma longa série de sacrifícios de sangue e rituais culminando no devorar de carne, primeiro humano depois animal, com o propósito de um reabastecimento mágico e espiritual.<sup>182</sup>

Os relatórios variam sobre a identificação particular onde Lutero encontrou o grande medo, mas que isto era em toda parte é claro. Ele se viu de repente na posição de ter que falar com Deus sem um mediador. Ele quis correr para longe do altar, quando ele se sente diante da majestade de Deus sem Cristo como Seu mediador. Na Eucaristia original a comunidade dava graças, comiam do mesmo pão e bebiam vinho do mesmo cálice, assim relembando como Cristo pediu a eles, que o fizessem lembrando-se de Sua morte sacrificial.

Bastante simbólico é o fato que o nome desta comunhão primitiva mudou de Eucaristia, que significa dar graças, para Missa, que significa a demissão do inútil.

É verdade que Paulo achou que mais pessoas estavam doentes ou adormecidas, do que capazes de alguma disciplina introspectiva; e assim, a gente pode argumentar muito bem que de um ponto de vista de psicologia da massa, a primeira Cristandade exigia demais de muitos. É óbvio também que nosso neo-paulino Martinho Lutero, exigia demais de seus contemporâneos e de si mesmo; que finalmente, a Igreja Luterana estatal foi o melhor que se podia alcançar nas circunstâncias históricas e pessoais.<sup>183</sup>

Os maiores avanços em consciência humana são feitos por aqueles que pedem demais, e assim acenam a situação na qual seus seguidores super exigidos acabam ou como envolvidos ou autoritários. As questões envolvendo a Eucaristia, a missa, foram motivos de grandes debates posteriores entre os reformadores sobre a transubstanciação e a consubstanciação. Todas estas idéias parecem ter estado longe da consciência e dos pensamentos de Martinho Lutero neste dia da primeira Missa. Mas suas obras posteriores e seus atos testemunham que de alguma forma rudimentar essas idéias já estavam embrionárias em sua mente.

---

<sup>182</sup> ERIKSON, Erik H. Young Man Luther, página 140.

<sup>183</sup> *Ibidem*, página 143.

Já foi colocado aqui que este momento da primeira missa representou para ele uma ameaça, uma opressão o fato de enfrentar diretamente a Deus sem um mediador. Mas um outro encontro ameaçador foi a presença do pai terrestre. Ele ainda não tinha encontrado com seu pai desde aquela visita impulsiva em sua casa; ele ainda não tinha enfrentado o seu pai face a face. Será que ele previa que seu pai ainda não estava refeito de sua desobediência, em relação às suas pretensões?

“Não se pode negar que o Martinho pediu isto – ele não podia deixar seu pai avançar mais do que o pai o deixou avançar. Martinho sabia que ele não ganhou o *gantzen Willen*, sua vontade inteira.”<sup>184</sup> Durante a reunião que tiveram após a cerimônia, ele relatou em suas Conversas à Mesa, que começou a conversar com seu pai no que ele perguntou por que seu pai resistiu tão duramente e ficou tão bravo quando ele resolveu se tornar um monge? Seu pai respondeu em frente de todos os doutores, magistrados e convidados, questionando se eles não conheciam as Escrituras, que mandavam os filhos honrar pai e mãe? E como os outros na mesa começaram a debater com ele, Hans disse aquilo que pode ser considerado uma maldição: “Deus queira que não tenha sido uma aparição demoníaca”, se referindo à tempestade na estrada de Erfurt que ele chama de estrada de Damasco do Martinho.

Martinho foi julgado de volta nesta sua primeira missa, e no conflito com seu pai, durante o banquete preparado para os convidados, às suas lutas pueris, a respeito de sua submissão em relação ao seu pai, e também sua identificação com ele. Esta regressão e esta personalização de seus conflitos custaram-lhe a crença na maneira da vida monástica, e a crença a seus superiores, que durante este primeiro ano, tinham sido um apoio. Ele estava sozinho também no mosteiro, e logo seu comportamento seria crescentemente incompreendido.

Mais tarde quando Lutero se tornou seu melhor e seu pior advogado, ele escreveu alguns tratados magníficos nos quais, respirava um novo espírito, um novo matrimônio. Com

---

<sup>184</sup> ERIKSON, Erik H. Young Man Luther, página 144.

polêmicas ele empurrava para o lado, os antigos fatos e teorias mais do que resolve-las.<sup>185</sup>

Em que tarefa acadêmica se ocupou Martinho após a sua ordenação? Cria-se até pouco tempo que toda a sua ocupação havia sido do estudo da teologia, iniciado talvez em 1506. Porém pelo menos durante os anos de 1507 e 1508 a sua principal tarefa foi os ensinamentos de filosofia. É certo que, ele dedicou-se à leitura das obras de Santo Agostinho e dos escolásticos; e aos estudos das Escrituras.

“Parece inteiramente provável que a vida de Martin às vezes aproximava-se daquilo que hoje em dia poderíamos chamar de um estado psicótico *borderline* em um jovem com adolescência prolongada com conflitos infantis re-despertados.”<sup>186</sup> O que vem a ser uma personalidade *borderline*, uma personalidade fronteira? Os pacientes *borderline* situam-se no limite entre a neurose e psicose, e caracterizam-se por afeto, humor, comportamento, relações objetais e auto-imagem extraordinariamente instáveis. Eles quase sempre parecem em estado de crise. As oscilações de humor são comuns. Eles podem mostrar-se briguentos num momento, em outro deprimidos, e em outro não sentir coisa alguma. Os *borderlines* não suportam a solidão, e preferem uma busca desenfreada por companhia. Repetidamente queixam-se de sentimentos crônicos de vazio, tédio, de falta de um senso de identidade consistente e, quando pressionados, do quanto sentem-se deprimidos a maior parte do tempo, a despeito da aparente exuberância de seus afetos. Eles têm habilidades extraordinárias para o raciocínio. (KAPLAN, 1990).<sup>187</sup>

Foram criadas representações de ambos os lados a respeito da personalidade de Martinho Lutero. Poder-se-ia dizer que ele tinha alguns traços de um *borderline*. Mas profissionais da área de saúde mental, dizem da dificuldade de se diagnosticar os pacientes *borderline*. Portanto, quando Erikson coloca que ele às vezes aproximava-se deste estado psicótico, ele pode estar equivocado. Olhando para as características desta personalidade, identificamos algumas em Martinho. Ele parecia sempre estar em crise, sim,

---

<sup>185</sup> ERIKSON, Erik H. Young Man Luther, página 146.

<sup>186</sup> *Ibidem*, página 148.

<sup>187</sup> KAPLAN, Haroldo I. Compêndio de Psiquiatria. Página 462.

mas em relação ao estado de sua alma, antes da vivência da torre. Foi necessário ele ser briguento em alguns momentos. O período de vida dele, exigia esta característica, pois ele foi chamado para fazer uma reforma, e tinha que defender suas idéias, em um tempo, que ele estava com uma ameaça real de morte. Se o borderline não suporta solidão, o mosteiro foi lugar errado para ele buscar refúgio. Ele não possuía esta característica, pelo menos quando jovem. Ele passou no mosteiro por muitos momentos de solidão em sua cela, somente na companhia de seus livros em meditação.

Ele foi etapa por etapa sendo elevado nas posições de responsabilidade no sacerdócio, comando e cátedra. Quando ele se tornou o reformador, ele já não era um simples monge, mas um prior, um vigário distrital que administrava onze mosteiros, e professor de teologia. Isto fala a favor da sua saúde mental e intelectual que ele pode preencher todos os requisitos necessários para ascender em sua carreira monástica. Pelo menos por mais de uma década, as preocupações fanáticas consigo mesmo ficaram em segundo plano.

Ao mesmo tempo, um sistema teológico de auto-afirmação crescente foi fundado em cima de fragmentos de mudanças de ânimo e pensamentos intuitivos, que mais tarde achavam o seu clímax, assim como sua unificação conceitual na famosa, “vivência da torre”. [...] No mosteiro todos os três fatores – seu senso de identidade, seu potencial para intimidade, e a descoberta de suas forças generativas – eram obstinadamente engajadas na luta de vida ou morte para este sentido da total justificação, os quais, ambos, o pai e o Pai lhe negaram, e sem a qual o *homo religiosus* não tinha identidade nenhuma.<sup>188</sup>

Apesar dos tradutores terem traduzido o termo *Turmerlebnis*<sup>189</sup> como “Experiência da Torre”, conversando com o Dr. Gilberto Francisco Loibel, catedrático em matemática da USP, e de origem alemã, ele disse que esta palavra seria mais bem traduzida por “Vivência da Torre”. Vivência é um termo que, expressa melhor o que realmente aconteceu naquela torre.

<sup>188</sup> ERIKSON, Erik H. Young Man Luther, página 149.

<sup>189</sup> A “*Turmerlebnis*” de Lutero é chamada assim porque aconteceu na torre da Abóbada Preta do claustro em Wittemberg (depois a casa de Lutero) em uma data indeterminada entre 1508 e 1518. Este relatório de uma conversação a mesa também indica a descoberta da explicação de Lutero do que aconteceu em um quarto aquecido (hypocaustum) que uma variante (Nº 3232 a) chama “o lugar secreto dos monges” e outras variantes (Nº 3232 b, cf. também Nº 1681 em WA, TR 2) parece chamá-lo de latrina (cloaca). Aqui o significado do cl. Foi assunto de debate, alguns discutem que significa “cela” ou “escritório ou cabido” em lugar de cloaca.

Pesch, na narração autobiográfica a respeito, a de 1545 conhecida como o grande autotestemunho sobre o *Turmerlebnis*, a respeito do sentido teológico de Romanos 1.17 sobre a justiça de Deus no comentário do *De spiritu et littera*, de Santo Agostinho, nada precisa sobre a genesis de tal achado hermenêutico no reformador. Lutero afirma ter encontrado ali, nos escritos de Santo Agostinho, a justiça imputativa de Cristo, que haverá de constituir o miolo doutrinal de sua teologia da justificação pela fé (1961 apud MONTES, 1987).<sup>190</sup>

Nas *Tischreden* Lutero pronunciou estas palavras a respeito da *Turmerlebnis* que foram transcritas entre os dias 9 de junho a 21 de julho de:

As palavras 'íntegro' e 'retidão de Deus' golpeou minha consciência como um raio. Quando eu as ouvi estava excessivamente apavorado. Se Deus é íntegro [eu pensei], ele tem que castigar. Mas quando pela graça de Deus eu ponderei em cima destas palavras, na torre e quarto aquecido deste edifício. 'O justo viverá por fé' [Romanos 1.17] e 'a retidão de Deus' [Romanos 3.21], eu logo cheguei a conclusão que se nós como íntegros, deveríamos viver da fé e se a retidão de Deus deveria contribuir para a salvação de todos os que crêem, então a salvação não será nosso mérito mas a clemência de Deus. Meu espírito se alegrou assim. Pois está que pela retidão de Deus estamos justificados e salvos por Cristo. Estas palavras [que antes me terrificava] agora se tornaram mais agradáveis a mim. O Espírito Santo desvendou a Bíblia para mim nesta torre.<sup>191</sup>

Para Erikson, seria difícil fazer uma descrição de Martinho dos anos médios do monastério como sendo um grande jovem homem, apesar dos biógrafos protestantes descrevê-lo. Seria mais fácil falar dele como um jovem doente que mais tarde, superou seus problemas e pôde se tornar um grande homem. Martinho foi um grande jovem com suas doenças. Até que ponto a humanidade suporta seus grandes homens com doenças e algumas coisas mais?

"Nenhum curso de treinamento inventado especificamente para intensificar tensão neurótica num jovem como Martinho poderia ser mais efetivo do que o treinamento monástico do seu tempo."<sup>192</sup> Mais tarde Lutero citou que ele viu outros se tornarem insanos e que ele sentia que isto poderia acontecer

<sup>190</sup> MONTES, Adolfo Gonzalez. Reforma Luterana y tradición católica. Pagina 172.

<sup>191</sup> TAPPERT, Theodore G. LUTHER'S WORKS, Volume 54, Table Talk. N° 3232 c, Pages 193, 194.

<sup>192</sup> ERIKSON, Erik H. Young Man Luther, página 150.

com ele também. Qualquer doutrinação que poderia ser chamada também de lavagem cerebral abrange perigos que destroem alguns e levam outros a transcendência suprema.

Como método radical de cura somente pode se dizer que a psicanálise, somente ajuda aqueles que são suficientemente bons para tolerar o método e suficientemente inteligentes para ganhar com ele a sina e abaixo dos sintomas de cura. Como uma experiência intelectual, porém, ele é como semelhante a outros métodos ascéticos em levantar especificamente e dando acesso a certos recantos da mente que de outra maneira estão totalmente removidos do nosso domínio consciente.<sup>193</sup>

Quem é analisável? O Simpósio de Copenhague mostrou uma tendência geral a estreitar as indicações do tratamento psicanalítico, que tomou forma mais definida neste conceito de analisabilidade, que foi introduzido por Elizabet R. Zetzel, uma das representantes mais aprovadas na psicologia do ego. Ela fez uma longa investigação sobre a transferência e a aliança de terapêutica. O seu ponto de partida é que as relações de objeto se estabelecem antes da situação edípica e são de natureza diádica, pois na etapa pré-edípica do desenvolvimento a criança estabelece uma relação de objeto bi-pessoal com a mãe e com o pai, que são independentes entre si. Para Zetzel, a neurose de transferência reproduz o Complexo de Édipo, enquanto que a aliança terapêutica é pré-genital e diádica. O estabelecimento de uma firme relação de natureza diádica com a mãe e o pai independentemente cria as condições para estruturar e, no melhor dos casos, resolver a situação edípica, sobre a base da confiança básica de Erikson, já que equivale a possibilidade de assinalar a realidade externa da interna. Essa aptidão de discernimento é acompanhada de uma tolerância aceitável frente à angústia e à repressão do complexo de Édipo, abrindo-se assim a possibilidade de abdicar dele e superá-lo. As pessoas que não puderem cumprir essa caminhada decisiva do desenvolvimento serão consideradas inaptas para passar pelo processo de análise.

Tomemos, por exemplo, o problema da tristeza de Martinho. Certo tipo e grau de *tristitia* são quase que uma exigência para o monge; alguns indivíduos eram mais inclinados a *tristitia*, outros medos, e por esta boa razão

---

<sup>193</sup> *Ibidem*, página 153.

era necessário uma atitude disciplinada e compartilhada.<sup>194</sup> Esta disciplina significa que ele não deve deixar de estar atento aos fatos que o leva a tristeza, e deve fazer uma reflexão a respeito do que o deixa melancólico. Ele, portanto tinha que desenvolver uma auto observação metódica através da meditação e confissão. Ele deveria cultivar uma suspeita sistemática dos motivos que pudesse levá-lo a pecar, sem ser demasiadamente escrupuloso ou masoquista, buscando uma auto-condenação.

Alguns jovens extraordinários, que se enjaularam em algum canto ordinário da vida como Martinho o fez no mosteiro, e que se envolveram em barricadas compensações compulsivas massivas, somente podem escapar de sua prisão fortificada tornando-se aparentemente muito pequenos e muito escorregadios.<sup>195</sup>

Um devotamento severo pode desenvolver junto com uma neurose mista composta de fragmentos de neuroses, que pode chegar a fronteira da psicose. E assim Martinho começou a incomodar os seus preceptores. Ele tornou-se susceptível aquela união de irritabilidade e hipersensibilidade da consciência que conduz a difusão de identidade. A confissão era um exemplo disto. Ele era tão meticuloso na tentativa de ser verdadeiro que ele tinha capacidade de detalhar cada intenção, cada ato. Ele relatava tentações em seqüência histórica, iniciando na sua infância; e após ter confessado por horas a fio, ele pedia uma nova audiência para corrigir afirmações anteriores.

Este comportamento fez com que seu preceptor o ameaçasse de puni-lo por obstrução a confissão, pois ele estava sendo extremamente compulsivo e pelo menos inconscientemente rebelde. Métodos de suporte existiam para ajudar o monge que estava confessando. Por exemplo, confessando transgressões na ordem dos cinco sentidos, em primeiro lugar. E depois na ordem dos sete pecados mortais. E depois pelos dez mandamentos. Uma pessoa sincera depois de passar por esta lista tão vasta de possíveis transgressões teria muito pouco que dizer, e poderia se sentir aliviado. Mas Martinho ao contrário continuava com sua alma em tormento.

Uma vez o seu superior Staupitz zombou dele em uma carta dizendo que Cristo não estava interessado em tais ninharias, e que ele deveria tratar de

---

<sup>194</sup> ERIKSON, Erik H. Young Man Luther, página 153.

<sup>195</sup> *Ibidem*, página 155.

ter algum adultério suculento, ou um assassinato para confessar, talvez o assassinato de seus pais.

## **II.6. O Significado de Significar: o sentido que Lutero deu à sua vida.**

No mês de novembro de 1510, ele partiu a pé para Roma acompanhado de outro frei, de quem se desconhece o nome e o convento. Segundo Brecht, o motivo oficial da viagem parece que foi o fortalecimento dos conventos dos ermitãos agostinianos que desejavam uma reforma séria. O convento de Erfurt era um dos pioneiros do movimento. Tanto Staupitz, em qualidade de vigário geral dos conventos reformados da província da Saxônia, como Lutero, eram partidários do mesmo. O que Lutero fora designado para levar a cabo desta missão mostra que, apesar de sua juventude – 27 anos – era considerado como uma das personalidades mais relevantes do seu convento. Sem dúvida, para ele pessoalmente, a viagem foi sobretudo uma peregrinação a cidade eterna (1993).<sup>196</sup>

Ele e o seu companheiro completaram os deveres de extensão universitária dentro de um curto tempo e tirou proveito da viagem para fazer uma confissão geral no natural centro da Cristandade. Primeiro ele contemplou a cidade, como todos os viajantes e peregrinos faziam; e chegou no mosteiro da ordem de seu anfitrião.

Por um lado, no entanto, Martinho diferia da maioria dos viajantes. Embora aceitasse a maioria da viagem com pensamento sóbrio, ele chegou certo das visões de rotina com o fervor do mais desesperado dos peregrinos. Sua tentativa de se devotar, em seu tempo livre, a algumas práticas altamente apreciadas em Roma, parece indicar um último esforço de sua parte para acalmar seu desassossego interior com fervor cerimonial, pelo resultado dos trabalhos.<sup>197</sup>

Com relação ao resplendor renascentista, Roma ainda não refletia muito dele. Algumas alamedas que haviam sido delineadas estavam parcialmente começadas; e alguns palácios haviam sido concebidos para acomodar a Renascença que estava de mudança para Roma. Nesta mesma

---

<sup>196</sup> BRECHT, Martin. Martin Luther: His Road To Reformation. Pages 104,105.

<sup>197</sup> ERIKSON, Erik H. Young Man Luther, página 172.



época Michelangelo estava trabalhando no teto da Capela Sistina e Rafael estava ornamentando as paredes das câmaras do Papa.

“Em sua ansiedade provinciana para absorver as possibilidades espirituais de Roma, Martinho visitou as sete igrejas, jejuando o dia todo, a fim de estar pronto para a comunhão na Igreja de São Pedro, a última e mais importante.”<sup>198</sup> Ele viu com espanto que os corpos de São Pedro e São Paulo haviam sido divididos e pesados para impedir a injustiça para com as igrejas que estavam hospedando as outras metades. Alguns santos após suas mortes e partidas de suas almas, haviam sido cozidos para preparar seus ossos para serem oferecidos em leilões rentáveis. Com estas e outras relíquias, as várias igrejas mantinham uma feira permanente, onde se poderia contemplar até uma pegada de Jesus, ou uma das moedas de prata de Judas Iscariotes.

É fácil dizer que as relíquias eram somente para as pessoas e que os intelectuais da igreja trabalharam duro para reconciliar fé e razão. Lutero foi e sempre será uma dessas pessoas; e como homens extremamente inteligentes de qualquer idade que não desafiam a propaganda de seus governos ou os anúncios do sistema econômico, Martinho acostumara-se ao pior tipo de mercantilismo.<sup>199</sup>

Pode até ser que neste momento, no ano de 1510, ele não tenha desafiado o sistema, o status quo, mas como o próprio Erikson coloca, sendo ele extremamente inteligente, e já estudando as Escrituras, é impossível que ele observasse tudo isto, e não deixasse de fazer questionamentos, apesar dele ter percorrido todas as Igrejas de Roma.

Lutero ignorou a Renascença e nunca fez alusão a propriedade estética das estátuas, pinturas, pintores ou escritores. Se ele não atentou para a renascença, isto não denota que ele não era um homem da renascença. Erasmo também foi em Roma um ano antes dele, e havia conseguido acesso as câmaras papais, e nunca mencionou Michelangelo ou Rafael.

*O Bem Absoluto* de Platão, o mundo das idéias puras era por pensar as pessoas como as mais fortes e antagonistas idéias de um deus pessoal; seu pólo era o do Mal Absoluto, o mundo de aparências especiais e envolvimento mundanos. O

<sup>198</sup> ERIKSON, Erik H. Young Man Luther, página 173.

<sup>199</sup> ERIKSON, Erik H. Young Man Luther, página 174.

cristianismo se defendia, à medida que ele as absorvia, contra o Platonismo e o Aristotelismo, assim, questões de relativa maior identidade e de iniciativa diferencial dos dois mundos tornou-se dominante.<sup>200</sup>

A revolução da apreensão do pensamento aristotélico de ciência e realidade, que ocorreu na compreensão de Lutero da fé e da teologia, comporta uma apreciação radical à compreensão aristotélica de Deus. Decisivo para Aristóteles é o argumento de Platão de que o fato de alguém se tornar diferente, pior, menor do que presentemente é representaria uma diminuição do ser. A atividade particular de Deus, no entanto, consistiria em admirar a si mesmo e refletir a si mesmo. Sobre isto Lutero falou: “O proto-ser vê [apenas] a si mesmo. Se pudesse olhar para fora de si mesmo, veria a miséria do mundo. Nesse ponto, ele [Aristóteles] nega Deus tacitamente.”<sup>201</sup> O Deus aristotélico admira apenas a si mesmo em sua perfeição e objetividade; ele não se comparte nem se oferece. Ele não ama e por isso tampouco sofre. Ele não se submete ao tempo e a mudança. Ele não é histórico.

“A vida religiosa intelectual para qual Lutero havia sido exposto na Faculdade e no Monastério foi estimulada por três ismos não é grande antítese do realismo e nominalismo e misticismo religioso.”<sup>202</sup>

A filosofia aprendida nos cursos universitários era fundamentalmente a de Aristóteles. Desde o princípio do século XIV o aristotelismo era ensinado segundo as diversas interpretações ou tendências escolásticas. Três eram as mais autorizadas e comuns: a via dos tomistas, a via dos escotistas e a via dos nominalistas. Na Universidade de Erfurt triunfava a terceira via que recebeu o apelido de moderna, e seguia como pensador a Guilherme de Ockam. O nominalismo occamista modelou o pensamento juvenil de Lutero. A discussão de Lutero com Jodokus Trutfetter<sup>203</sup> em 1518, documentada em cartas, mostra que é necessário cautela na utilização do nominalismo de Erfurt para explicar tudo. Apesar de testemunhar ao seu professor ter aprendido primeiro dele que só aos livros canônicos se deve fé, Lutero se distancia rigorosamente dele, o

---

<sup>200</sup> *Ibidem*, páginas 182 e 183.

<sup>201</sup> LUTERO, Martinho. WA TR 1,57, 44s. (n. 135; 1531).

<sup>202</sup> ERIKSON, Erik H. Young Man Luther, página 187.

<sup>203</sup> Professor de Lutero em Erfurt.

*princeps dialecticorum*,<sup>204</sup> para o qual ele próprio aparenta não ser uma pessoa versada em lógica. Lutero diria a ele que talvez não fosse mesmo<sup>205</sup>, mas que ele contra entre aqueles que se submeteram a Aristóteles e que por isso não podem entender um só capítulo da Bíblia.

No debate de Lutero com a filosofia predominante de sua época, seu interesse particular está em abrir para a teologia a genuína compreensão das Escrituras Sagradas, atravancada pela nomenclatura e pelo ponto de vista aristotélico.

Quando se lê o jovem Lutero, se espera que na página seguinte apareça confirmada sua adesão clara a mística. Lutero se entusiasmou com Johannes Tauler e sua *Theologia Deutsch*,<sup>206</sup>. Lutero não leu Tauler e sua Teologia Alemã como testemunho da mística, mas como exemplo contundente de uma teologia vívida e viva. Tauler foi para ele a orientação na procura da vida no mundo pela fé. A pessoa decisiva foi Johannes von Staupitz. Ele precedeu ao jovem homem e frei no caminho para a fé. Lutero é mais investigador; Staupitz mais pastor e pregador; ambos se uniram na tarefa da docência e o anúncio da palavra. E quais as diferenças existentes entre eles? Lutero é filho de artesãos e burgueses; Staupitz procede de família nobre, não só foi o superior de Lutero, como também era quinze anos mais velho que ele (OBERMAN, 1982).<sup>207</sup>

Neste dogma o realismo tomou a forma na qual, Lutero finalmente lutou contra as indulgências de dinheiro e loucura as quais eram supostas a afetar a condição de uma alma instantaneamente no purgatório – de maneira que uma moeda poderia ser imediatamente ouvida à medida que caia na caixa do coletor.<sup>208</sup>

Desde o século VI, as punições eclesiásticas podiam ser pagas com esmolas e legados cedidos por razões de caridade. Na época das Cruzadas, a Indulgência era concedida a todos que tomassem a cruz e partissem para a Terra Santa. Mas foram os papas contemporâneos de Lutero, Júlio II e Leão X, que mais recorreram às Indulgências a fim de obter dinheiro, e por meio deste

<sup>204</sup> Príncipe, o primeiro dos dialéticos.

<sup>205</sup> LUTERO, Martinho. WA 1,170, nº74, 38-40 (9.5.1518).

<sup>206</sup> Publicada por este em versão incompleta no ano de 1516 e em versão completa em 1518.

<sup>207</sup> OBERMAN, Heiko A. Lutero, un hombre entre Dios y el Diablo. Páginas 218, 219.

<sup>208</sup> ERIKSON, Erik H. Young Man Luther, página 188.

subterfúgio recolheram somas fabulosas na Alemanha. Qual era o princípio das indulgências: a igreja alegava possuir um tesouro de méritos proveniente das boas obras de Cristo e dos santos, e o papa, como chefe da igreja e representante do Filho de Deus, podia dispor destas riquezas. A responsabilidade era confiada ao vendedor das indulgências, o qual exigia do penitente o arrependimento e a mortificação interior. O dinheiro, a princípio apenas livrava o penitente dos castigos infligidos pelo confessor. Aos poucos, no entanto, o arrependimento foi esquecido. O vendedor de indulgências, passou a insistir cada vez mais na necessidade da contribuição com dinheiro. Prometia-se perdão absoluto dos pecados aos que trouxessem ofertas, com a condição de se haverem confessado e experimentado arrependimento.

Concluindo as 95 teses referentes à questão das indulgências expressa, em relação a esse tema, o que mais scandalizou Lutero na teologia escolástica em geral:

Fora, pois com todos esses profetas que dizem ao povo de Cristo: "Paz, paz!" sem que haja paz! [...] Que prosperem todos os profetas que dizem ao povo de Cristo: "Cruz! Cruz!" sem que haja cruz! [...] devem-se exortar os cristãos a que se esforcem por seguir a Cristo, seu cabeça, através de penas, da morte e do inferno; [...] e, assim, a que confiem que entrarão no céu antes através de muitas tribulações do que pela segurança da falsa paz.<sup>209</sup>

Vilanova<sup>210</sup> vai dizer que Lutero é um homem de seu tempo. O homem pertence a sua tradição de um modo muito mais decisivo do que se pode pensar nos momentos de ruptura e que também o homem é filho de seu tempo de um modo muito mais agudo do que ele está disposto a crer, quando se considera baluartes de uma determinada ordem estabelecida. O pensamento de Lutero não pode ser entendido nem à margem de umas continuidades, nem a margem das mudanças. Que o homem é fruto de seu tempo é inegável. Por mais que ele se isole, ele não pode se distanciar de tudo. Ele sempre vai espelhar a sociedade em que ele está inserido. Mas aqueles que se tornam grandes como foi o caso de Lutero, e tantos outros,

---

<sup>209</sup> LUTERO, Martinho. Obras Seleccionadas, Volume 1. Página 29.

<sup>210</sup> Monge beneditino de Montserrat e professor na Faculdade de Teologia de Barcelona (Espanha).

invadem os séculos com o seu pensamento provocando ainda mudanças, e fazendo a humanidade refletir.

O occamismo foi rapidamente ideologizado em uma época quando o império da fé estava começando a ruir em entidades por demais concretas, por demais humanas. Um Deus que as pessoas se aproximavam como um pai distante, uma igreja que se tornara um estado, e um papa que era um príncipe guerreiro. Padres que haviam perdido seu próprio respeito e falharam em inspirá-lo nas outras pessoas, e assim tornaram-se mais desprezíveis.

Gerson,<sup>211</sup> o famoso occamista francês, que foi um dos autores favoritos de Lutero e cujos escritos pastorais que eram leitura obrigatória para os padres estudantes, até mesmo sugeriu que poder-se-ia esperar de Deus não ser tão irracional em Suas decisões no dia do julgamento.<sup>212</sup>

Em suas cartas de mesa ele diria o seguinte a respeito de Gerson: somente Gerson escreveu sobre as tentações espirituais; todos os demais sentiram as corporais. Jerônimo, Agostinho, Ambrósio, Bernardo, Escoto, Tomás, Ockam, nenhum deles sentiu; somente Gerson escreveu sobre a pusilanimidade do espírito. Guilherme Parisiense escreveu algo sobre esta tentação. Só Gerson é apto para tranqüilizar as consciências; e chegou a dizer: 'nem todos os pecados são mortais; fazer algo contra um preceito do papa, não vestir o escapulário, não rezar nas horas, isso não é coisa tão grave'. Assim atenuando, a lei, livrou a muitos do desespero. Foi Gerson um homem excelente e não era monge, mas não aspirou a consolar as consciências por meio de Cristo e de suas promessas. Contentou-se em abrandar a lei dizendo que nem tudo tem que ser pecado grave (1532, apud GARCIA-VILLOSLADA).<sup>213</sup>

O Cristianismo latino na época de Martinho tendia a prometer a liberdade do corpo ao preço do poder absoluto de uma consciência externa negativa: negativa no que era baseada no sentido do pecado, externa no que era definida e redefinida por uma agência punitiva o qual por si só estava consciente da racionalidade da moralidade e das conseqüências da

---

<sup>211</sup> João Gerson (1363-1429), professor na Sorbonne em Paris, escreveu vários trabalhos sobre a autoridade papal durante o grande cisma no papado.

<sup>212</sup> ERIKSON, Erik H. Young Man Luther, página 190.

<sup>213</sup> GARCIA-VILLOSLADA, Ricardo. Martín Lutero, Volume I. página 210, citando as Conversas á Mesa de Lutero, nº 1331, II pág. 64-65.

desobediência. A Renascença deu ao homem férias de sua consciência negativa, assim liberando o ego para reunir forças para múltiplas atividades.<sup>214</sup>

Não se pode negar que a Renascença foi por excelência a revolução do ego. Foi uma restauração em larga escala das funções executivas do ego, pois por intermédio do uso dos sentidos, o homem pode vislumbrar tudo ao seu redor, a nível de artes. A restauração da vaidade do ego sobre a rigidez do superego, também estabelecia uma Utopia ideológica.

Nietzsche se orgulhava de ser o porta-voz tardio da Renascença. Erroneamente ele interpretou mal a viagem que Lutero empreendeu por Roma, e acreditou que suas 95 teses, foi uma manifestação de revolta contra o movimento Renascentista.

Nietzsche sentiu que Lutero forçara a Igreja a defensiva ao invés, ele havia feito com que ela desenvolvesse o dogma reformado, uma mediocridade com valor de sobrevivência. Erasmo, também quatrocentos e cinquenta anos antes de Nietzsche culpava Lutero pela ruína do sonho humanista. É verdade que Lutero era completamente cego ao esplendor visual e a delicadeza sensual da Renascença, da mesma maneira que ele suspeitava furiosamente da intelectualidade de Erasmo "Du bist nicht froman", ele escreveu para ele.<sup>215</sup>

Lutero ocupou o palco da história como um homem da Renascença, pois se deve pensar que a Renascença não apenas exaltava pintores, inventores, escultores, mas ele como escritor, chegou a ser comparado com Shakespeare em sua grandeza. A Renascença criou um amplo caminho para o indivíduo nas artes e ciências. Ela liberou o visualizador, o falante, o acadêmico e o construtor, sem instituir um jeito genuinamente pujante e novo de vida ou de moralidade aplicável. O grande progresso na pintura, na verbalização e construção. Psicologicamente falando, o homem Renascentista continha em si as mesmas incongruências que atormentam a todos os mortais.

A pregação de Martinho e sua carreira começaram em Wittenberg. Primeiro ele pregou para seus companheiros monges. Depois esta pregação foi estendida para além dos muros do mosteiro. Ele se tornou pastor da Igreja de Santa Maria. Como professor, ele ministrava palestra tanto para os monges

---

<sup>214</sup> ERIKSON, Erik H. Young Man Luther, página 193.

<sup>215</sup> ERIKSON, Erik H. Young Man Luther, página 193.

que se matriculavam nos cursos avançados, como para os estudantes da universidade. “Lutero o pregador era um homem diferente do monge Martinho. Sua postura era máscula e ereta, sua fala vagarosa e distinta. Este Lutero do início não era de modo algum um atarracado, obeso de face arredondada que tornara-se em seus últimos anos.”<sup>216</sup> Havia uma amplitude de conflito a respeito de sua face que bem poderia impressionar um médico com relação a uma personalidade obsessiva, de um homem muito dotado, astuto e grosseiro que possivelmente poderia ser alvo de estados de medo ou raiva.

Como pregador e palestrante, Lutero combinava o domínio das citações de um mundo de literatura com uma sinceridade teológica onipresente. Seu próprio estilo desenvolvido vagarosamente a partir da preocupação humanista com fontes, o amor escolástico das definições, e o legado medieval da (para nós atroz) alegoria. Ele quase nunca se tornava irreal. Na realidade, ele foi logo conhecido por uma falta de gentileza e uma franqueza coloquial o qual era excessiva para seus colegas humanistas, que gostavam de chocar os outros de modo mais sofisticado: mas Lutero, Deus me livre!<sup>217</sup>

A obra de Lutero visava a palavra. Estar ocupado apenas com a palavra pode parecer uma atividade cômoda, mas no caso de Lutero esse trabalho se acumulou em proporções inimagináveis. Já no ano de 1516 um ano antes da irrupção da grande e turbulenta luta, ele escreveu a um confrade amigo dizendo que estava totalmente sobrecarregado: seria extremamente necessário que eu tivesse dois secretários ou escreventes. O dia todo não faço outra coisa senão escrever cartas. Sou pregador do convento e pregado à mesa; todos os dias sou chamado para pregar na igreja matriz. Sou coordenador de curso, vigário da Ordem, isto é responsável por 11 mosteiros. Dou aulas sobre Paulo e estou reunindo material para uma preleção sobre Salmos. Acresce-se a isso as cartas que tenho que escrever que, ocupam a maior parte do meu tempo. É raro ter tempo suficiente para as horas canônicas e celebrações, para não falar das lutas e aflições pessoais com a concupiscência, o mundo e o diabo (1516, apud EBELING, 1988).<sup>218</sup>

---

<sup>216</sup> *Ibidem*, página 196.

<sup>217</sup> ERIKSON, Erik H. Young Man Luther, página 197.

<sup>218</sup> EBELING, Gerhard. O Pensamento de Lutero. Pág. 34, citando Lutero WA 1,72, nº 28, 4-13.

Em 1517, transformou-o em um personagem nacional. Nesta época, ele tinha a seu comando a recém criada maquinaria de comunicação. Dentro de dez anos, trinta tipografias que publicavam seus sermões, em doze cidades tão logo quanto ele ou os devotados jornalistas ao seu redor podiam pegar os manuscritos e transcrevê-los. Ele tornou-se um pregador popular, especialmente para os estudantes, e um pregador de gala para os príncipes e os nobres.<sup>219</sup>

A ruptura de Lutero foi provocada externamente pelo sacramento da penitência. Na Igreja Romana tem dois sacramentos principais: a Ceia do Senhor, e o sacramento da penitência, de caráter subjetivo, relacionado com o indivíduo. Esse sacramento poderia ser chamado sacramento da subjetividade em contraste com a missa, que era preeminentemente objetiva. A vida religiosa na Idade Média movimenta-se sobre esses dois pólos. Abusos que eram praticados em relação a esses sacramentos, principalmente o da penitência, levou Lutero a repensar este sacramento. E chegou à conclusões completamente contrárias às da Igreja Romana. Suas críticas levaram-no não apenas aos abusos, mas à sua origem no âmbito doutrinário. E por isso Lutero afixou suas noventa e cinco teses na porta da Igreja de Wittenberg. A primeira delas tornou-se uma fórmula clássica do cristianismo reformado: “Nosso Senhor e Mestre, Jesus Cristo, ao dizer ‘arrependei-vos’, desejou que a vida inteira dos fiéis fosse penitência”.

Por trás destas noventa e cinco teses estavam dez anos de sua vida, dez anos de seus esforços heróicos para encontrar a paz. Por trás de suas afirmações de 1517, Lutero se punha por inteiro, de corpo e alma. Se colocava a um homem, e a um homem ao qual nada no mundo o faria retroceder, porque em seu coração um Deus que lhe dava forças.

O evento final parece estar associado na mente de Lutero com o período anterior de profunda depressão, no qual ele novamente previra uma morte precoce. O episódio relatado foi testemunhado com preconceito devido ao seu *lugar* de ocorrência. Lutero se refere à *Secretus locus monachorum, hypocaustum, ou cloaca*; isto é, o lugar secreto dos monges, a câmara de suor, ou banheiro.<sup>220</sup>

---

<sup>219</sup> ERIKSON, Erik H. Young Man Luther, página 198.

<sup>220</sup> ERIKSON, Erik H. Young Man Luther, página 204.



Na manhã de sábado de 6 de julho de 1527, Lutero sofreu um ataque de depressão profunda, seguido de transtornos circulatórios tão graves que se sentiu próximo da morte. Seu confessor Johannes Bugenhagen, pároco da cidade, e seu íntimo amigo Justus Jonas recolheram por escrito os antecedentes destes dias e registraram as últimas palavras de Lutero. Que aconteceu de concreto neste dia? Lutero não explicou com muita exatidão o que aconteceu a ele. Ele queria confessar e pedir a absolvição. Expressa o seu desejo de receber no dia seguinte a Ceia Sacramental, e faz sua confissão: minha vida vista pelo lado de fora, parece ser um mar de rosas. Porém Deus conhece minha vida. Muitas vezes tenho tentado servir ao mundo com respeitabilidade e seriedade. Porém Deus não me tem concedido. É certo que o mundo não me pode acusar de crimes públicos. Rogarei a Deus que me conceda não causar moléstias a ninguém com meus pecados (1966, apud OBERMAN, 1982).<sup>221</sup>

Toda a questão geográfica, quanto à localização da revelação recebida, das crises de Lutero, só merecem uma menção especial, porque ela identifica a relevância do momento, para a vida psíquica de Lutero. A localidade mencionada, se realmente foi na cloaca, na latrina da torre, serve para atender a uma necessidade física, particular que esconde sua relevância emocional somente à medida que parece funcionar a contento. Uma das enfermidades que Lutero sofreu durante toda a sua vida foi constipação.

Analisando-o do ponto de vista psicológico, apesar de retentivo, isto em parece não ter interferido em sua capacidade criativa, na sua capacidade para sua produção literária. Por outro lado, esta capacidade retentiva, principalmente nos últimos tempos, fez com ele se tornasse briguento, uma linguagem fecal, como se ele quisesse lembrar a todo momento de suas dificuldades intestinais, enfim um 'enfezado'.

Lutero deixou o céu da ciência e restringiu-se ao que ele poderia saber de seu próprio sofrimento e fé. Aquele que procurara dissipar a nuvem

---

<sup>221</sup> OBERMAN, Heiko A. Lutero, un hombre entre Dios y el Diablo. Págn. 379, citando Dr. Johannes Bugenhagens Briefwechsel, Ed. O. Vogt. Stettin, 1888-99, Gotha 1910 [reimpressão Hildesheim, 1966], 69, 19-70, 4. Esta oração, na versão dada por Jonas, pode ser lida em S. Schulz, Die Gebete Luthers. Edition, Bibliographie und Wirkungsgeschichte, Gütersloh, 1976, num. 47 e 279.

de raiva que obscurecia o rosto do pai e do Pai, agora diz que a vida de Cristo é a face de Deus.

As características dos avanços teológicos de Lutero podem ser comparadas a maturação psicológica que cada homem deve passar: a internalização da relação pai-filho; a cristalização concomitante da consciência; o estabelecimento seguro de uma identidade como trabalhador e homem; e a concomitância da reafirmação da confiança básica.<sup>222</sup>

Deus, ao invés de espreitar na periferia do espaço e tempo, ao invés de ser visto como aquele juiz implacável, agora é visto por ele como aquele que se move dentro do homem. Deus torna-se para ele um Deus mais pessoal, ao invés de ser encarado como uma ameaça. Jesus não é mais aquele que lhe provocava arrepio, mas ele elabora uma teologia da cruz. Ele disse: “No Cristo crucificado é que estão a verdadeira teologia e o verdadeiro conhecimento de Deus.”<sup>223</sup> O teólogo da cruz diz ele, fala do Deus crucificado e oculto.

“As redefinições do trabalho de Lutero têm sido provavelmente mal compreendidas que qualquer outra de suas formulações, exceto, naturalmente, aquelas pertinentes ao sexo. Nessas duas áreas sensíveis, a teoria tem se separado completamente da prática.”<sup>224</sup>

Ao tentar decidir o que um grande homem significara em suas manifestações originais, é sempre bom se deparar contra o que ele estava pregando na época, ou quais afirmações ele refutava, ou quais exageros ele tentava corrigir. Tem uma parte em seu trabalho que ele falou sobre o matrimônio, relacionamento conjugal, que parece ser mantida guarda a sete chaves.

Ele disse que se uma mulher com todo o seu vigor sexual se casasse com um homem impotente sexualmente falando, não podendo contrair núpcias com outro publicamente e também não querendo manchar a honra deste marido impotente com um comportamento execrável, ela deveria dizer ao seu marido, que ele roubou o seu corpo jovem, e por isto colocou a vida dela em risco, além de sua honra e salvação da alma. Aos olhos de Deus não existe

---

<sup>222</sup> ERIKSON, Erik H. Young Man Luther, página 213.

<sup>223</sup> LUTERO, Martinho. Obras Seleccionadas, Volume 1, página 50.

<sup>224</sup> ERIKSON, Erik H. Young Man Luther, página 218.

matrimônio. Que ele conceda permissão a ela para manter relação secreta com o irmão do marido ou qualquer parente mais próximo, para que se preserve o nome do marido, e seus bens não passem para as mãos de estranhos. Ela pedia licença para enganá-lo conscientemente, porque ela foi enganada inconscientemente (LUTERO, 1522).<sup>225</sup>

Lutero sentiu que o Cristianismo de sua época havia esquecido de São Paulo e o Cristianismo de Cristo e haviam se voltado para noções “judias, turcas e pelagianas, particularmente ao colocar bastante ênfase na realização de rituais prescritos.”<sup>226</sup>

Em 1529, a pluma de Lutero se moveu contra a invasão turca e exortou seus compatriotas a defesa do Império. A morte de Zapolya<sup>227</sup> em 1540 nem toda nação húngara reconheceu os direitos de Fernando da Áustria. Em agosto de 1541 atravessou o Danúbio com poderoso exército, derrotando as tropas imperiais, mandadas pelo conde Cristóbal de Roggendorf, e se apresenta em Buda, cuja igreja de Santa Maria foi transformada em mesquita. A Hungria assim passou a ser, uma província do Império turco. Toda a Alemanha tomba contemplando já nos ares o relampejar das cimitarras. No dia 8 de setembro, João Frederico da Saxônia, bem informado pelas notícias que recebe da Polônia e da Hungria, dirige uma carta alarmante para Martinho Lutero, comunicando-lhe a debandada do exército de D. Fernando, e o perigo iminente de toda Alemanha ser invadida, e para evitar isto seria necessário que Lutero mandasse todos os pregadores organizarem preces públicas nas igrejas. Imediatamente, o teólogo de Wittenberg se colocou nesta tarefa, e no final de duas semanas ele escreveu o opúsculo: *Exortação a oração contra os turcos*.<sup>228</sup>

Lutero disse algumas vezes que os judeus tinham muito em comum com os turcos. Os judeus foram atacados por ele entre os anos de 1538 e 1543 em quatro escritos. Longe de seguirem as explicações bíblicas luteranas, seguiam tenazmente as orientações de seus rabinos e blasfemavam de Cristo.

<sup>225</sup> LUTERO, Martinho. Obras Seleccionadas, Volume 5. Páginas 163 e 164.

<sup>226</sup> ERIKSON, Erik H. Young Man Luther, página 219.

<sup>227</sup> Aclamado rei da Hungria em 1526.

<sup>228</sup> Aos párocos da Saxônia lhes mandou uma carta comunicando-lhes a vontade do príncipe e ordenando-lhes tocar os sinos ao meio dia, conclamando todos os fiéis a orarem contra os turcos, e ensinar ao povo depois do sermão o modo de fazer orações; também deviam orar em casa, particularmente as crianças. (WA 53, 558-60).

Quando supôs em 1532 que na Morávia os judeus recrutavam prosélitos entre os cristãos, impondo-lhes a circuncisão e o sábado, seu ódio contra eles se inflamou para nunca mais se extinguir. Em 1536, os apelidava de velhacos, ou desavergonhados, impenitentes, avarentos, difamadores da Virgem, merecedores de serem perseguidos e expulsos do país.

Novamente neste encadeamento psíquico, Lutero, de acordo com sua nova conformação espaço-temporal, ressaltava o espírito no qual uma coisa está acabada desde o princípio, para seu próprio benefício. Ninguém é justo porque trabalha, dizia ele; os trabalhos são justos se o homem é justo.<sup>229</sup> Existe uma verdade psicológica na afirmação de Lutero. Pessoas com ego bem ajustados realizam um bom trabalho se puderem manter o significado do trabalho, o que deve ser feito. O homem nunca vive inteiramente na sua época, mesmo não podendo viver fora dela; às vezes sua identidade se relaciona bem com a ideologia de seu tempo, e às vezes tem que lutar pela sua vida.

A teologia de Lutero contém os problemas pessoais não resolvidos os quais são mais acessíveis a psicanálise do que a própria teologia. Estes problemas não resolvidos tornam-se óbvios mais tarde, quando a repentina mudança de rumo na sua vida coloca em perigo a identidade que ele havia conquistado com suas palestras e como pregador, e ainda mais óbvia quando a crise de meia-idade traz para a tona novamente aquela capacidade interior de auto-repúdio, e aquela intolerância assassina de desobediência a qual nas palestras dos Salmos havia sido relativamente equilibrada – dentro da identidade de Lutero como palestrante.<sup>230</sup>

As primeiras palestras ministradas por Lutero mostram que ele encontrou a cura para suas lutas obcecadas que, ele travou para poder expressar princípios básicos que, ele cria, nos meios religiosos e introspectivos. Somente um homem corretamente simples poderia se iludir em acreditar que a Igreja Romana o deixaria vivo para ele pregar. E esta ilusão não havia terminado quando ele pregou as noventa e cinco teses nas portas da catedral de Wittenberg. Este não foi um gesto desafiador em si, mas uma rotina acadêmica. Lutero cresceu euforicamente dentro desta identidade de Reformador.

---

<sup>229</sup> *Quia Justus, opera justa.*

<sup>230</sup> ERIKSON, Erik H. *Young Man Luther*, página 221.

## 2.7. Fé e ira, no final da existência.

As notas reveladoras e comentários que Lutero anotou durante o início de seus trinta anos, quando ele era apenas um palestrante, um pregador foram de certa maneira enterradas em pilhas de manuscritos. Foram reconhecidas pelo que eram somente por volta dos meados do século XX, por acadêmicos determinados que pesquisavam em bibliotecas reais da Alemanha e do Vaticano. Um paralelo interessante também foi uma descoberta tardia de uma antiga livraria na Alemanha nazista, de cartas de Freud para Fliess<sup>231</sup> que contem a evidência de seu envolvimento intelectual, tanto quanto pessoal na origem de seu pensamento.

“Há um número de visões históricas conflitantes a respeito da importância de Lutero para o grande movimento chamado Reforma.”<sup>232</sup> Estas visões bastante modificadas por falta de uma neutralidade axiológica confirmam sua direção ou sugerem que a sua foi somente um episódio perspicazmente cronometrado na ordem de Wycliffe ou de Huss. Ele é reverenciado como uma voz de inspiração verdadeira, ou modificado em uma ferramenta de conspiração.

A questão da indulgência coloca para operar uma bomba relógio que estava palpitando no coração de Lutero.<sup>233</sup> A Igreja Romana, havia ao longo dos séculos, desenvolvido um sistema de finanças altamente espiritual, tornado palpável no imaginário popular a possibilidade de se acumular um crédito no céu. Alguns santos tinham arrebanhado um crédito de salvação maior do que era necessário, além das necessidades pessoais; a igreja tinha sido incumbida da sua distribuição entre aqueles que mereciam. O Jubileu de 1500 providenciou uma desculpa para uma campanha mundial para ampliar o número de indulgências. O dinheiro arrecadado acabou por ajudar a concluir as obras da Catedral de São Pedro. Segundo o relato de Erikson, Lutero se

---

<sup>231</sup> Wilhelm Fliess nasceu em 1858, e morreu no ano de 1928. Quando ambos se encontraram, no ano de 1887, por intermédio do médico e também grande amigo de Freud, Josef Breuer, ficou claro que uma ligação de amizade unia-os. O pai da psicanálise supunha em Fliess um saber e conhecimento, e assim também pensava Wilhelm sobre Freud. Desse ano até 1904, os dois trocaram correspondências que ficaram famosas pelo caráter histórico para a área psíquica. Nelas, Sigmund conseguiu fazer uma auto-análise, começando a interpretar seus sonhos e narrando confissões que remetiam à sua infância. A partir disso, formula o Complexo de Édipo e logo em seguida, em 1900, lança sua obra-prima: “A Interpretação dos Sonhos”.

<sup>232</sup> ERIKSON, Erik H. Young Man Luther, página 224.

<sup>233</sup> *Ibidem*, página 226.

insurgiu contra este sistema apenas quando esta campanha se fez presente em sua cidade natal.

O seu arcebispo, Albretch von Brandenburg, usou a coleta do jubileu para pagar dívidas pessoais com o consentimento do Papa. Quando Lutero soube das promessas sem fim feitas por Tetzl, um dominicano, ele ficou muito irado. Tetzl muitas vezes havia dispensado a confissão por inteiro, e estava distribuindo cartas seladas de créditos para pecados a serem considerados no futuro. O que era pior, ele estava sugerindo que a aquisição de indulgências pudessem ir para confessores de sua própria escolha. Lutero percebeu a incompatibilidade das indulgências com seus próprios ensinamentos, pregações, hábitos e imagens do monastério, enfim a organização que ele representava. A capacidade explosiva de Lutero entrou em ação e ele respondeu imediatamente publicando as noventa e cinco teses.

Cada uma de suas palavras levava os seus compatriotas aos feitos; cada um de seus feitos o fazia reafirmar: “pela Palavra o mundo foi conquistado, pela Palavra a Igreja foi salva, pela Palavra será novamente colocada em ordem, e o Anticristo... irá cair sem violência.”<sup>234</sup>

A ocasião de sua oratória mais decisiva é o momento mais famoso de sua vida, foi o momento que ele compareceu ante a Dieta de Worms. Lutero foi avisado por seus amigos para não comparecer, pois eles temiam pelo resultado desta reunião em relação à vida de Lutero. Em Worms Lutero encarou exclusão e a morte. Não importa o que acontecesse depois e algumas coisas terríveis e sem importância ocorreram, a ênfase de Lutero na consciência individual preparou caminho para uma série de conceitos de igualdade e liberdade. O novo Imperador, com somente 21 anos de idade, reafirmou a identidade dele dizendo: “Eu sou descendente de uma linhagem de imperadores Cristãos... um único frei que vai contra toda a Cristandade de mais de mil anos deve estar errado... não terei mais nada a ver com ele.” (1930, apud ERIKSON, 1958).<sup>235</sup> Ele impôs uma proibição a Lutero, mas o Eleitor arquitetou um plano dele ser seqüestrado e encaminhado a um esconderijo

---

<sup>234</sup> ERIKSON, Erik H. Young Man Luther, página 230.

<sup>235</sup> *Ibidem*, Página 231, citando Roland Herbert Bainton em sua obra, Here I Stand, New York, Abingdon-Cokesbury Press, 1930, Página 186.

secreto em Wartburg, somente a uma milha da cidade de Eisenach, e dos Cottas, família que o tinha em tão alta estima e que, estaria disposta a ajudá-lo.

De 1517 a 1521, como se pode observar no anexo 1, Tábua cronológica, são tantos os detalhes, no transcurso dramático de sua vida, que será apontado aqui apenas algumas particularidades que ilustram a dramaticidade deste momento para a vida de Lutero. Como por exemplo, o interrogatório pelo Cardeal Caetano<sup>236</sup> em Augsburg em 1518, o debate com João Eck<sup>237</sup> em Leipzig, em 1519, a queima da bula de excomunhão em 1520, a apresentação diante da Dieta de Worms em 1521.

Em tudo isto, não se desdobrava apenas pura e simplesmente um processo uma vez desencadeado. O desenrolar das coisas dependia da palavra daquele que tudo irrompeu, que mesmo seu o querer, havia desafiado o mundo de então. Tivesse ele se voltado atrás em Augsburg, tivesse sido mais cauteloso em Leipzig, não tivesse ele feito uma fogueira da bula papal, se ele tivesse seguido as recomendações de seus amigos, a história tomaria um outro rumo. Para Lutero, no entanto estava claro: se ele tivesse renegado a palavra proferida e escrita, como Doutor da Palavra, das Sagradas Escrituras que, ele tinha responsabilidade de interpretar fielmente, ele teria renunciado muito mais do a Reforma. Como ele colocou, ele teria negado Deus, a Palavra, a sua própria consciência e sua saúde mental.

Como colocou Nietzsche muito bem a respeito de Lutero: A obra máxima da prosa teutônica é, com toda certeza, a obra prima do grande pregador alemão: a Bíblia até então tem sido o melhor livro alemão. Cotejada com a Bíblia de Lutero, quase todo o resto é literatura, isto é, uma coisa que não cresce na Alemanha e não tem amadurecido nos corações germânicos como o tem feito a Bíblia (1921, apud, ERIKSON).<sup>238</sup>

---

<sup>236</sup> Representante do Papa, célebre teólogo Tomista, propôs conseguir do Papa a licença para que Lutero fosse julgado pelas Universidades alemãs, em troca da cessação de toda polêmica.

<sup>237</sup> João Eck, denunciou Lutero em Roma, e muito contribuiu para que o mesmo fosse condenado e excluído do Igreja Romana.

<sup>238</sup> ERIKSON, Erik H. Young Man Luther, página 233, citando Friedrich Nietzsche, Zur Genealogia Der Moral, Werke (Stuttgart, Alfred Kroner, 1921, Página 216

## CONCLUSÃO

Chegando ao final deste trabalho, pode-se concluir que a Alemanha não foi mais a mesma, após o Reformador Martinho Lutero ter surgido na história da Cristandade. O século XVI vislumbrou uma grande Reforma, nunca antes vista na história da humanidade. Uma Reforma que invadiu os séculos vindouros; uma reforma responsável por colocar a Igreja Cristã no seu prumo, na sua rota, à luz das Escrituras. Uma Reforma que foi o ponto de partida de outros movimentos, em todo o mundo de então, principalmente na Alemanha, Suíça, França, Inglaterra, Holanda, etc.

Ao crepúsculo do dia 27 de julho de 1537, Martinho Lutero e o mestre Melancton, jantavam juntos, e pensando no porvir, gemiam desconsolados: “Sobrevirá grande confusão de seitas – anunciava Martinho -; ninguém aceitará a doutrina do outro, nem quererá ser governado por autoridade alguma. Cada qual quererá ser seu próprio mestre, como acontece agora com Osiander e Agrícola, de onde surgiram gravíssimos escândalos e dissipações. Por isso, o melhor seria que, reunidos os príncipes em concílio, tomassem medidas preventivas; só que os papistas que temem a luz, se negariam a eles”. Respondeu o mestre Felipe com tristeza: “Jamais o Papa será induzido a aprovar um Concílio geral... Oxalá nossos príncipes e Estados fizeram um concílio para estabelecer alguma concórdia na doutrina e nos ritos, a fim que ninguém particular corra fora temerariamente, com escândalo de muitos, como já se começa fazer. Muito triste é, certamente a fase de nossa Igreja” (1537, apud, GARCIA-VILLOSLADA, 1976).<sup>1</sup>

Outro fato importante para o estudo de Lutero são as descrições que foram feitas dele. Lucas Cranach<sup>2</sup>, que o conhecia muito bem e o tinha em grande estima, retratou o reformador cinco vezes, pelo menos: três pinturas a óleo e duas gravadas em cobre. Esta impressionante galeria, caracterizada pela penetração e as idéias de um mesmo artista, coloca diante dos olhos

---

<sup>1</sup> GARCIA-VILLOSLADA, Ricardo. Martín Lutero, Volume II, En lucha contra Roma. Página 555, citando as *Tischereden* 3900, III 694.

<sup>2</sup> Nasceu em 1472 e morreu em 1553.



figuras completamente distintas. O rosto contemplativo do monge circunspecto só tem em comum a frente ampla e os olhos luminosos e penetrantes como ele enérgico Lutero retratado como um barbudo representante da baixa nobreza. Entre o monge e o cavaleiro tem mundos de distância, e somente um ano, 1520-1521 separa ambos os retratos. É também os olhos o traço mais marcante do rosto do ano de 1532, fixado para a posteridade pelo ateliê de Cranach. E Também o último quadro, realizado por Lucas Cranach em princípios de 1546, tem sua vida nos olhos. O retrato de Lutero morto e sua máscara mostram o morto em toda sua dignidade e a morte em toda a sua inanidade. Testemunhos oculares informam como aqueles olhos penetrantes deslumbravam a quem tinha a sua frente. É impressionante a maneira como ele retratou Lutero. O fato de Martinho Lutero ter tido olhos tão expressivos, e sempre se preocupar de olhar as pessoas nos olhos, demonstra uma força de personalidade muito grande, e como o próprio Cranach o retratou com os olhos vívidos, mostra também o homem inteligente que ele foi.

A descrição mais antiga do aspecto externo de Lutero vem do momento da disputa de Leipzig de 1519, que atraiu a muitos ouvintes que não queria perder o debate teológico entre Karlstadt, Lutero e Johannes Eck. Esta descrição foi feita aproximando-se dele o suficiente para ver-lhe o rosto, e foi feita pelo humanista de Leipzig Petrus Mosellanus<sup>3</sup>. Ele descreve Lutero como um homem de estatura mediana, magro pelas preocupações e estudos, até ao ponto de que poderiam contar seus ossos através da pele. Sem dúvida, seu aspecto é saudável está em plena forma de suas forças físicas.

Martinho Lutero padeceu não somente de tentações, dos conflitos e as preocupações, mas também as enfermidades graves deixaram suas impressões em Lutero. Até o ano de 1520, apenas temos notícia de algumas enfermidades, a margem do acidente que quase lhe custou a vida, quando seu punhal lhe penetrou a artéria. A caminho de Worms, ele foi atacado por uma grave febre, porém ao que parece até Wartburg, ele não sentiu maiores problemas de enfermidades. Ao longo dos anos se tem mantido obstinadamente a lenda de que Lutero experimentou sua decisão reformista como o final de uma dolorosa constipação. Esta história se remonta de uma

---

<sup>3</sup> Por quem Lutero sentiu uma forte admiração e a quem a universidade de Wittenberg havia encomendado um ano antes sua cátedra de grego, antes de encarregá-la a Melancton.

afirmação do próprio Lutero: realizei o meu descobrimento na cloaca. A realidade é que Lutero alojado em Wartburg, tempos depois de sua condenação como herege, padeceu de hemorróidas, e também de fístula anal. As primeiras dificuldades se manifestaram em Worms. A dor o atormentava como nunca o havia feito anteriormente. Neste momento ele se queixava em alemão: "*Mein arss ist bös worden*" (Tenho o ânus doente).<sup>4</sup>

Lutero deve ter sido um homem de constituição forte; caso contrário não poderia ter superado seus estados de tensão, excesso de trabalho e permanentes tribulações. Porém seria um erro imaginá-lo como um homem pleno de vigor. Sua energia vital brota de outra fonte. Sua vida foi uma luta constante contra o diabo, que ele mostra muito bem através de seus escritos, e na composição do hino "Castelo Forte". Por isto estava dos pés a cabeça preparado contra a enfermidade e aberto a saúde do espírito, pois ele descobriu que o justo vive pela fé e a vida não começa no céu, mas aqui. A admoestação medieval acerca da morte: "Em meio da vida estamos cercados pela morte", havia sido transformada por Lutero em um grito da vida pela fé: "Em meio da morte estamos cercados pela vida" (1982, OBERMAN).<sup>5</sup>

O que se pode admirar na vida de Lutero era a sua sinceridade. Muitas vezes este jeito de ser era mal interpretado como sendo grosseria. Ele não tinha medo de dizer o que estava em sua mente, e não tinha receio de falar de suas fraquezas. Isto, que o torna um homem de grande valor. E como ele foi grande; em todos os aspectos: nas esferas da lingüística, teologia, psicológico, liberdade,

A partir do momento que Lutero traduziu as Sagradas Escrituras para sua língua materna, ele revolucionou a língua de seu país. Ele percebeu rapidamente a incapacidade da Igreja conhecer a Deus sem conhecer a Palavra e assim lançou em 1534 a primeira edição da Bíblia por ele traduzida, e em linguagem comum. Isto foi reconhecido até pelo filósofo Nietzsche, grande ateu confesso. Escreveu Klopstock: "Ninguém que sabe o que é uma

---

<sup>4</sup> Lutero, Martinho. WA 2. 334, 6; 12 de maio de 1521.

<sup>5</sup> OBERMAN, Heiko A. Lutero un hombre entre Dios y el diablo. Página 392.

língua compareça sem reverência diante de Lutero. Em nenhum povo um homem só formou tanto a sua língua” (1774, apud EBELING, 1988).<sup>6</sup>

Os monumentos erguidos para reverenciar Lutero sempre o mostram com uma Bíblia na mão. Lutero afirmava que a Bíblia era a Palavra de Deus, e sabia muito bem o que dizia. Mas quando queria realmente expressar o que pensava, dizia que na Bíblia se encontrava a palavra de Deus, a mensagem de Cristo, a expiação, o perdão dos pecados e a dádiva da salvação. Deixava bem claro que a Bíblia continha a palavra de Deus no sentido que transmitia a mensagem do Evangelho. Mas entendia que esta mensagem existia antes da Bíblia, na pregação dos apóstolos. Lutero conseguia interpretar o texto da Bíblia, em seus sermões, escritos e palestras, sem apelar à interpretações especiais de tipo pneumático, espiritual ou alegórico além da interpretação filosófica.

Para Lutero pecado é falta de fé. Falta de fé é o verdadeiro pecado. Ele considerava a vida corrompida em sua totalidade, incluindo sua natureza e substância. Ele falava em depravação total. Quer dizer, não há parte alguma do ser humano isenta dessa alteração existencial. Fé para Lutero era receber a Deus, quando Deus se dá a nós. Ele fazia uma distinção deste tipo de fé da fé histórica (*fides historica*), que reconhece os fatos históricos. Fé é a aceitação do dom de Deus. Em relação a Cristo ele falava: “No Cristo crucificado é que está a verdadeira teologia e o verdadeiro conhecimento de Deus”. Ou seja, o homem só pode ter o conhecimento perfeito de Deus, olhando para a cruz de Cristo.

No campo da psicologia, como foi colocado amplamente no capítulo II deste trabalho, é muito difícil psicologizar a respeito da vida de um líder tão emblemático, tão grandioso, tão respeitado por uns e odiado por outros, como foi Martinho Lutero. Mas pelo volume de sua obra, pelos seus relacionamentos com seus pais, seus preceptores no mosteiro, amigos, conversas à mesa com seus estudantes e amigos, além de suas cartas, e a maneira quase que obsessiva que ele datava tudo isto, seus biógrafos não tiveram tanto trabalho em fazer uma descrição de sua pessoa. A grande dificuldade, como foi colocado na introdução, é a quantidade de material. Quando vai se escrever a

---

<sup>6</sup> EBELING, Gerhard. O pensamento de Lutero. Página 21, citando F. G. Klopstock, Die Deutsche Gelehrtenrepublik, 1ª parte, 1774, página 170.

respeito de Martinho Lutero, é necessário que se faça uma classificação do material, para saber onde chegar, qual o destino, e não ficar perdido no meio de tantas páginas, tantos pensamentos divergentes. Pois ele tanto foi amado quanto odiado.

Através do estudo de Erikson, pode-se constatar que muitas vezes ele não foi tão exato em sua interpretação, justamente por não ir na fonte para examinar; ter confiado em interpretações de terceiros, tornou ele inexato em alguns pontos na vida de Martinho, como por exemplo, na crise do coro, que ele faz uma interpretação como se realmente ele tivesse caído endemoninhado. Mas, ele também coloca que o fato dele não ter mencionado este episódio, pode ter sido provocado por uma amnésia. Até poderia falar que neste momento ele pode ter usado um mecanismo de defesa do ego, a repressão, no sentido dele ter reprimido este conteúdo tão traumático. Mas talvez seja melhor pensar que, naquele momento ele tenha tido apenas uma opressão, um momento estressante que ele estava passando em sua vida.

Outro momento também na obra eriksoniana, analisando a vida de Martinho, quando ele o compara ao ditador, Adolf Hitler em suas fases de construtividade e destrutividade. Esta comparação não faz jus a pessoa de Lutero, em toda a sua magnitude. Se Lutero falou com muita ira em relação aos judeus, ele estava indignado pelo fato deles terem rejeitado ao Messias, a Jesus Cristo. Quando Hitler se levantou contra os judeus e o judaísmo, ele quis exterminá-los diante do pressuposto da superioridade da raça ariana, e executou seus planos muito bem elaborados, com requintes de crueldade e tendo a sua disposição todo um grupo que pensava nos mínimos detalhes como melhor praticar o genocídio. Lutero, sim teve sua fase de destrutividade, quando se levanta contra uma Igreja Romana decadente do ponto de vista moral e teológico. A luz da Palavra que orientava sua vida, ele elaborou muito bem todo o seu corpo doutrinário, através de toda sua vasta obra.

É certo que, pode-se chegar a esta conclusão que a Reforma Luterana foi incompleta, em se tratando de questões sociais. Em 1525 ele escreveu seu panfleto *Contra as Hordas de Camponeses Assassinos e Ladrões*, sugerindo tanto que massacres públicos e secretos em palavras que poderiam adornar os portões do quartel da polícia e dos atuais campos de

concentração, ou prisões como Guantánamo. Ele prometeu recompensas no céu para aqueles que arriscassem suas vidas em subjugar a insurreição.

Enfim, a vida de Martinho Lutero continuará sendo estudada, e apreciada por profissionais de todas as áreas como foi constatado por Erikson no seu livro: historiadores, psiquiatras, psicanalistas, teólogos, pedagogos, e todos quantos se aproximarem de sua vida e obra com muita vontade de se debruçar sobre todos os volumes de sua obra, todas as biografias que já foram produzidas até o presente momento.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ATKINSON**, James. **LUTERO y el Nacimiento Del Protestantismo**. 2ª edición  
Madrid. Espanha. Alianza Editorial, S. A. 1987.
- BAINTON**, Roland Herbert. **Lutero**. 1ª edición. Buenos Aires. Argentina.  
Editorial Sudamericana. 1955.
- BAYER**, Oswaldo. **A teologia de Martin Lutero**. Editora Sinodal. São  
Leopoldo- RS. 2007.
- BRENNER**, Charles. **Noções Básicas da Psicanálise: Introdução à  
Psicologia Psicanalítica**. 5ª Edição. Rio de Janeiro. Imago. 1987.
- BRECHT**, Martin. **Martin Luther his Road to reformation 1483-1521**.  
Fortress press. Minneapolis- EUA. 1993.
- COSTA**, Jurandir Freire. **Sobre Psicanálise e Religião**, site pessoal.  
[www.jfreirecosta.com](http://www.jfreirecosta.com)
- DREHER**, Martin Norberto. **Reflexões em torno de LUTERO**. volume III.  
Editora Sinodal. 1988.
- EBELING**, Gerhard. **O pensamento de Lutero**. 4ª Edição. Editora Sinodal.  
São Leopoldo –RS. 1988.
- ERIKSON**, Erik H.. Identidade, Juventude e Crise. Rio de Janeiro- RJ. Zahar  
Editores.Segunda Edição. 1976.
- \_\_\_\_\_. **il giovane LUTERO, Studio storico-psicoanalitico**. Roma- Itália.  
Editora Armando Armando. 1967.
- \_\_\_\_\_. **Infância e Sociedade**. Rio de Janeiro – RJ. Zahar Editores. Segunda  
Edição. 1976.
- \_\_\_\_\_. **Un modo de ver las cosas- Escritos selectos de 1930 a 1980**.  
México. Fondo de Cultura Económica. Primera edición em español, 1994.
- \_\_\_\_\_. **Young Man Luther, A Study in Psychoanalysis and History**. New  
York- USA. The Norton Library. Primeira Edição. 1958.
- ETCHEGOYEN**, R. Horacio. **Fundamentos da Técnica Psicanalítica**. 2ª  
Edição. Artes Médicas. Porto Alegre-RS. 1989.
- FADIMAN**, James; **FRAGER**, Robert.. **Teorias da Personalidade**. São Paulo.  
Editora HARBRA. 1986.

- FEBVRE, Lucien. Martin Lutero: un destino.** 10ª edición. México. Fondo de Cultura Económica. 2004.
- FEINER, Johannes. Mysterium Salutis, Manual de Teologia como Historia de la Salvacion.** 2º Edição. Ediciones Cristiandad. Madrid – Espanha. 1984.
- FENICHEL, Otto. Teoria Psicanalítica das Neuroses.** São Paulo. Livraria ATHENEU. 1981.
- FITZER, Gottfried. O que Lutero realmente disse.** Civilização Brasileira, Rio de Janeiro-RJ. 1971.
- FLIEDNER, Federico. Martin Lutero, su vida y su obra.** Por CLIE. 1980.
- FUNCK-BRENTANO, Franz. Martin Lutero,** Coleção “Vidas Extraordinárias”. Casa Editora Vecchi Ltda. Rio de Janeiro- RJ. 1968.
- GARCIA-VILLOSLADA, Ricardo. Martin Lutero,** Volumes I. 2ª edición. Madrid. Espanha. La Editorial Católica, S.A. 1976.
- \_\_\_\_\_. **Martin Lutero,** Volume II. 2ª edición. Madrid. Espanha. La Editorial Católica, S.A. 1976.
- HAILE, H. G. Luther a biography.** Sheldon Press London. Marylebone Road – London. 1981.
- HALL, C. et. Alli. Teorias da Personalidade.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.
- JUNGHANS, Helmar. Temas da Teologia de Lutero.** Editora Sinodal. São Leopoldo- RS. 2000.
- KAPLAN, Harold/SADOCK, Benjamin J.. Compêndio de Psiquiatria.** 2ª Edição. Porto Alegre. Artes Médicas. 1990.
- KÜNG, Hans. FREUD e a questão da religião.** 1ª Edição. Campinas, SP. Verus Editora. 2006.
- LAPLANCHE, e Pontalis. Vocabulário da Psicanálise.** 2ª Edição. São Paulo. Martins Fontes. 1992.
- LAU, Franz. Lutero.** 2ª Edição. São Leopoldo-RS. Editora Sinodal. 1980.
- LESSA, Vicente Themudo. Lutero.** São Paulo-SP. Casa Editora Presbiteriana. 1960.
- LIENHARD, Marc. Martim Lutero- Tempo, Vida e Mensagem.** São Leopoldo-RS. Editora Sinodal. 1998.

- LOHSE, Bernhard. Martin Luther na Introduction to His Life and Work.** Fortress Press. Philadelphia – EUA. 1986.
- \_\_\_\_\_. **Martin Luther's Theology, Its Historical and Systematic Development.** Fortress Press. Minneapolis – EUA. 1999.
- LUTERO, Martinho. Ética: Fundamentos – oração- Sexualidade – Educação – Economia.** Volume 5, Obras Seleccionadas. São Leopoldo/Porto Alegre, RS. Editora Sinodal/Concórdia Editora. 1995.
- MARIUS, Richard. MARTIN LUTHER, the Christian Between God and Death.** 1ª Edição. Massachusetts – London, England. The Belknap Press of Harvard University Press. 1999.
- MILLOT, Catherine. Freud antipedagogo.** 1ª Edição. Rio de Janeiro-RJ. Jorge Zahar Editora. 1987.
- MONTES, Adolfo González. Reforma Luterana Y Tradicion Catolica.** Biblioteca de La Caja de Ahorros Y M. P. de Salamanca – Espanha. 1987.
- MORANO, Carlos Domingues. Crer Depois de Freud.** 1ª Edição, São Paulo-SP. Edições Loyola. 2003.
- NIETZSCHE, Friedrich. Anti-Cristo.** Biblioteca de Ciências Humanas. Editorial Presença. Lisboa - Portugal. 1974.
- OBERMAN, Heiko A. LUTERO Un hombre entre Dios y el Diablo.** 1ª edicion. Madrid, Espanha. Alianza Editorial. 1982.
- PALMER, Michael. Freud e Jung Sobre a religião.** 1ª Edição. São Paulo, SP. Edições Loyola. 1997.
- RACKER, Heinrich. Estudos Sobre a Técnica Psicanalítica.** Porto Alegre. Artes Médicas. 1988.
- RIZZUTO, Ana Maria. Porque Freud rejeitou Deus. Uma interpretação psicodinâmica.** São Paulo Editora Loyola. 2002.
- SAUSSURE, A. de. Lutero.** Editora Vida. São Paulo – SP. 2004.
- SEEBERG, Reinhold. Manual de Historia de las doctrinas.** Tomo II. Casa Bautista de Publicaciones. El Paso, Texas – EUA.
- SIGGINS, Ian. Luther & his Mother.** Primeira Edição. Philadelphia – USA. Fortress Press. 1981
- TAPPERT, Theodore G. Luther's Works, Volume 54 Table Talk.** Fortress Press. Philadelphia- EUA. 1967.



**TILLICH, Paul. História do Pensamento Cristão.** ASTE. Imprensa Metodista. São Paulo- SP. 1967.

**VILANOVA, Evangelista. Historia de La Teologia Cristiana.** Tomo Segundo. Editorial Herder. Barcelona – Espanha. 1989.

**WONDRACEK, Karin Hellen Kepler. O futuro e a Ilusão.** 1ª edição. Editora Vozes. Petrópolis-RJ. 2003.